

EU NÃO EXISTO ATÉ
VOCÊ ME CURTIR



XIKÃO

XIKÃO

FRANCISCO LUCIANO DA COSTA / XIKÃO XIKÃO

EU NÃO EXISTO ATÉ VOCÊ ME CURTIR:

UM MERGULHO NAS SELFIES E NOS NUDES

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS (PPGAU) DO INSTITUTO DE ARTES (IdA) DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB), COMO PARTE DA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM ARTES VISUAIS.

ORIENTADOR: PROF. DR. CHRISTUS MENEZES DA NÓBREGA

BANCA:

PROF. DR. CHRISTUS MENEZES DA NÓBREGA
(ORIENTADOR)

PROF. DRA. LUISA GÜNTHER ROSA (EXAMINADORA)

PROF. DRA. MARIA LUIZA PINHEIRO GUIMARÃES
FRAGOSO. (EXAMINADORA)

PROF. DRA. KARINA E SILVA DIAS (SUPLENTE)

BRASÍLIA

2021

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

de da Costa, Francisco Luciano
Eu Não Existo Até Você Me Curtir: um mergulho nas
selfies e nos nudes / Francisco Luciano da Costa;
orientador Christus Menezes da Nóbrega. -- Brasília, 2021.
2016 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Artes) --
Universidade de Brasília, 2021.

1. Selfie. 2. Nude. 3. Redes Sociais. 4. Ciberespaço. 5.
Arte Contemporânea. I. Menezes da Nóbrega, Christus, orient.
II. Título.

AGRADECIMENTOS :

Obrigado a todas as companhias durante essa jornada.

O Orientador Christus, o namorado Diogo, a mãe Magdalena, os/as amigos/amigas - Silvino, Waleff, Ana Camila, as integrantes das bancas – Luísa, Maria Luísa, a revisora Marina, o hispanohablante Leonardo, a english-speaking Mariana, as/os professoras/professoras – Karina, Gê, os gatinhos loiô, laiá, Tapioca.

E quem mais esteve presente.

Obrigado a você que está lendo.

Obrigado a todas as curtidas que recebi.

Sem elas, eu não existiria.

Obrigado a todas as curtidas que não recebi.

Sem elas, eu também posso existir.

Para além do ciberespaço

NOTAS

NOTA 1:

“O presente trabalho foi realizado com apoio parcial da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”. Ressalto a parcialidade do apoio, pois sob o desgoverno Bolsonaro, milhares de bolsas de fomento à pesquisa universitária foram cortadas. Incluindo a minha, suspensa 15 meses após o início do mestrado. Além disso, todos os dias, as universidades federais sofrem os mais diversos ataques. Mas como já diria Darcy Ribeiro, *a crise da educação no Brasil não é uma crise; é projeto*.

NOTA 2:

Parte dessa dissertação foi escrita durante a pandemia provocada pela COVID19. Sendo assim, decidi não ignorar a existência da pandemia, e busquei incorporá-la na pesquisa, mas sem torná-la o assunto principal. Discorrer sobre os nudes de quarentena ou sobre as selfies da vacina foram algumas das estratégias encontradas.

NOTA 3:

Ao longo do texto foram usados termos relacionados ao ciberespaço e à cibercultura, sendo alguns estrangeirismos ou coloquialismos. Busquei explicar ou traduzir, sempre que possível. (exemplos: *printscreen/captura de tela*) Também houve um esforço no uso da linguagem neutra, a fim de tornar o texto mais inclusivo para quem lê. Algumas vezes utilizei, simultaneamente, as flexões masculinas e femininas (exemplos: *leitores/leitoras* ou *leitores/as*), e um menor número de vezes a terminação *-e* para abranger gêneros não binários (exemplos: *blogueira/blogueiro/blogueire* ou *blogueira/o/e*).

RESUMO

Esta pesquisa busca compreender as autoimagens contemporâneas, mais especificamente a selfie e o nude, assim como procura se aprofundar na minha produção artística mais recente, com destaque para quatro obras: *Selfie Service* (2016-2019), *ALTERselfie* (2016-2019), *Nude* (2017-2018) e *Manda Nudes* (2018-2019). Ao longo desse estudo são utilizadas as mais diversas referências, como outras obras e processos artísticos, textos acadêmicos, memes, vídeos, notícias, conversas com amigos/as/ues, romances e publicações em redes sociais. Ademais, são apresentados conceitos como pós-fotografia e sociedade do espetáculo, sendo que os resultados dessa investigação são: esse texto, que está dividido em quatro capítulos, e alguns processos artísticos, que surgem nas próximas páginas.

Palavras-chave: Selfie, Nude, Redes Sociais, Ciberespaço, Arte Contemporânea, Seminude, Metaselfie, Imagem Sélfica, Imagem Núdica.

Abstract

This research aims to understand contemporary self-images, in particular, the selfie and the nude. It also seeks to understand my most recent artistic production, with emphasis on four artworks: *Selfie Service* (2016-2019), *ALTERselfie* (2016-2019), *Nude* (2017-2018) and *Manda Nudes* (2018-2019). Throughout this study, diverse references are used, for instance other artwork and art processes, papers, memes, videos, news, conversations with friends, novels, and social media posts. Moreover, concepts like post-photography and the society of spectacle are introduced. Furthermore, the results of this inquiry are: this text, which is composed of four chapters, and some artistic processes, which arise in the next pages.

Keywords: Selfie, Nude, Social Media, Cyberspace, Contemporary Art, Seminude, Metaselfie, Selfic Image, Nudic Image.

Resumen

Esta investigación busca comprender autoimágenes contemporáneas, más específicamente el selfie y la nude (también conocida en los países hispanohablantes como fotos de desnudo, fotos *hot* o *pack*), así como busca profundizar en mi producción artística más reciente, especialmente sobre cuatro obras: *Selfie Service* (2016-2019), *ALTERselfie* (2016-2019), *Nude* (2017-2018) y *Manda Nudes* (2018-2019). A lo largo de este estudio son empleados diversos referentes como otras obras y procesos artísticos, textos académicos, memes, vídeos, noticias, charlas con amigos/as/ues, novelas y publicaciones en redes sociales. Además, son presentados conceptos como post fotografía y sociedad del espectáculo, siendo los resultados de la investigación este texto de cuatro capítulos y algunos procesos artísticos, los cuales están en las próximas páginas.

Palabras clave: Selfie, Nude, Redes Sociales, Ciberespacio, Arte Contemporáneo, Seminude, Metaselfie, Imagen Sélfica, Imagen Núdica.

SUMÁRIO

Introdução: Uma internet discada, uma câmera digital e uma página de <i>fotolog</i>	9
Capítulo 1: Ei, moço, tira uma selfie da gente?	14
Anexo 1	61
Capítulo 2: O biscoito nosso de cada dia	68
Anexo 2	107
Capítulo 3: Nude é e não é uma selfie pelado/a/e	110
Anexo 3	151
Capítulo 4: Quem nunca mandou nude pra pessoa errada?	160
Anexo 4	195
Considerações Finais: É sobre isso	197
Lista de Imagens	202
Referências	208

INTRODUÇÃO

Uma internet discada, uma câmera digital e uma página de *fotolog*

Há vinte anos, em 2001, ganhei um computador pessoal quando contava 10 anos de idade e as possibilidades eram resumidas a jogos de CD-ROM e trabalhos escolares feitos no Word. Depois, em 2007, graças a um *modem* e uma conexão discada, comecei a explorar o ciberespaço e logo descobri os blogs fotográficos – *fotologs* e o Orkut, a primeira rede social popular no Brasil. Naquele momento, eu experimentava as selfies, antes mesmo de receberem esse nome. Já em 2012, na metade da minha graduação em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes (EBA) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), encontrei um livro com obras de Cindy Sherman (que no caso era o livro *Cindy Sherman: Retrospective*, de 1997) e me interessei profundamente pelo autorretrato. Na sequência criei uma série de autorretratos nomeada *Persona* (2012), na qual construo minha identidade a partir de adereços de carnaval. Tal obra pode ser considerada um marco inicial da minha poética. Atualmente me interesso pela interseção entre autorrepresentação e ciberespaço, e desde 2016 venho produzindo a partir desse recorte. Destaco aqui quatro obras que são embriões dessa dissertação: *Selfie Service* (2016-2019), *ALTERselfie* (2016-2019), *Nude* (2017-2018) e *Manda Nudes* (2018-2019).

Resumidamente, *Selfie Service* (2016-2019) é uma instalação com papéis e espelhos que carregam textos provocativos sobre a selfie. *ALTERselfie* (2017-2019) é uma série fotográfica, na qual coletei selfies de rapazes parecidos comigo e reordeno essas imagens, criando uma narrativa de homogeneidade. *Nude* (2017-2018) é uma série

fotográfica na qual visto uma roupa elástica e reenceno diversas poses recorrentes das nudes encontradas na internet. E *Manda Nudes* (2018-2019) é uma performance na qual novamente visto uma roupa elástica, produz nudes com uma câmera instantânea e distribuo ao público.

A partir dessa bagagem, me interesse em mergulhar nas questões da própria produção e aquelas que orbitam o entorno dela, como por exemplo as origens da selfie¹ ou os tipos de nude². E para alcançar esses objetivos, utilizo três métodos de investigação: análise de obras, leitura bibliográfica e pesquisa de campo.

A análise de obras compreende possíveis leituras sobre as produções artísticas que contribuem para a pesquisa. Parte das obras (ou processos) é composta por minha produção artística e a outra parte, por produções de outras/os artistas. Dentre a minha produção artística, estão as obras já mencionadas anteriormente e os processos artísticos que surgem no desenrolar da pesquisa. Já entre a produção alheia, há uma diversidade de artistas, nacionais e internacionais de diferentes idades e gerações. São elas/es : Cindy Sherman (1954 -), John Yuyi (1991 -) Tom Galle (1984 -) Moisés Sanabria (1990 -), Silvino Mendonça (1987 -), Amália Ulman (1989-), Aleta Valente (1986 -), Eduardo Montelli (1989 -), Penelope Umbrico (1957 -), Rafael Bqueer (1992 -), Robert Mapplethorpe (1946 – 1989) e Hudinilson Jr (1957 - 2013).

Já a leitura bibliográfica consiste em procurar autores/as, pesquisadores/as e teóricos/as que tenham escrito sobre a temática da pesquisa, a fim de citá-los/las, diretamente ou indiretamente. Dentre os/as autores/ras, há pesquisadores/as nacionais e internacionais. São eles/as: Joan Fontcuberta (1955 -), Paula Sibilia (1967 -), Annateresa Fabris (1947-

¹ Por escolha do autor, a palavra selfie não será considerada um estrangeirismo. Por isso não será escrita em itálico. Afinal, o termo já é comum em nosso vocabulário.

² Por escolha do autor, a palavra nude não será considerada um estrangeirismo. Por isso não será escrita em itálico. Afinal, o termo já é comum em nosso vocabulário.

), Guy Debord (1931 - 1994), Susan Bright (1969 -), Liz Rideal (1954 -), Pierre Levy (1956 -) e Byung Chul Han (1959 -). Além dos/os pesquisadores/os acadêmicos/as, também está incluída a fala de artistas, *youtubers*³, jornalistas, entre outros/as tantos/as pensadores/as; e os mais diversos memes⁴.

A pesquisa de campo consiste em estabelecer diálogos entre o estudo e aquilo que é estudado. Afinal, muitas vezes busquei as respostas dessa dissertação no ciberespaço, outras vezes alimentei o ciberespaço com os questionamentos encontrados aqui. Como, por exemplo a enquete que fiz com meus seguidores do Instagram, questionando a flexão de gênero mais usual para o termo nude.

Outro tipo de mapeamento sobre a pesquisa que é possível de ser feito é em relação a sua estrutura. Mais especificamente, a delimitação dos capítulos da pesquisa. Primeiramente, há a **Introdução** que leva como subtítulo: “Uma internet discada, uma câmera digital e uma página de fotolog”. A função dela é apresentar a pesquisa em todos seus detalhes. Depois há quatro capítulos. O **capítulo um** leva o título de “Ei, moço, tira uma selfie da gente?” e se aprofunda na imagem sélfica (definição, origens, categorias, autores) e na obra *Selfie Service*. Já o **capítulo dois**, leva o título de “O biscoito nosso de cada dia”, e nele se investigam a cultura sélfica (relações, impactos, convenções) e a obra *ALTERselfie*. O **capítulo três** leva o título de “Nude É e Não É uma Selfie Pelado(a)(e)” e se aprofunda na imagem núdica (definição, origens, categorias, autores) e na obra *Nude*. E o **capítulo quatro** leva o título de “Quem Nunca Mandou Nude pra Pessoa Errada?”, e nele se investiga a cultura núdica (relações, impactos, convenções) e a obra *Manda Nudes*. Ainda há as **Considerações Finais** que levam o subtítulo de “É Sobre Isso” O papel dessa seção é discorrer sobre o processo de escrita dessa escrita. E por fim os **Anexos** que disponibilizam de forma completa as imagens da minha produção artística.

³ Pessoa que realiza vídeos e compartilha o material gravado com seu público na plataforma virtual Youtube. Atualmente, essa produção pode ser mercantilizada e o termo pode denominar uma profissão.

⁴ Imagem, texto ou vídeo, com narrativa humorística que se espalha rapidamente pela internet.

Além de todos esses mapeamentos, vale ressaltar que algumas noções são vitais para melhor compreensão dessa pesquisa. Espacialidade, velocidade, durabilidade e disponibilidade se farão presentes ao longo do texto, assim como, em menor grau, as noções de circulação e exibição.

Por fim, acredito que essa pesquisa possa contribuir com muitos outros estudos. Afinal não faltam questionamentos sobre as autoimagens contemporâneas. O que são? Como surgiram? Qual origem dos termos? Quais os tipos? Quem as faz? Por que as faz? Para quem as faz? Quanto tempo duram? Que impactos causam? Ainda são relevantes? Todas essas questões merecem mergulhos. As respostas, eu não prometo. E talvez elas ainda nem existam. Mas, quem sabe, eu consiga propor novos olhares para que o/a leitor/a possa continuar a discussão e desdobrá-la em próximas pesquisas. Ou, também, que esse trabalho consiga disparar uma gama de imagens intrigantes para que o/a leitor/a talvez produza outras imagens, igualmente instigantes. E as atire no mundo.

Ou melhor, e as compartilhe na internet.

#photooftheday #instagood #tbt #like4like #followme



Imagem 0: Uma das imagens resgatadas do meu extinto *fotolog*. 2006.

CAPÍTULO 1

Ei, moço, tira uma selfie da gente?

Quando terminei minha graduação em artes visuais, em finais de 2014, me interessava por questões correlatas ao autorretrato e à identidade. O resultado plástico do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi uma série de vinte e cinco aquarelas de carteiras de identidade (RG), a qual intitulei de *Segunda Via* (2013). No entanto, sentia a necessidade de ir mais a fundo na pesquisa e explorar novos territórios. Então a oportunidade surgiu em janeiro de 2016, um curso chamado Selfie Performance. O curso acontecia na EAV Parque Lage, no Rio de Janeiro, e era ofertado por três professores/as: Daniel Toledo, Caroline Valansi e Denise Cathilina. Seria a oportunidade perfeita de me arriscar em um novo território que vinha chamando minha atenção, a selfie. A duração do curso foi de cinco dias e ao final acontecia uma mostra com os trabalhos desenvolvidos. Dentre as muitas questões e reverberações ecoantes, uma delas me marcou. É possível fazer selfies sem imagem?

Para responder essa questão, desenvolvi 24 textos com percepções sobre o que caracteriza uma selfie, quem as fazia, quando fazia e como fazia. Dentre os textos, alguns vinham na forma de pergunta para o/a espectador/a, outros vinham de pequenos relatos cômicos e havia ainda aqueles que eram somente uma intrigante frase. A partir desses textos, produzi 48 impressões em papel tamanho A3, similares a um lambe-lambe⁵, e

⁵ Lambe-lambe é um tipo de poster que é colado no espaço público. Pode ser empregado em diferentes tipos de papéis e diferentes tipos de cola. Geralmente possui alguma frase ou alguma imagem.

colei no espaço expositivo. Também, deixei alguns textos sobre um cubo branco para que as pessoas pudessem levar para casa. Assim nasceu *Selfie Service* (2016-2019).

Na época fiz algumas escolhas estéticas que foram abandonadas ao longo do processo, como o uso de papéis coloridos ou a inserção do horário em que texto foi escrito. Inclusive, *Selfie Service* continua em processo até hoje. A cada montagem, a instalação toma uma forma, pelas próprias características dos espaços expositivos. E a cada exibição, o conteúdo também se modifica. Alguns textos precisam ser retirados, pois ficam obsoletos, e novos textos precisam ser criados e acrescentados. A selfie está em constante transformação.



Imagem 1: Primeira montagem de *Selfie Service*, Xikão Xikão, 2016.

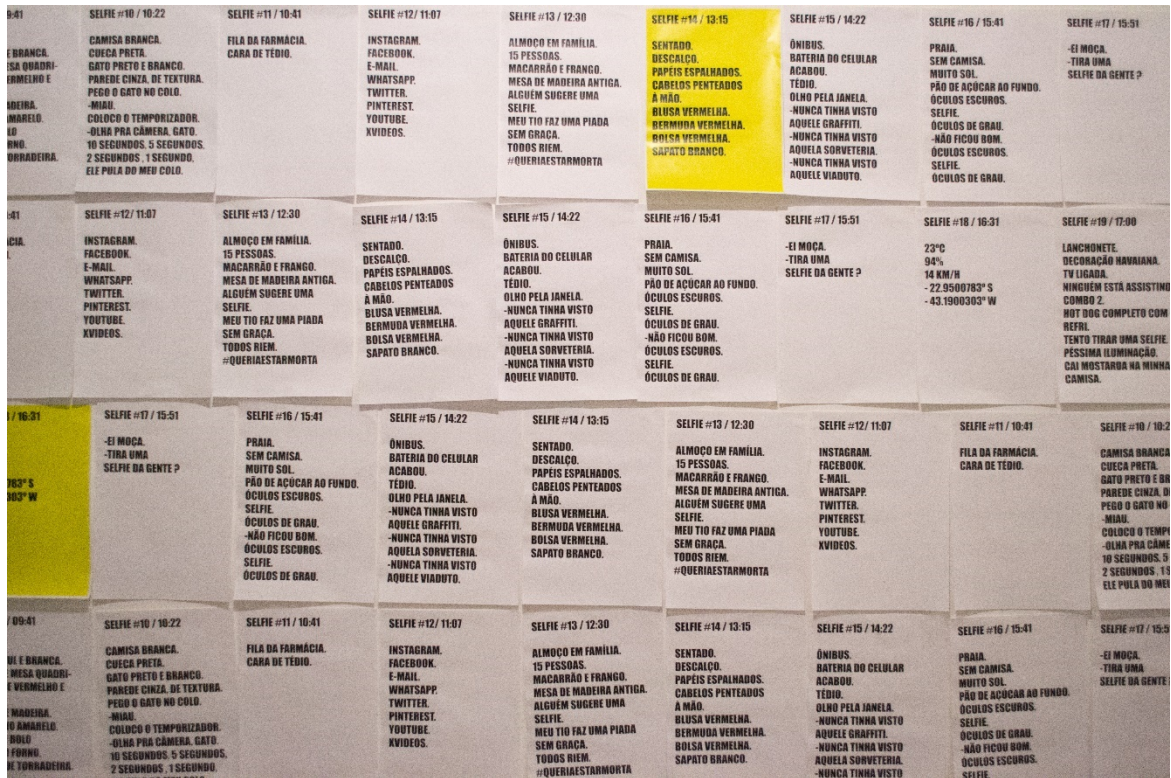


Imagem 2: Primeira montagem de *Selfie Service*, Xikão Xikão, 2016.

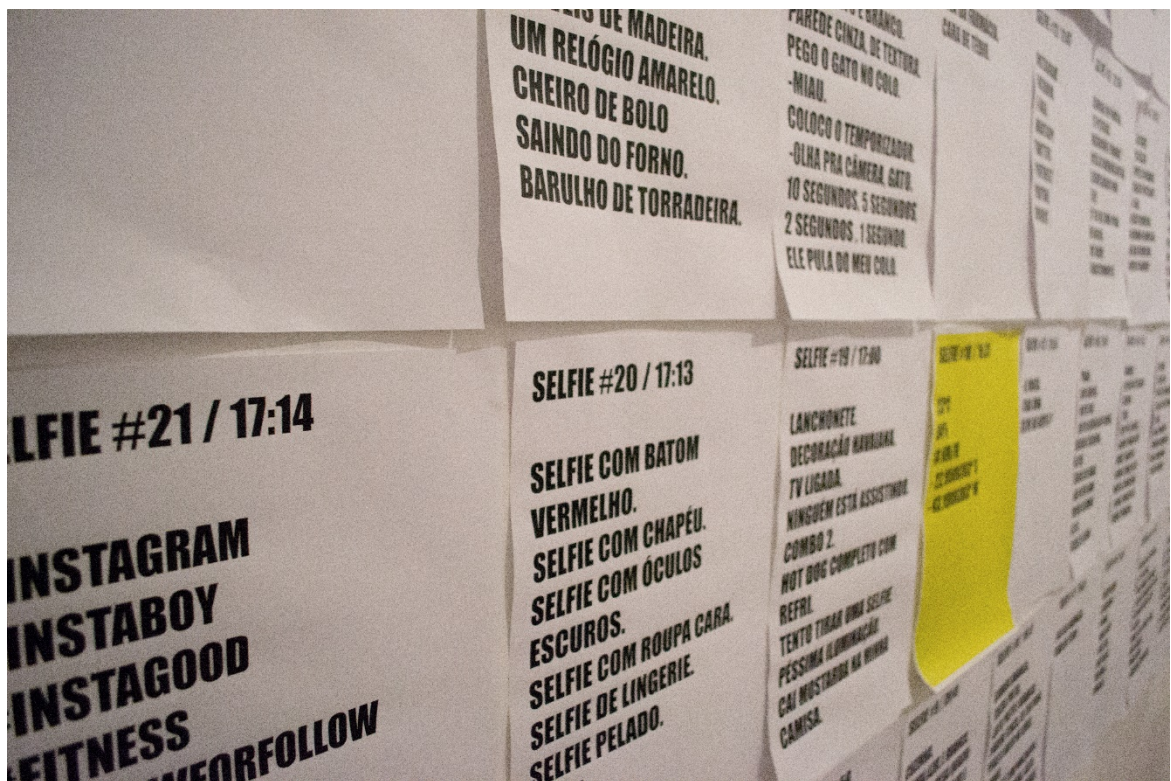


Imagem 3: Primeira montagem de *Selfie Service*, Xikão Xikão, 2016.

Atualmente a instalação conta com 72 textos, sendo que 64 são impressos em papéis e 8 colados sobre espelhos. Os espelhos surgiram no meio do processo e têm como intenção fazer o visitante se enxergar na obra, em todos os sentidos possíveis. Obviamente os espelhos também são um convite para que as/os visitantes façam selfies. E as fazem. Selfie sobre *Selfie-Service*. Selfie sobre Selfie. Metaselfie.

Contudo, é do meu desejo que, futuramente, a instalação seja composta apenas por espelhos. Por enquanto, por questões de custo, não é possível. Talvez esse desejo tenha surgido para contornar a imaterialidade da obra, pois o que importa são os textos e não os papéis. Tanto é que esses papéis estão sempre sendo substituídos. Não há originais. É tudo cópia da cópia da cópia. A escolha do papel aconteceu pelo custo e pela portabilidade do material. Também já me ocorreu a ideia de traduzir para outros idiomas, transformar em livro, entre outros. *Selfie Service* é oceano de possibilidades.

Por mares nunca dantes navegados. A instalação se difere do restante da minha produção. Pela primeira vez eu não utilizo meu próprio corpo ou minha própria imagem. Não é autorretrato, nem autovídeo. Contudo, estou bem representado pelos textos. Afinal *Selfie Service* são as minhas percepções, meus questionamentos, minhas conclusões sobre a selfie. Como uma conversa que quero iniciar com as pessoas. Desejo que as pessoas leiam, reflitam, achem graça, apontem, levem para casa, colemb nos quartos, espalhem pela cidade, postem nas redes sociais. Inclusive, fico feliz quando as pessoas me buscam para conversar, de forma presencial ou virtualmente, quando essa obra está sendo exposta. Até hoje, me lembro de uma situação específica: a vernissage já estava acabando e, antes de me retirar, uma funcionária responsável pela limpeza do museu timidamente me abordou e perguntou se também poderia levar para casa um daqueles papéis, pois ela havia gostado muito dos textos e que a filha dela fazia muitas selfies. Enquanto me apontava, alegremente, seus favoritos.

Aliás, por esse caráter relacional, o nome do trabalho é uma piada com os restaurantes do tipo *self-service*, extremamente comuns no Brasil. Pelo menos, eram muito comuns

antes da pandemia ocasionada pela COVID-19. Futuramente, com regras mais rígidas de higiene, talvez caiam em desuso. Talvez não. Nesse tipo de restaurante, a pessoa é exposta a uma variedade de comidas, escolhe aquelas que mais lhe apeteçam, se serve delas e paga pela quantidade consumida. Similar a proposta da instalação. Um self-service de selfies. Um *Selfie-Service*.

Selfie Service também foi um desvio na minha produção, pois foi a primeira vez que desenvolvi uma instalação. Até então, havia me dedicado à pintura, fotografia e performance. Posteriormente, a instalação acabou se tornando mais comum em meu vocabulário artístico. Mas o desejo de explorar o espaço nessa ocasião aconteceu pela própria temática da obra, já que investigando a selfie, várias vezes me perguntei: por onde circula a selfie? É possível circular a selfie em outras espacialidades? *Selfie Service* é um esforço de migrar a selfie do ciberespaço para outros espaços. Inclusive, a instalação ocupa diferentes espaços de diferentes maneiras. Agora outro desafio é migrar a instalação para as páginas dessa dissertação. Novamente fazer a selfie circular por outro espaço, o acadêmico. Deslocamentos e Espacialidades.

Vale ressaltar que *Selfie Service* foi exibida em sete exposições⁶. Primeiro, foi exposta em março de 2016 por apenas um dia no Parque Lage após o término do curso. E por último na exposição coletiva Arte Londrina 7, que ocorreu em Londrina (PR) em finais de 2019. Foi o trabalho que mais circulou em minha trajetória como artista.

⁶ Exposto em:

- *Arte Londrina 7 – Precipitações/ Coletiva / Divisão de Artes Plásticas de Londrina (DaP) / Londrina (PR) / 2019.*
- *Selfie Service / Individual / Memorial Minas Gerais Vale / Belo Horizonte (MG) / 2017-2018.*
- *Copy of a Copy/ Individual / Galeria de Arte Nello Nuno (FAOP) / Ouro Preto (MG) / 2017*
- *Cópia da Cópia.Jpeg/ Individual / Galeria de Arte da Assembleia Legislativa de Minas Gerais / Belo Horizonte (MG) / 2017.*
- *Cá Entre Nós / Coletiva / OÁ Galeria / Vitória (ES) / 2017.*
- *Curto Circuito – Conexões Imprevistas / Coletiva-Ocupação/ Sesc Palladium/ Belo Horizonte (MG) / 2016.*
- *#SelfiePerformance / Coletiva / Galeria da EAV (Escola de Artes Visuais) Parque Lage / Rio de Janeiro (RJ) / 2016.*

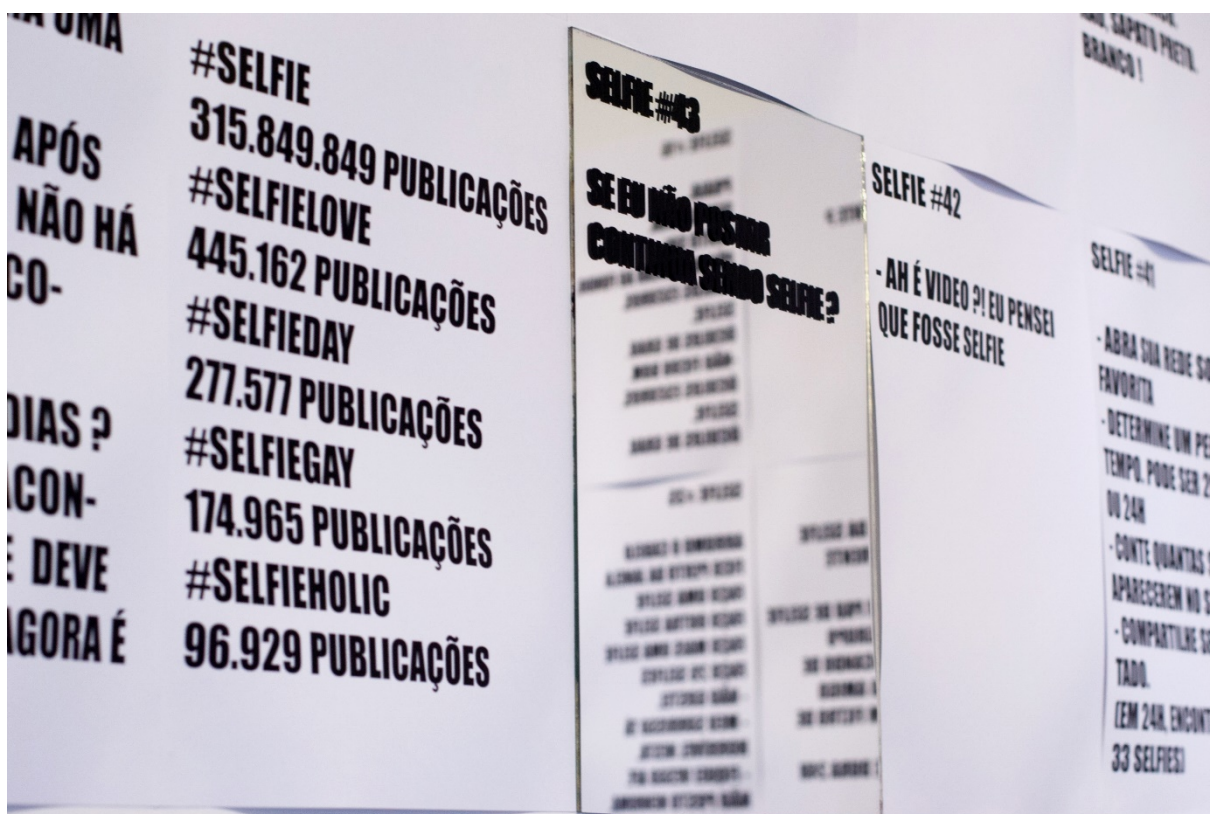


Imagem 4: Montagem mais recente de *Selfie Service*, Xikão Xikão, 2019.



Imagem 5: Montagem mais recente de *Selfie Service*, Xikão Xikão, 2019.

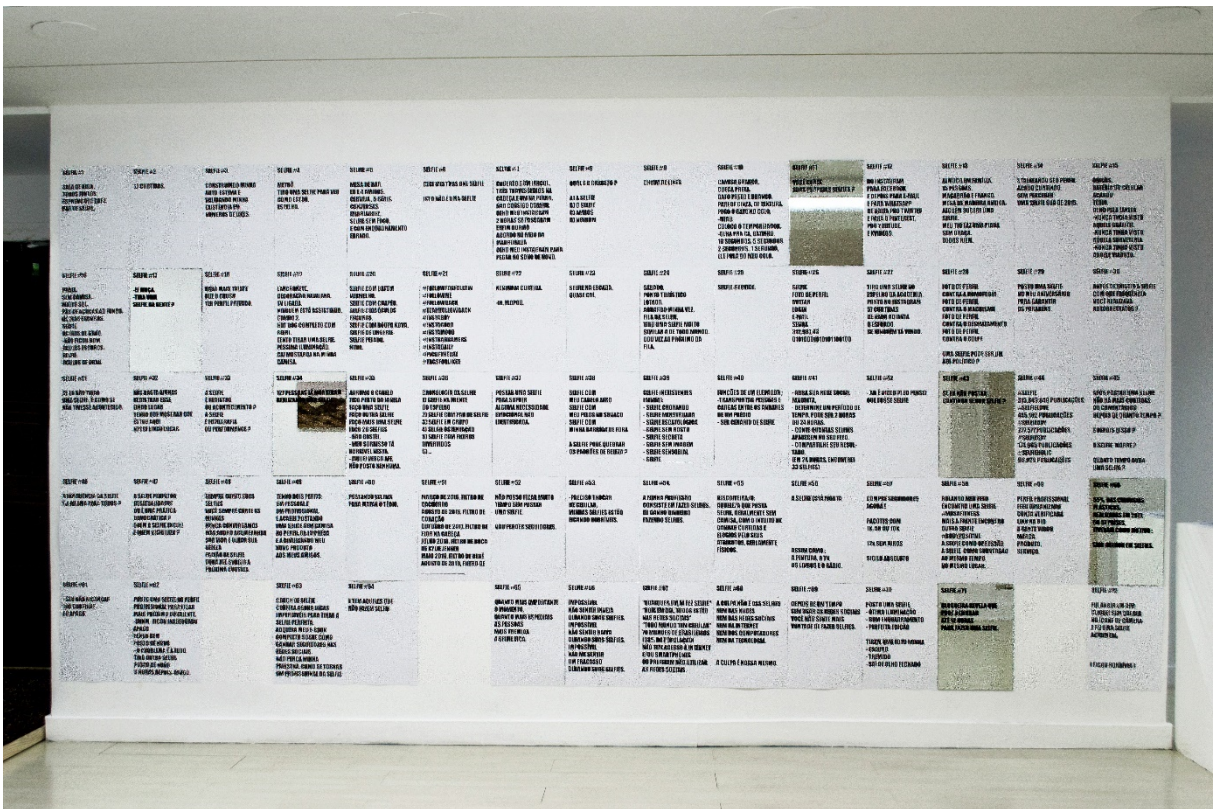


Imagem 6: Montagem mais recente de *Selfie Service*, Xikão Xikão, 2019.

Num método similar ao que realizo para criar os textos de *Selfie Service*, escrevo essa dissertação. Na obra, eu me debruço no universo das selfies e vou escrevendo apontamentos sobre elas. Na dissertação farei o mesmo. A única diferença talvez seja a densidade das discussões, que aqui, serão mais longas e robustas. Então, para começar as discussões: o que deu origem à selfie?

Embora seja um fenômeno recente, a selfie não é exatamente inédita. Podemos entendê-la como uma continuidade ou mesmo uma vertente do autorretrato, um gênero já tão consolidado na história da arte. Mas também podemos entender que a selfie e o autorretrato são coisas distintas e que cada um possui suas particularidades, a depender da interpretação.

O desejo de se eternizar por imagens é tão antigo e tão recente. Em um passado longínquo, o egípcio Ni-Ankh-Ptah (2414 a.C. – 2375 a.C, aproximadamente.) leva o crédito, até o momento, de primeiro autorretratista. O escultor inseriu sua figura em um relevo sobre um combate náutico egípcio por volta de 2350 a.C., segundo o livro *500 Autorretratos* (2018), organizado pela editora Phaidon Press (BELL; RIDEAL, 2018, p.24). Paralelo a isso, milênios depois aconteceu a “espontânea”⁷ selfie que a apresentadora Ellen Degeneres tirou com alguns atores e algumas atrizes norte-americanos/as na cerimônia do Oscar em 2014. A “selfie do Oscar” se tornou uma das imagens mais compartilhadas na internet, com 3,4 milhões de retuítes (retweets)⁸.

⁷ Para saber mais, consultar: <https://exame.com/marketing/selfie-do-oscar-surpreendeu-ate-a-samsung-garante-empresa/>

⁸ Uma republicação de texto, imagem ou vídeo, que ocorre dentro da rede social Twitter.

SELFIE #41

- ABRA SUA REDE SOCIAL FAVORITA.

- DETERMINE UM PERÍODO DE TEMPO. PODE SER 2 HORAS OU 24 HORAS.

- CONTE QUANTAS SELFIES APARECEM NO SEU FEED.

- COMPARTILHE SEU RESULTADO.

(EM 24 HORAS, ENCONTREI 33 SELFIES)

SELFIE #30

**ANTES DE EXISTIR A SELFIE
COM QUE FREQUÊNCIA
VOCÊ REALIZAVA
AUTORRETRATOS ?**

Imagem 8: Texto de Nº 30 de *Selfie Service*, Xikão Xikão, 2016-2019.



Imagem 9: Selfie do Oscar, 2014.

A vontade de fazer circular sua própria imagem é tão antiga e tão recente. O artista holandês Rembrandt (1606 – 1669) é considerado um dos artistas que mais produziu autorretratos, sendo 78 imagens de si mesmo, divididas entre pinturas, gravuras e desenhos. A maioria comprada por colecionadores. Outro exemplo, mais contemporâneo de volumosa circulação de imagens de si, é a “rainha das selfies”, Kim Kardashian (1980-). Em 2015, Kardashian lançou o fotolivro intitulado *Selfish* com 352 páginas recheadas de suas selfies. Algumas, inéditas.

O impulso de explorar a própria identidade e biografia através da representação é tão antigo e tão atual. A pintora mexicana Frida Kahlo (1907- 1954) explorou questões de raça e gênero através de seus autorretratos. Além disso, também encontrou nos autorretratos uma forma de biografar sua própria vida. Outro exemplo disso é Marimoon (1982 -), uma das primeiras web-celebridades brasileiras. Marimoon, por volta de 2003, postava na plataforma Fotolog, (uma das primeiras plataformas de compartilhamento de fotos na internet), suas selfies com edição caprichosa, na qual apresentava seus cabelos coloridos, seus figurinos estilosos e sua estética alternativa (alternativa, para a época).

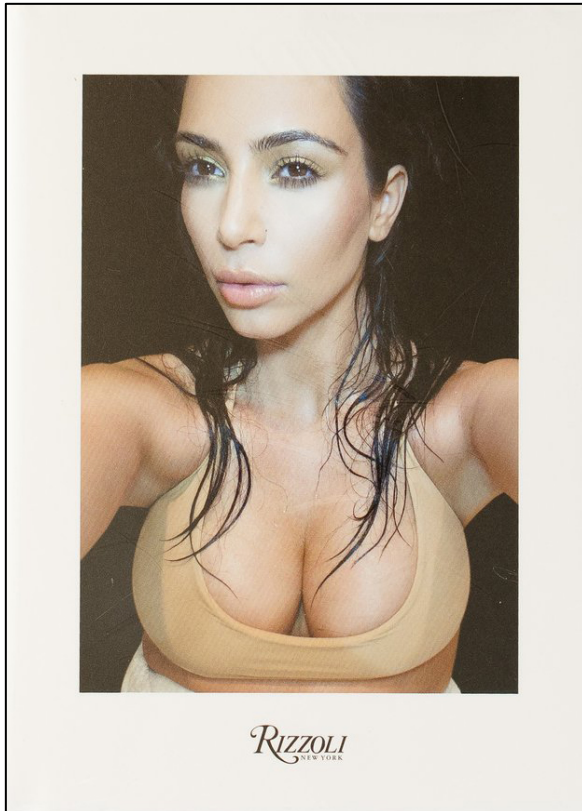


Imagem 10: Capa do livro *Selfish*, de Kim Kardashian, 2015.



Imagem 11: Selfies de Marimoon, por volta de 2003.

Embora o autorretrato nos acompanhe no passado e na atualidade, é nítido que cada vez mais se torna presente na sociedade. Na arte contemporânea, há uma explosão de artistas autorretratistas. Especialmente aquelas/es que utilizam o autorretrato para dizer da/o outra/o. Através da própria imagem e corpo, questões sociais como machismo, racismo, LGBTQfobia, gordofobia são abordadas. Como discorre Susan Bright em seu livro *Auto-Focus: The Self-Portrait in Contemporary Photography* (2010):

No começo dos anos setenta e oitenta, o autorretrato se tornou um veículo importante para aqueles que começam a se posicionar politicamente. Artistas, cada vez mais, usam a fotografia para expressar suas próprias identidades em termo de raça, gênero e sexualidade, frequentemente usando seus próprios corpos como instrumentos para chamar atenção para quem foi esquecido na predominantemente branca, de classe média e masculina Arte Ocidental. O pós-modernismo demonstra que a representação do eu pode operar múltiplos papéis em invés de simplesmente ser uma vitrine de sentimentos internos ou de narrativas autobiográficas. (BRIGHT, 2010, p.17, Livre Tradução)

Um exemplo disso é a canônica artista norte americana, Cindy Sherman (1954 -). Em seu trabalho *Untitled Film Still* (1977-1980) a artista se representa como estereótipos de personagens femininos do cinema antigo, explicitando o machismo no olhar cinematográfico daquela época. Outro exemplo é a artista brasileira, e travesti, Rosa Luz. A mesma, se fotografou com o peito escrito em uma tipografia de pixo⁹ “*E Se a Arte Fosse Travesti?*” questionando uma falta de representatividade travesti na história, sistema e mercado da arte.

Mas o autorretrato ultrapassou a fronteira das artes visuais e adentrou o nosso cotidiano. O surgimento das câmeras digitais e smartphones, e a expansão dos espaços virtuais de comunicação como fóruns online¹⁰, websites, e especialmente as redes sociais (MySpace, Orkut, Facebook, Instagram, Tik Tok entre outras) facilitaram os desejos autoexploratórios, embora não sejam diretamente a causa dessa mudança. Na contemporaneidade, todos/as/es (ou quase todos/as/es) buscam a autorrepresentação, em algum momento. Como diria Susan Bright: “É uma compulsão para qualquer indivíduo com uma câmera, artista ou não, virar a câmera para si mesmo e se fotografar. E um fotógrafo ou artista que nunca tirou uma foto de si mesmo, uma raridade”. (BRIGHT, 2010, p.9, Livre Tradução)

⁹ Escrita sobre muros, fachadas de edifícios, ruas ou monumentos utilizando de tinta spray aerossol ou rolo de tinta. Geralmente possuem uma tipografia própria.

¹⁰ Termo usado para designar quando a pessoa está conectada à internet.



Imagem 12: *Untitled Film Stills*, Cindy Sherman, 1977-1980.

Imagem 13: *E Se a Arte Fosse Travesti?* Rosa Luz, 2016.

Tais autoimagens contemporâneas receberam muitas nomenclaturas: selfies, nudes, vlogs¹¹. Mas será que podemos afirmar que essas imagens são autorretratos? Parafraseando Joan Fontcuberta, com o título de um dos seus textos - “Por que chamamos de amor quando queremos dizer sexo? (2007)” - eu me pergunto: Por que dizemos selfie quando queremos dizer autorretrato? Liz Rideal (2018) tentou responder a essa questão

Se o autorretrato situa o artista na moldura, a selfie situa-o no ciberespaço. E resulta essencial um debate: estamos perante obras permanentes ou as selfies somente buscam gratificação imediata e descartável? Ambos os casos são possibilidades. (RIDEAL, 2018, p.15, Livre tradução)

Importante notar que o termo ciberespaço, que aparece algumas vezes nessa dissertação, se refere à definição cunhada por Pierre Levy. Em 1997, o filósofo escreve o livro *Cibercultura* que fundamenta várias discussões sobre a internet. Dentre os conceitos fundamentais desse livro estão ciberespaço

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LEVY, 2010, p. 17)

Bom, independente se a selfie é diferente do autorretrato ou não, talvez seja necessário entender o que é a selfie. Em poucas palavras: a selfie consiste em um autorretrato que realizamos com *smartphones* ou câmeras digitais esticando nosso braço (ou usando o dispositivo formado por haste flexível que permite maior distanciamento, popularmente nomeado como *pau de selfie*¹²) e exibimos no ciberespaço para que outras pessoas vejam e interajam.

¹¹ Blogs em formato audiovisual ou vídeos em que a pessoa registra momentos do seu cotidiano

¹² Pau de Selfie ou Bastão de Selfie, do inglês Selfie Stick, é uma haste de metal retrátil (podendo ampliar ou diminuir seu tamanho), que permite um maior distanciamento espacial no momento de produzir uma selfie.

Ou seja, a circulação é imprescindível. Selfies que ficam esquecidas na memória do celular podem ainda ser consideradas selfies? Não se trata apenas da fotografia, a selfie também é uma performance. Pois, diferente dos álbuns de fotografias, tão comuns de serem mostrados em reuniões familiares alguns anos atrás, as selfies não demarcam um momento do passado, elas andam de mãos dadas com o presente. Como define então Fontcuberta:

Mas é no âmbito do epistemológico onde a selfie introduz uma mudança mais substancial, já que muda a concepção clichê – *isto foi* – da fotografia Barthesiana por um – *eu estava ali* – da pós-fotografia. Desloca o certificado de um acontecimento por um certificado da nossa presença nesse acontecimento, por nossa condição de testemunhas. (FONTCUBERTA, 2016, p.87, Livre tradução)

Lexicalmente, a palavra selfie (escolhida em 2012 como a palavra do ano pelo dicionário Oxford¹³) é um anglofonismo que não possui tradução e nem gênero definido até então. A selfie ou o selfie, ambos são corretos. No entanto, adota-se a forma feminina na maior parte das vezes, pois se remete à fotografia, à imagem. Dessa maneira, segundo o dicionário online *Priberam* pode ser definida como:

selfie | sélfi |

(palavra inglesa)

subst. Fem. ou Masc.

Fotografia que alguém tira a si mesmo, geralmente para publicação numa rede social.

¹³ Para saber mais, consultar:

https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/11/131119_selfie_oxford_fn

SELFIE #8

QUAL É O CORRETO ?

A) A SELFIE

B) O SELFIE

C) AMBOS

D) NENHUM

SELFIE #43

**SE EU NÃO POSTAR
CONTINUA SENDO SELFIE ?**

Imagem 15: Texto de Nº 43 de *Selfie Service*, Xikão Xikão, 2016-2019.

Etimologicamente, a origem do termo é um pouco nebulosa. O primeiro registro do uso da palavra aparece em 2002 num fórum de discussão online australiano. O fórum em questão se chama *Dr. Karl's Self Service Science Forum*, em referência à Karl Kruszelnicki, também conhecido como Dr. Karl, um famoso comentarista de ciências nas rádios e TVs australianas. Um Dráuzio Varella australiano. Nesse fórum, as pessoas comentam sobre notícias científicas e tiram suas dúvidas médicas. Assim, numa publicação sobre suturas absorvíveis, o jovem identificado como Hopey postou uma fotografia da própria boca costurada e escreveu a seguinte legenda:

*“Uhm, bêbado no aniversário de 21 anos do meu amigo, eu tropecei e bati os lábios primeiro (os dentes da frente vieram logo em seguida). Abriu um buraco de cerca de 1 cm de comprimento em meu lábio inferior. E desculpa a falta de foco da foto, era uma **selfie**.”* (Tradução Livre)



Imagem 16: Selfie de Hopey, 2002.

No entanto, após descobrirem a identidade de Hopey, o rapaz Nathan Hope, concedeu uma entrevista¹⁴ ao ABC News dizendo que ele não tinha criado a palavra. Ele afirmou: “Não é uma palavra que eu cunhei. Era algo que era uma gíria na época, usada para descrever uma foto de si mesmo.”

Embora a etimologia da palavra continue imprecisa, a declaração de Hope soa legítima, já que os/as australianos/as costumam usar o sufixo **-ie** na linguagem informal, como maneira de abreviar uma palavra (*barbecue* = *barbie* / *mosquito* = *mozzie* / *australian* = *aussie*). Então é possível que tenha surgido também como uma gíria, uma abreviação para *self* (eu) ou para *self-portrait* (autorretrato).

Self-Portrait -> Self-Portrait-> *Self* + **ie** -> **Selfie**

Self -> Eu / *Self-Portrait* -> Autorretrato

Isso demonstra a influência do ciberespaço em nosso vocabulário. Muitas vezes, a comunicação *online* cria neologismos que são rapidamente incorporados ao nosso cotidiano sem entendermos necessariamente a origem. Ademais, da origem da palavra, é possível traçar a origem da imagem sélfica? Afinal, quando surgiu a selfie? Existem várias possíveis respostas e vários possíveis inventores/as. Logo apresento-lhes alguns/algumas.

¹⁴ Para saber mais, consultar: <https://slate.com/human-interest/2013/11/selfie-etymology-an-australian-man-takes-a-photo-of-his-lip-after-falling-down-drunk-but-he-didn-t-coin-the-word.html>

Primeiramente, Robert Cornelius, um fabricante de lâmpadas norte-americano que sempre se interessou por química, e no final do século XIX, se interessou pelo daguerreótipo¹⁵ – o primeiro processo fotográfico. Em 1839, Robert produziu um daguerreótipo de si mesmo: posou na fachada de sua loja com os braços cruzados, com um olhar duvidoso de quem não estava certo se funcionaria. Funcionou.



Imagem 17: Selfie de Cornelius, 1839.

¹⁵ Daguerreótipo foi o primeiro tipo de fotografia a ser anunciado e comercializado ao grande público.

Em segundo lugar, Anastásia Nikolaevna, a duquesa da Rússia, que foi presenteada com uma câmera fotográfica da marca Kodak. Na época, a Kodak criou uma linha de câmera chamada *Brownie*, que consistia em uma caixa pesada de médio formato com lentes e espelhos acoplados que possibilitava pessoas endinheiradas realizarem fotografias. Assim, a jovem duquesa em seus 13 anos de idade posicionou a câmera frente a um espelho e realizou uma foto. Anastasia deu um passo além, pois após ter sua selfie revelada, colocou-a num envelope e mandou-a um/a amigo/a com os seguintes dizeres: *“Eu tirei uma foto de mim mesma olhando para o espelho. Foi difícil, pois minhas mãos estavam tremendo.”*¹⁶



Imagem 18: Selfie de Anastásia, 1913.

¹⁶ Para saber mais, consultar: <http://www.alexanderpalace.org/palace/diaries.html>

Em terceiro lugar, *Purikura*, abreviação para *Purinto Kurabu*, (uma adaptação fonética da língua japonesa à expressão inglesa *Print Club*) que consiste em um híbrido entre cabine fotográfica e videogame. Com a ascensão da cultura *Kawaii*¹⁷ no Japão, tornou-se comum, entre as garotas japonesas nos anos 1990, trocar fotos de si mesmas. Essas autofotos eram coladas em caprichosos álbuns decorados. Logo, visando esse público consumidor, foi desenvolvida uma cabine fotográfica que facilitava essa operação. As *purikuras* permitiam às garotas, por apenas uma moeda, realizar pequenas fotos adesivas de si mesma e, antes de imprimi-las, editá-las, acrescentando textos, molduras, adesivos e outros elementos, com o objetivo de tornar o mais *kawaii* possível. As *purikuras* ainda são populares no Japão.



Imagem 19: Exemplo de *Purikura* (máquina).

¹⁷ *Kawaii* é um conceito complexo da cultura japonesa que serve para designar algo como fofo/a ou adorável. Desde objetos, roupas e acessórios até pessoas, animais e personagens fictícios. *Kawaii* surgiu nos anos 1970/1980 com o modo infantil e dócil das estudantes japonesas se expressarem e causou impacto tão profundo na sociedade japonesa que foi rapidamente absorvido pela indústria do entretenimento e publicidade.



Imagem 20: Exemplo de *Purikura* (fotografias).

Ou seja, quem inventou a selfie? Depende do que você considera básico a uma selfie. Apenas o ato de se fotografar é suficiente? Talvez então seja Cornelius. Ou a intenção de mandar para alguém ou compartilhar uma autofoto? Anastásia seria. Ou a prática de editar uma autoimagem a fim de torná-la mais atrativa? *Purikura*. Os entendimentos de selfie são diversos e dependem de quem as fez. Então, talvez seja relevante conhecer quem são aqueles/as que fazem selfie.

Algumas pesquisas já feitas nos últimos tempos, principalmente no âmbito brasileiro, revelam que a selfie é feita por boa parte da população. Segundo um levantamento¹⁸ do veículo de comunicação UOL Tab, após coletar 100 mil menções da *hashtag*¹⁹ selfie (#selfie) no mês de outubro de 2014 na plataforma Instagram, 64% das selfies são feitas por pessoas de até 24 anos e outros 36% por pessoas de 25 a 60 anos. Sendo também que 55% das selfies são feitas por mulheres e 45% por homens. No entanto, vale lembrar

¹⁸ Para saber mais, consultar: <https://tab.uol.com.br/selfie/>

¹⁹ Palavra ou palavras que são precedidas do símbolo de cerquilha (#) com objetivo de categorizar e indexar algum tema/assunto.

que nem todas as imagens estavam corretamente marcadas e muitas delas não se tratava de selfies. Um outro estudo mais ancorado na realidade socioeconômica brasileiro revela outro cenário. A pesquisa *Todo Mundo Quem?*²⁰ do pesquisador Filipe Techera em coautoria com a pesquisadora Luiza Futuro, realizada em 2018, analisou a população de seis capitais brasileiras e descobriu que cerca de 30% dessa população não está conectada às redes sociais. Sendo o motivo dessa ausência, em sua maioria, a falta de acesso à internet, e em uma minoria, a não vontade em participar das redes sociais.

Quando eu não encontro uma pose boa pra selfie



Eu me maquiando para ficar em casa tirando selfie



²⁰ Para saber mais, consultar: <https://everisbrasil.medium.com/todo-mundo-quem-os-brasileiros-que-n%C3%A3o-usam-redes-sociais-a7b24bf62ee6>

quando você não gosta de tirar fotos e sua namorada sempre quer fazer uma selfie com você



Imagens 21, 22 e 23: Memes sobre a selfie.

Sendo assim, torna-se claro que nem todo mundo está nas redes sociais ou nem todo mundo faz selfies. Muitas vezes, temos a falsa sensação que todo mundo está *online* ou que todo mundo está nas redes sociais. Falsa sensação. E mesmo se todo mundo fizesse selfies, as selfies seriam todas iguais? Afinal selfie é tudo igual? A selfie que os avós tiram são semelhantes às feitas pelos netos? E as selfies das/os blogueira/os²¹ são muito diferentes daquelas que você faz?

A maneira de fazer selfie já se modificou com o decorrer dos anos. Já não se fazem mais selfies como antigamente. Por exemplo, tirar uma selfie frente ao espelho parece jurássico para os dias de hoje. Mas na época em que as câmeras digitais e celulares não possuíam câmera frontal, os espelhos ajudavam a ter maior controle sobre a imagem, já que a outra possibilidade era esticar o braço, virar a lente para si (e o visor para trás) e fazer uma selfie às cegas. Se ficasse ruim, repetia-se o processo. Com a chegada das telas sensíveis ao toque e as câmeras frontais, era possível se ver no processo de execução da imagem. E os espelhos já não serviam para os mesmos propósitos, mas ainda serviam para outros propósitos, como tirar um nude, que mostrasse o corpo todo.

²¹ Originalmente denominava a pessoa que publicava conteúdo em blogs. Hoje é um termo generalizado para qualquer pessoa que publica qualquer conteúdo na internet com regularidade e objetivos específicos.

SELFIE #64

**E TEM AQUELES QUE
NÃO FAZEM SELFIE.**

Imagem 24: Texto de Nº 64 de *Selfie Service*, Xikão Xikão, 2016-2019.

SELFIE #11

**VOCÊ CURTE
SUAS PRÓPRIAS SELFIES ?**

Imagem 25: Texto de N° 11 de *Selfie Service*, Xikão Xikão, 2016-2019.

Para o artista e pesquisador catalão Joan Fontcuberta, não se trata de selfie ou nude. Ele divide as imagens autorreferenciais contemporâneas de acordo com a metodologia do fazer. Aquelas que utilizamos espelhos como recurso seriam *reflexogramas* e aquelas feitas esticando nosso braço, *autofotos*. Ainda segundo ele:

Um panorama rápido na produção de selfies permite diferenciar duas modalidades que podem ser designadas como: autofoto e reflexograma. Para a primeira só é necessário uma lente objetiva do tipo grande angular e um braço o suficientemente longo para nos encaixarmos no enquadramento, através de um sistema de tentativa e erro. [...] No reflexograma, em contrapartida, realizamos o autorretrato na frente de um espelho, mesmo que ainda exista certa dose de aleatoriedade, permite maior controle do resultado. Sem dúvida, essa vantagem justifica o fato dos reflexogramas terem surgido antes das autofotos, tanto na fotografia analógica como no imaginário digital. (FONTCUBERTA, 2016, p.89, Livre Tradução)

A classificação de Fontcuberta é realmente instigante, pois leva em consideração vários fatores. Inclusive acho que devo mudar o nome do capítulo para: “Capítulo 1 – Ei, moço, tira uma autofoto da gente?”

Melhor não.

Inspirado em Fontcuberta, proponho minha própria taxonomia para as imagens autorreferenciais contemporâneas. Não dividiria as imagens autorreferenciais pelo modo de fazer, mas pela intencionalidade do próprio corpo presente. Para isso proponho uma escala. Pois, as vezes não é nem selfie, nem nude. Não é uma coisa nem outra. Existem áreas cinzentas. 50 tons de selfie.

Nessa escala calcula-se o quanto de corpo está à mostra numa autoimagem. O quanto de pele que o/a autor/a da imagem quer mostrar. Essa quantidade de corpo/pele à mostra pode ser medida pela presença ou ausência de roupas, ou pela escolha de um enquadramento mais fechado ou mais aberto. Também está em jogo a intencionalidade desse corpo. O que esse corpo quer provocar no/na espectador/a. Uma curtida singela

ou um voraz tesão. A escala vai de selfie (aquela com menos corpo à mostra, mais peças de roupa e mais branda em suas intenções) à nude (aquela com mais corpo à mostra, nenhuma peça de roupa e mais sexual em suas intenções) e possui algumas gradações no meio como a selfie de corpo inteiro, a selfie com roupas íntimas (*underwear*) e a semi-nude. Tal escala ainda pode ser melhor desenvolvida, mas por enquanto a denomino de **E.X.P.O.S.T.A.** - *Escala Xikão Para Objetificar as Selfies e Todas as Autoimagens.*

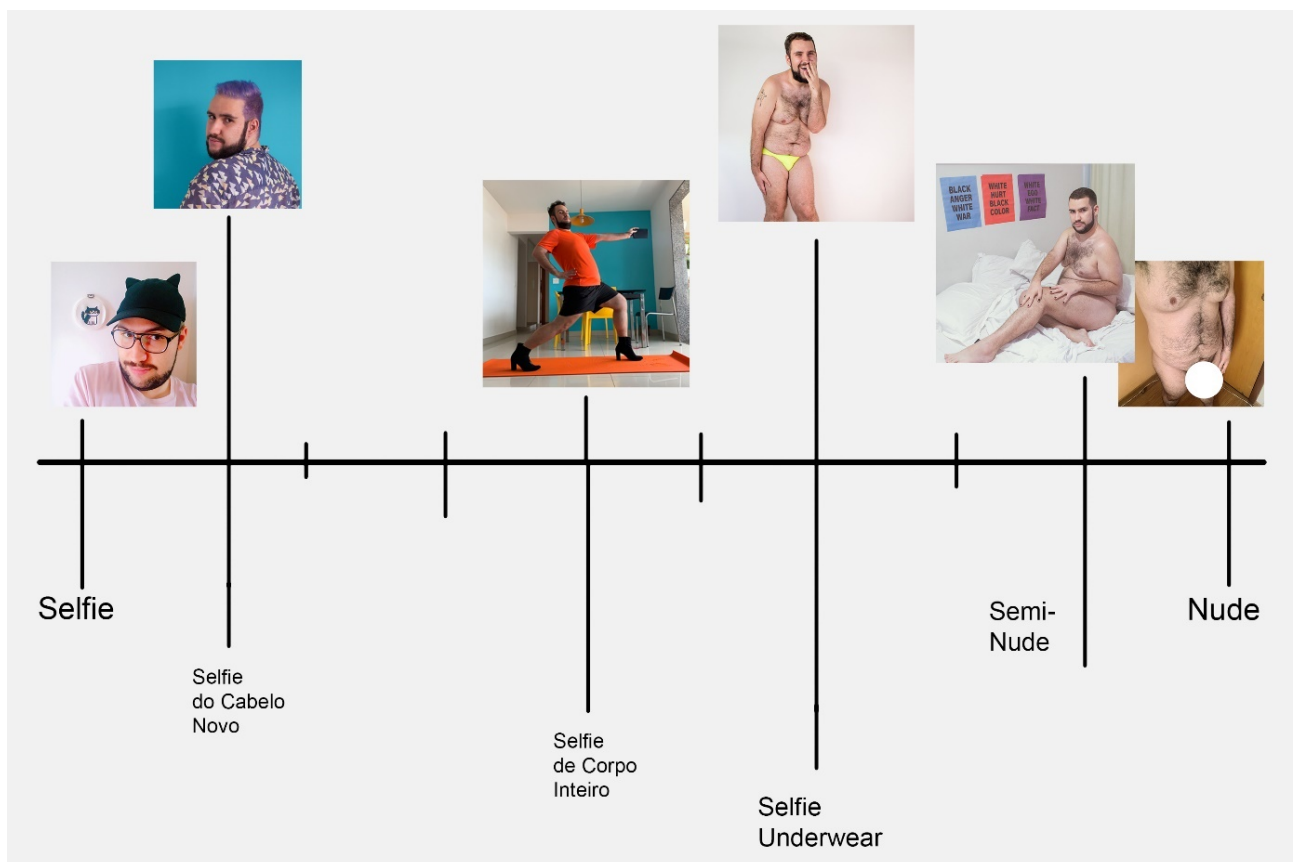


Imagem 26: Proposta da *E.X.P.O.S.T.A.*

SELFIE #36

CRONOLOGIA DA SELFIE

1) SELFIE NA FRENTE

DO ESPELHO

2) SELFIE COM PAU DE SELFIE

3) SELFIE EM GRUPO

4) SELFIE OSTENTAÇÃO

5) SELFIE COM FILTROS

DIVERTIDOS

6) ...

SELFIE #70

POSTO UMA SELFIE

- ÓTIMA ILUMINAÇÃO**
- BOM ENQUADRAMENTO**
- PERFEITA EDIÇÃO**

TIRAM UMA FOTO MINHA

- ESCURO**
- TREMIDO**
- SAÍ DE OLHO FECHADO**

Se levarmos em conta os diferentes tipos de fazedores/as de selfie – blogueira/o/e, musa/o/e fitness, padrãozinho/a/e, esquerdomacho e outros/as/es personagens contemporâneos – podemos ainda encontrar outra categorização para as selfies, com características específicas para cada grupo. O microcosmo dentro do macrocosmo. E já que as possibilidades de categorização da selfie são infinitas, talvez fosse melhor recorrer a um teste do *Buzzfeed*. Algo assim: *Qual tipo de selfie você seria?*

E enquanto você lê esse capítulo, a selfie está mudando. A selfie como imagem temporária, popularmente conhecida como *stories*²² ganha cada vez mais adesão das/os internautas. Os *stories* são um recurso que surgiu na rede social Snapchat e consiste no compartilhamento de imagens que desaparecem após um período de tempo (geralmente vinte e quatro horas). Tais imagem podem conter diversos recursos audiovisuais como filtros, músicas, *GIFs*²³, adesivos, textos, entre outros. Talvez seja uma estratégia criada para lidar com o enorme volume de imagens nas redes sociais, estabelecendo assim hierarquias, pois a selfie que vai estar exposta no seu perfil é diferente da selfie que vai desaparecer após algumas horas. Logo a selfie torna-se cada vez mais audiovisual: *vlogs*, *stories* etc. Talvez a imagem estática já não dê conta de nossas subjetividades e somente o vídeo seja capaz de nos satisfazer. Além disso, as primeiras impressoras 3D²⁴ já permitem que você crie miniaturas de si mesmo/a, as chamadas selfies 3D. Talvez a bidimensionalidade seja insuficiente para nós. Mas esses novos recursos ainda podem ser chamados de selfie? Ainda são selfies?

Além disso, existe o recorrente questionamento sobre a durabilidade da selfie. Cada vez mais os autovídeos, principalmente aqueles com duração menor que um minuto, tomam o espaço da selfie nos *feeds*²⁵ de diferentes redes sociais. Nos últimos anos, a rede social

²² Fotos, vídeos ou textos que são exibidos nas redes sociais por um tempo determinado, geralmente vinte e quatro horas, e após o término, não são mais visíveis aos espectadores.

²³ GIF é um formato de imagem digital, muito usado no ciberespaço, que simula movimento através da junção de várias imagens semelhantes em um curto espaço de tempo

²⁴ A Impressão 3D é realizada por um tipo de impressora que cria um modelo tridimensional por meio de sucessivas camadas de material, geralmente plástico.

²⁵ Designação informal para a página inicial de uma rede social. Tal espaço possibilita ao/a usuário/a, o acesso a novas postagens ou conteúdo. Também pode ser conhecido como timeline.

chinesa Tik Tok, dedicada exclusivamente ao compartilhamento de autovídeos, figura no topo de vários *rankings* de aplicativos mais baixados. Ou seja, cada vez mais, o verbo “assistir” vai substituindo o verbo “olhar”. Mas isso tudo ameaça a continuidade da selfie? Seria o fim da selfie? A selfie morreu?

Atualmente a selfie ainda ocupa um lugar importante em nossas subjetividades, apesar de seu futuro incerto, especialmente nessa pandemia de COVID19²⁶. Para diminuir a proliferação do vírus, muitas atividades coletivas como trabalho, estudos, celebrações, entre outros foram adaptados para um formato cibernético. Shows viraram *lives*²⁷. Festas de aniversários se transformaram em videochamadas. E as selfies... Bom as selfies ganharam uma nova modalidade, a selfie da vacina.

Meses após a eclosão da pandemia, finalmente surgem vacinas capazes de imunizar as pessoas contra o coronavírus. No entanto, no Brasil, sob o desgoverno Bolsonaro, (com todas as violências, as omissões e os despreparos), a imunização dos/das brasileiros/as ocorre em ritmo lento. E quando é chegado o momento especial, a selfie surge como possibilidade de celebração. As pessoas compartilham seus registros tomando a tão aguardada vacina e os nossos *feeds* vão se preenchendo de esperanças: a selfie da vacina como espaço de celebração. Já outras pessoas utilizam a selfie da vacina para expressar seu descontentamento político e no momento do click elas/eles levantam cartazes com dizeres como *Fora Bolsonaro* ou *Defenda o SUS*: a selfie da vacina como espaço de manifestação. Obviamente a selfie da vacina é apenas uma nomenclatura, pois nem sempre se trata de uma selfie, muitas vezes a fotografia é feita por outra pessoa ou trata-se de um vídeo. Mas não quero retomar essa discussão do que é ou não selfie.

²⁶ Bom, acredito que todo/as/es já saibam do que se trata, mas caso você não sabia COVID19 é uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus. A nomenclatura é uma abreviação do inglês para Coronavirus Disease , e o ano de 2019 sinaliza a data do primeiro caso registrado da doença, na cidade de Wuhan, na China (Doença por Coronavírus 2019).

²⁷ Transmissão ao vivo, de áudio e vídeo, que ocorre na internet (geralmente nas redes sociais), das quais o público pode interagir



Imagens 29 e 30 e 31: Exemplos de *selfies da vacina*, no caso realizadas por minha mãe, por meu namorado e por mim, respectivamente.

SELFIE #31

**SE EU NÃO TIRAR
UMA SELFIE , É COMO SE
NÃO TIVESSE ACONTECIDO.**

Imagem 32: Texto de Nº 31 de *Selfie Service*, Xikão Xikão, 2016-2019.

Antes de encerrar a discussão gostaria de apresentar dois trabalhos de um trio de artistas: John Yuyi, Tom Galle, Moisés Sanabria; e também um fotolivro de um artista e pesquisador, Silvino Mendonça.

A artista taiwanesa, John Yuyi (1991-), viralizou na internet através de um ensaio fotográfico que possuía ícones do ciberespaço (o cursor do mouse, a barra de rolagem, o ícone de curtir) fixados em seu próprio corpo. Após volumoso compartilhamento, a artista continuou a produzir obras explorando a relação entre corpo, redes sociais e consumo. Já Tom Galle (1984-) é um artista belga que se debruça sobre o impacto que a tecnologia tem na nossa sociedade e na produção de imagens digitais. E Moisés404, conhecido como Moisés Sanabria (1990-), é um artista venezuelano que domina a programação e a realidade virtual, e sua produção geralmente envolve vídeo, modelagem 3D e arte computacional.

Os/as três artistas trabalharam conjuntamente algumas vezes. Dentre essas parcerias, destaco duas: *Macbook Selfie Stick* de 2016, *Mirror Selfie Stick* de 2017.

*Macbook Selfie Stick*²⁸ pode ser traduzido para *Pau de Selfie de Macbook* ou ainda *Pau de Selfie de Notebook*, se não quisermos citar marcas. A obra é uma fotoperformance realizada pelos/as três artistas na cidade de Nova York em 2016. Nela, os/as artistas, com auxílio de um distinto pau de selfie, encenam as poses típicas de selfies em locais turísticos da metrópole norte-americana. Esse distinto pau de selfie é composto por uma haste rígida e um suporte que ao invés de segurar um celular, segura um computador.

²⁸ Macbook se refere a uma linha de modelos de computadores portáteis, ou também conhecidos como notebooks, da empresa norte-americana Apple. Foram lançados em 2006 e hoje em dia existem diversos modelos, com diversas funcionalidades e cores, e em diversos preços.



Imagem 33: *Macbook Selfie Stick*, John Yuyi, Tom Galle e Moisés Sanabria, 2016.



Imagem 34: *Macbook Selfie Stick*, John Yuyi, Tom Galle e Moisés Sanabria, 2016.



Imagem 35: *Macbook Selfie Stick*, John Yuyi, Tom Galle e Moisés Sanabria, 2016.

Quando os artistas seguram um enorme e não-prático computador, causam estranhamento entre as/os transeuntes, pois ninguém faz selfies dessa maneira. Logo, o trabalho nos induz a questionar o que faz de uma selfie, selfie, assim como *Selfie Service*. Outra potência da performance é fazer as pessoas enxergarem o óbvio. Quando os artistas posam para uma parafernália, nos fazem ver o quão curioso pode ser esse gesto tão recente e já tão banalizado (especialmente entre os/as turistas, ávidos/as por garantir a selfie perfeita, e com ela, a legitimação das férias ideais). O que nosso corpo diz quando realizamos a performance da selfie?

Já *Mirror Selfie Stick*, ou *Pau de Selfie de Espelho* também é uma fotoperformance realizada pelas/os três artistas na cidade de Nova York, um pouco depois, em 2017. Semelhante ao anterior, as/os artistas, na posse de um distinto pau de selfie, se registram utilizando tal artefato. Só que agora o pau de selfie carrega um espelho, ao invés de um celular.



Imagem 36: *Mirror Selfie Stick*, John Yuyi, Tom Galle e Moisés Sanabria, 2017.



Imagem 37: *Mirror Selfie Stick*, John Yuyi, Tom Galle e Moisés Sanabria, 2017.



Imagem 38: *Mirror Selfie Stick*, John Yuyi, Tom Galle e Moisés Sanabria, 2017.

Quando as/os artistas posam para o espelho na tentativa de captar sua própria imagem, nos fazem perceber o quanto os espelhos e as telas dos celulares são ao mesmo tempo similares e diferentes, assim como *Selfie Service*. Ambos nos refletem, mas construímos relações diferentes com cada um. Um não substitui o outro e às vezes são utilizados juntos. Reflexogramas.

Silvino Mendonça (1987-) é um artista brasileiro que se interessa pelas diferentes tipologias sociais do espaço público e seus atravessamentos sociais, políticos e culturais. Possui uma editora independente, a Savant, na qual publica seus ensaios fotográficos. Também é mestrando do Programa de Pós-Graduação (PPGAV) da Universidade de Brasília (UnB). Dentre sua produção, destaco o fotolivro *Vestígios Digitais*, publicado por ele mesmo, em 2015.

Silvino Mendonça, flanando por um centro comercial, encontrou uma selfie esquecida na memória de um *smartphone* que estava à venda, e a partir disso passou a percorrer diversas lojas – de departamento, de telefonia, supermercados – em busca de imagens semelhantes. Afinal é uma prática comum das lojas disponibilizar os últimos modelos de seus *smartphones* e *tablets* para que as pessoas possam experimentar e talvez adquirir um. Curiosas, por diversos motivos, as pessoas acabam realizando selfies nesses dispositivos de amostragem. Alguns/algumas não compreendem a interface do aparelho e fazem disparos acidentais. Outras/os posam para a câmera fazendo caretas ou abrindo sorrisos. E outros/as simplesmente disparam para matar o tédio. Alguns registros são apagados depois pelas/os próprias/os autoras/es, outros/as se esquecem de deletar e outras/os intencionalmente deixam lá. Dessa forma, o artista vasculhou esses dispositivos em busca desses vestígios digitais e refotografou (fotografou novamente) essas imagens. Tais imagens criaram um acervo, que foi selecionado, editado e transformado em uma publicação.



Imagem 39: Capa da publicação *Vestígios Digitais*, Silvino Mendonça, 2015.

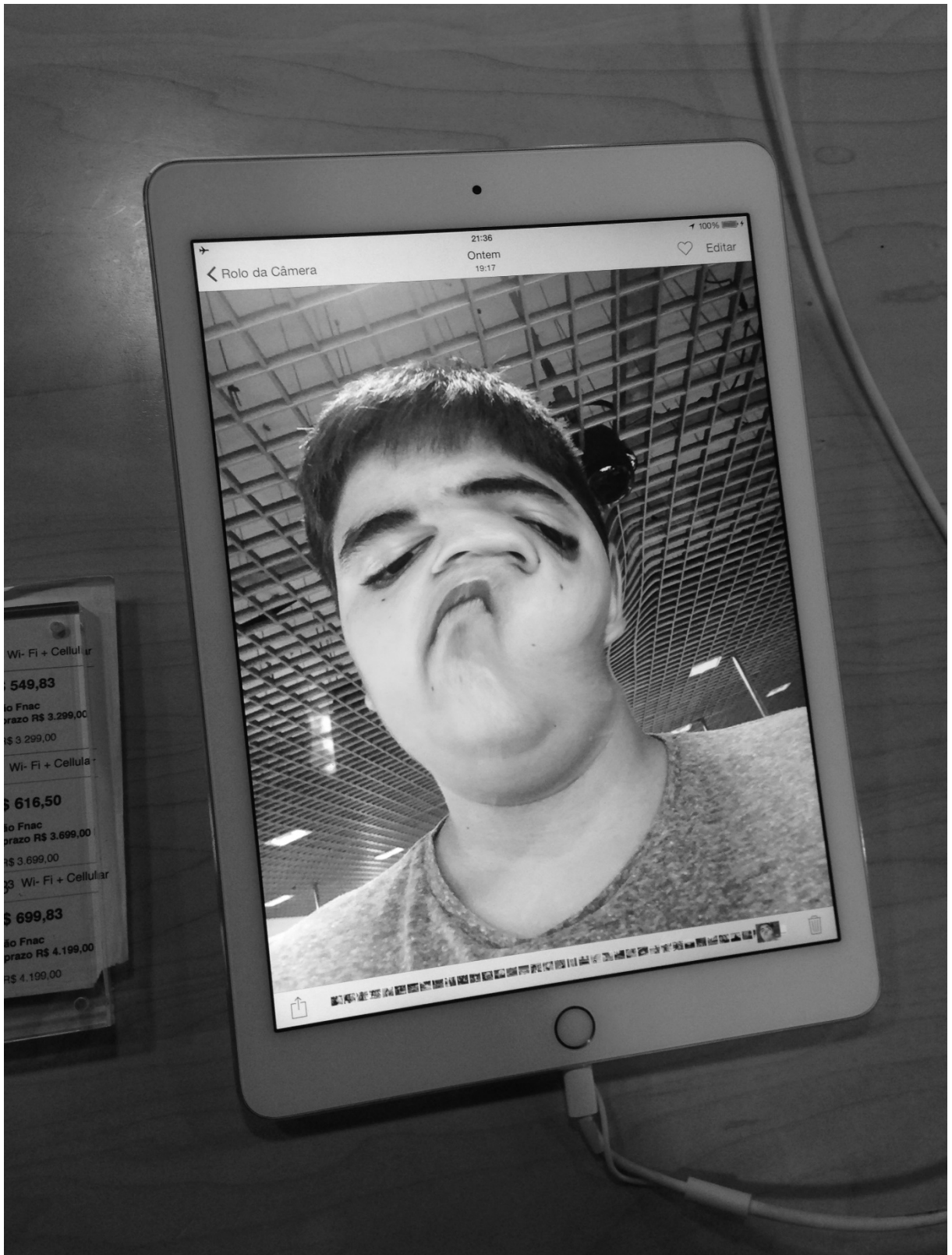


Imagem 40: *Vestígios Digitais*, Silvino Mendonça, 2015.



Imagem 41: *Vestígios Digitais*, Silvano Mendonça, 2015.



Imagem 42: *Vestígios Digitais*, Silvano Mendonça, 2015.



Imagem 43: *Vestígios Digitais*, Silvino Mendonça, 2015.

Quando essas autoimagens permanecem nesses dispositivos (mesmo que por um curto período), somos levados a refletir sobre a espacialidade das autoimagens. Qual é o lugar da selfie? Nas redes sociais? Nas paredes de um museu? Nas memórias dos nossos dispositivos? Além disso, essas imagens “esquecidas” nesses dispositivos nos fazem pensar também sobre a circulação das imagens autorreferenciais. Por que queremos que nossa imagem esteja disponível a outras pessoas? Se ninguém viu, não existiu? Por quanto tempo somos notados/as? A selfie é descartável? Reciclável?

E por último as caretas, sorrisos e rostos tampados indicam o caráter ficcional das selfies. Existe espontaneidade em uma selfie? É tudo ensaiado? Estamos fingindo? Sorria, estamos sendo filmados/as? O próximo capítulo talvez seja capaz de mergulhar nesses dilemas.

Mas antes,

Tira uma selfie minha?

ANEXO 1

Selfie Service,
todos os textos da instalação

Proposta à/ao leitora/leitor:

Imprimir

Recortar

Espalhar

por onde desejar.

<p>SELFIE #1</p> <p>SALA DE AULA. TODOS JUNTOS. ESPREME QUE CABE. PAU DE SELFIE.</p>	<p>SELFIE #2</p> <p>12 CURTIDAS.</p>	<p>SELFIE #3</p> <p>CONSTRUINDO MINHA AUTO-ESTIMA E VALIDANDO MINHA EXISTÊNCIA EM NÚMEROS DE LIKES.</p>	<p>SELFIE #4</p> <p>METRÔ. TIRO UMA SELFIE PARA VER COMO ESTOU. ESPELHO.</p>
	<p>SELFIE #5</p> <p>MESA DE BAR. EU E 4 AMIGOS. CERVEJA, 5 REAIS. CONVERSAS. EMBRIAGUEZ. SELFIE SEM FOCO. E COM ENQUADRAMENTO ERRADO.</p>	<p>SELFIE #6</p> <p>CECI N'EST PAS UNE SELFIE ISTO NÃO É UMA SEFLIE</p>	<p>SELFIE #7</p> <p>COBERTO COM LENÇOL. TRÊS TRAVESSEIROS NA CABEÇA E UM NA PERNA. NÃO CONSIGO DORMIR OLHO MEU INSTAGRAM 2 HORAS SE PASSARAM ENFIM DURMO ACORDO NO MEIO DA MADRUGADA OLHO MEU INSTAGRAM PARA PEGAR NO SONO DE NOVO.</p>
<p>SELFIE #8</p> <p>QUAL É O CORRETO ?</p> <p>A) A SELFIE B) O SELFIE C) AMBOS D) NENHUM</p>	<p>SELFIE #9</p> <p>CHUVA DE LIKES</p>	<p>SELFIE #10</p> <p>CAMISA BRANCA. CUECA PRETA. GATO PRETO E BRANCO. PAREDE CINZA, DE TEXTURA. PEGO O GATO NO COLO. -MIAU. COLOCO O TEMPORIZADOR. -OLHA PRA CÁ, GATINHO. 10 SEGUNDOS, 5 SEGUNDOS, 2 SEGUNDOS, 1 SEGUNDO, ELE PULA DO MEU COLO.</p>	<p>SELFIE #11</p> <p>VOCÊ CURTE SUAS PRÓPRIAS SELFIES ?</p>
	<p>SELFIE #12</p> <p>DO INSTAGRAM PARA FACEBOOK E DEPOIS PARA E-MAIL E PARA WHATSAPP DE VOLTA PRO TWITTER E PARA O PINTEREST. PRO YOUTUBE. E XVIDEOS.</p>	<p>SELFIE #13</p> <p>ALMOÇO EM FAMÍLIA. 15 PESSOAS. MACARRÃO E FRANGO. MESA DE MADEIRA ANTIGA. ALGUÉM SUGERE UMA SELFIE. MEU TIO FAZ UMA PIADA SEM GRAÇA. TODOS RIEM.</p>	<p>SELFIE #14</p> <p>STALKEANDO SEU PERFIL ACABO CURTINDO, SEM PERCEBER, UMA SELFIE SUA DE 2015.</p>

SELFIE #15

ÔNIBUS.
 BATERIA DO CELULAR
 ACABOU.
 TÉDIO.
 OLHO PELA JANELA.
 -NUNCA TINHA VISTO
 AQUELE GRAFFITI.
 -NUNCA TINHA VISTO
 AQUELA SORVETERIA.
 -NUNCA TINHA VISTO
 AQUELE VIADUTO.

SELFIE #16

PRAIA.
 SEM CAMISA.
 MUITO SOL.
 PÃO DE AÇÚCAR AO FUNDO.
 ÓCULOS ESCUROS.
 SELFIE.
 ÓCULOS DE GRAU.
 -NÃO FICOU BOM.
 ÓCULOS ESCUROS.
 SELFIE.
 ÓCULOS DE GRAU.

SELFIE #17

-EI MOÇA.
 -TIRA UMA
 SELFIE DA GENTE ?

SELFIE #18

NADA MAIS TRISTE
 QUE O CRUSH
 TER PERFIL PRIVADO.

SELFIE #19

LANCHONETE.
 DECORAÇÃO HAVAIANA.
 TV LIGADA.
 NINGUÉM ESTÁ ASSISTINDO.
 COMBO 2.
 HOT DOG COMPLETO COM
 REFRI.
 TENTO TIRAR UMA SELFIE.
 PÉSSIMA ILUMINAÇÃO.
 CAI MOSTARDA NA MINHA
 CAMISA.

SELFIE #20

SELFIE COM BATOM
 VERMELHO.
 SELFIE COM CHAPÉU.
 SELFIE COM ÓCULOS
 ESCUROS.
 SELFIE COM ROUPA NOVA.
 SELFIE DE LINGERIE.
 SELFIE PELADO.
 NUDE.

SELFIE #21

#FOLLOWFORFOLLOW
 #FOLLOWME
 #FOLLOWBACK
 #TEAMFOLLOWBACK
 #INSTABOY
 #INSTAGOOD
 #INSTAMOOD
 #INSTRAGRAMERS
 #INSTADAILY
 #PICOFTHE DAY
 #TAGSFORLIKES

SELFIE #22

NENHUMA CURTIDA.
 -IH, FLOPOU.

SELFIE #23

SELFIE NA ESCADA.
 QUASE CAÍ.

SELFIE #24

SÁBADO.
 PONTO TURÍSTICO
 LOTADO.
 AGUARDO MINHA VEZ.
 FILA DA SELFIE.
 TIRO UMA SELFIE MUITO
 SIMILAR A DE TODO MUNDO.
 DOU VEZ AO PRÓXIMO DA
 FILA.

SELFIE #25

SELFIE-SERVICE.

SELFIE #26

SELFIE
 FOTO DE PERFIL
 AVATAR
 LOGIN
 E-MAIL
 SENHA
 312.987.43
 01010001010101100100



SELFIE #27

**TIRO UMA SELFIE NO
ESPELHO DA ACADEMIA.
POSTO NO INSTAGRAM
57 CURTIDAS
DE NADA ADIANTA
O ESFORÇO,
SE NINGUÉM TÁ VENDO.**

SELFIE #28

**FOTO DE PERFIL
CONTRA A HOMOFOBIA
FOTO DE PERFIL
CONTRA O MACHISMO
FOTO DE PERFIL
CONTRA O DESMATAMENTO
FOTO DE PERFIL
CONTRA O GOLPE**

**UMA SELFIE PODE SER UM
ATO POLÍTICO ?**

SELFIE #29

**POSTO UMA SELFIE
NO MEU ANIVERSÁRIO
PARA GARANTIR
OS PARABÉNS.**

SELFIE #30

**ANTES DE EXISTIR A SELFIE
COM QUE FREQUÊNCIA
VOCÊ REALIZAVA
AUTORRETRATOS ?**

SELFIE #31

**SE EU NÃO TIRAR
UMA SELFIE, É COMO SE
NÃO TIVESSE ACONTECIDO.**

SELFIE #32

**NÃO BASTA APENAS
REGISTRAR ESSE
LINDO LUGAR
TENHO QUE MOSTRAR QUE
ESTOU AQUI
NESSE LINDO LUGAR.**

SELFIE #33

**A SELFIE
É REGISTRO
OU ACONTECIMENTO ?
A SELFIE
É FOTOGRAFIA
OU PERFORMANCE ?**

SELFIE #34

**127 PESSOAS JÁ MORRERAM
REALIZANDO UMA SELFIE.**

SELFIE #35

**ARRUMO O CABELO
FICO PERTO DA JANELA
FAÇO UMA SELFIE
FAÇO OUTRA SELFIE
FAÇO MAIS UMA SELFIE
FAÇO 26 SELFIES
- NÃO GOSTEI.
- MEU SORRISO TÁ
HORRÍVEL NESTA.
- FIQUEI VESGO AFF.
NÃO POSTO NENHUMA.**

SELFIE #36

**CRONOLOGIA DA SELFIE
1) SELFIE NA FRENTE
DO ESPELHO
2) SELFIE COM PAU DE SELFIE
3) SELFIE EM GRUPO
4) SELFIE OSTENTAÇÃO
5) SELFIE COM FILTROS
DIVERTIDOS
6) ...**

SELFIE #37

**POSTAR UMA SELFIE
PARA SUPRIR
ALGUMA NECESSIDADE
EMOCIONAL NÃO
IDENTIFICADA.**

SELFIE #38

**SELFIE COM
MEU CABELO AFRO
SELFIE COM
MEU PELOS NO SUVACO
SELFIE COM
MINHA BARRIGA DE FORA

A SELFIE PODE QUEBRAR
OS PADRÕES DE BELEZA ?**

SELFIE #39**SELFIE INEXISTENTES (AINDA):**

- SELFIE CHORANDO
- SELFIE MENSTRUADA
- SELFIE ESCATOLÓGICA
- SELFIE SEM ROSTO
- SELFIE SECRETA
- SELFIE SEM IMAGEM
- SELFIE SENSORIAL
- SELFIE _____

SELFIE #40

FUNÇÕES DE UM ELEVADOR :
 -TRANSPORTAR PESSOAS E CARGAS ENTRE OS ANDARES DE UM PRÉDIO
 - SER CENÁRIO DE SELFIE

SELFIE #41

- ABRA SUA REDE SOCIAL FAVORITA.
 - DETERMINE UM PERÍODO DE TEMPO. PODE SER 2 HORAS OU 24 HORAS.
 - CONTE QUANTAS SELFIES APARECEM NO SEU FEED.
 - COMPARTILHE SEU RESULTADO.
- (EM 24 HORAS, ENCONTREI 33 SELFIES)

SELFIE #42

- AH É VIDEO ?! EU PENSEI QUE FOSSE SELFIE

SELFIE #43

SE EU NÃO POSTAR CONTINUA SENDO SELFIE ?

SELFIE #44

#SELFIE
315.849.849 PUBLICAÇÕES
 #SELFIELOVE
445.162 PUBLICAÇÕES
 #SELFIEDAY
277.577 PUBLICAÇÕES
 #SELFIEGAY
174.965 PUBLICAÇÕES
 #SELFIEHOLIC
96.929 PUBLICAÇÕES

SELFIE #45

APÓS POSTAR UMA SELFIE NÃO HÁ MAIS CURTIDAS OU COMENTÁRIOS DEPOIS DE QUANTO TEMPO ?

E DEPOIS DISSO ?

A SELFIE MORRE ?

QUANTO TEMPO DURA UMA SELFIE ?

SELFIE #46

A EXPERIÊNCIA DA SELFIE É A MESMA PARA TODOS ?

SELFIE #47

A SELFIE PERPETUA DESIGUALDADES OU É UMA PRÁTICA DEMOCRÁTICA ?
 QUEM A SELFIE EXCLUI E QUEM VISIBILIZA ?

SELFIE #48

SEMPRE CURTO SUAS SELFIES
 VOCÊ SEMPRE CURTE AS MINHAS
 NUNCA CONVERSAMOS MAS ADORO ACOMPANHAR SUA VIDA E OLHAR SUA BELEZA
 PAIXÃO DE SELFIE DURA ATÉ SURGIR A PRÓXIMA CURTIDA.

SELFIE #49

TENHO DOIS PERFIS: UM PESSOAL E UM PROFISSIONAL. E ACABEI POSTANDO UMA SELFIE SEM CAMISA NO PERFIL DA EMPRESA E A DIVULGANDO MEU NOVO PRODUTO AOS MEUS AMIGOS.

SELFIE #50

POSTANDO SELFIES PARA MATAR O TÉDIO.

SELFIE #51

MARÇO DE 2016, FILTRO DE CACHORRO
 AGOSTO DE 2016, FILTRO DE CORAÇÃO
 OUTUBRO DE 2017, FILTRO DE FLOR NA CABEÇA
 JULHO 2018, FILTRO DE BOCA DE KYLIE JENNER
 MAIO 2019, FILTRO DE BEBÊ
 AGOSTO DE 2019, FILTRO DE

SELFIE #52

NÃO POSSO FICAR MUITO TEMPO SEM POSTAR UMA SELFIE.

VOU PERDER SEGUIDORES.

SELFIE #53.

-PRECISO TROCAR DE CELULAR, MINHAS SELFIES ESTÃO FICANDO HORRÍVEIS.



SELFIE #54.

A MINHA PROFISSÃO CONSISTE EM FAZER SELFIES. EU GANHO DINHEIRO FAZENDO SELFIES.

SELFIE #55

BISCOITEIRA/O: AQUELE/A QUE POSTA SELFIE, GERALMENTE SEM CAMISA, COM O INTUITO DE GANHAR CURTIDAS E ELOGIOS PELO SEUS ATRIBUTOS, GERLAMENTE FÍSICOS.

SELFIE #56

A SELFIE ESTÁ MORTA

ASSIM COMO : A PINTURA, A TV, OS LIVROS E O RÁDIO.

SELFIE #57

COMPRE SEGUIDORES AGORA !

PACOTES COM 1K, 5K OU 10K

12x SEM JUROS

SIGILO ABSOLUTO

SELFIE #58

ROLANDO MEU FEED ENCONTRO UMA SELFIE #MUSAFITNESS MAIS A FRENTE ENCONTRO OUTRA SELFIE #BODYPOSITIVE A SELFIE COMO OPRESSÃO A SELFIE COMO SUBVERSÃO AO MESMO TEMPO, NO MESMO LUGAR.

SELFIE #59

PERFIL PROFISSIONAL FEED ORGANIZADO CONTA VERIFICADA LINK NA BIO A GENTE VIROU MARCA, PRODUTO, SERVIÇO.

SELFIE #60

55% DAS CIRURGIAS PLÁSTICAS, REALIZADAS EM 2017, EM 57 PAÍSES, TIVERAM COMO MOTIVO : SAIR MELHOR EM SELFIES.

SELFIE #61

- SE EU NÃO ALCANÇAR 100 CURTIDAS, EU APAGO.

SELFIE #62

POSTO UMA SELFIE NO PERFIL PROFISSIONAL PARA FICAR MAIS PRÓXIMO DO CLIENTE. -UHNM, FICOU INADEQUADO APAGO PENSO BEM POSTO DE NOVO - O PROBLEMA É A FOTO. TIRO OUTRA SELFIE POSTO DE NOVO 3 HORAS DEPOIS, APAGO.

SELFIE #63

**COACH DE SELFIE
CONFIRA AGORA DICAS
IMPERDIVÉIS PARA TIRAR A
SELFIE PERFEITA.
ADQUIRA MEU E-BOOK
COMPLETO SOBRE COMO
GANHAR SEGUIDORES NAS
REDES SOCIAIS.
NÃO PERCA MINHA
PALESTRA: COMO SE TORNAR
UM PROFISSIONAL DA SELFIE.**

SELFIE #64

**E TEM AQUELES QUE
NÃO FAZEM SELFIE.**

SELFIE #65

**QUANTO MAIS IMPORTANTE
O MOMENTO,
QUANTO MAIS ESPECIAIS
AS PESSOAS
MAIS TREMIDA
A SELFIE FICA.**

SELFIE #66

**IMPOSSÍVEL
NÃO SENTIR INVEJA
OLHANDO SUAS SELFIES.
IMPOSSÍVEL
NÃO SENTIR RAIVA
OLHANDO SUAS SELFIES.
IMPOSSÍVEL
NÃO ME SENTIR
UM FRACASSO
OLHANDO SUAS SELFIES.**

SELFIE #67

**“QUALQUER UM JÁ FEZ SELFIE”
“HOJE EM DIA, TODOS ESTÃO
NAS REDES SOCIAIS”
“TODO MUNDO TEM CELULAR”
70 MILHÕES DE BRASILEIROS
(33% DA POPULAÇÃO)
NÃO TEM ACESSO À INTERNET
E/OU SMARTPHONES
OU PREFEREM NÃO UTILIZAR
AS REDES SOCIAIS.**

SELFIE #68

**A CULPA NÃO É DAS SELFIES
NEM DAS NUDES
NEM DAS REDES SOCIAIS
NEM DA INTERNET
NEM DOS COMPUTADORES
NEM DA TECNOLOGIA.**

A CULPA É NOSSA MESMO.

SELFIE #69

**DEPOIS DE UM TEMPO
SEM USAR AS REDES SOCIAIS
VOCÊ NÃO SENTE MAIS
VONTADE DE FAZER SELFIES.**

SELFIE #70

**POSTO UMA SELFIE
- ÓTIMA ILUMINAÇÃO
- BOM ENQUADRAMENTO
- PERFEITA EDIÇÃO**

**TIRAM UMA FOTO MINHA
- ESCURO
- TREMIDO
- SAÍ DE OLHO FECHADO**

SELFIE #71

**BLOGUEIRA REVELA QUE
PODE DEMORAR
ATÉ 12 HORAS
PARA FAZER UMA SELFIE.**

SELFIE #72

**FUI ABRIR UM APP,
CLIQUEI SEM QUERER
NO ÍCONE DE CÂMERA
E FIZ UMA SELFIE
ACIDENTAL.**

(FICOU HORRÍVEL)

CAPÍTULO 2

O Biscoito Nosso de Cada Dia

Meus dedos da mão esquerda seguram o celular, o dedo indicador da mão direita tocando rapidamente na tela, avançando os *stories* do Instagram e me deparo com essa afirmativa.



Imagem 44: *Stories* do Eduardo Montelli, 2020.

O conteúdo é do artista e amigo gaúcho, Eduardo Montelli (1989 -). Montelli investiga como as autonarrativas e os autorregistros e outras formas de “inscrições de si”

influenciam no modo como vivemos e somos reconhecidos. *GIFs*, blogs, postagens nas redes sociais, vídeos, fotos, textos, elaboram seu vocabulário poético. Muitas vezes as fronteiras entre arte e cotidiano, processo e produto, se misturam, formando uma amálgama. Exatamente pelo caráter simbiótico escolho essa postagem temporária do artista para abrir as discussões do presente capítulo.

No curto vídeo em questão, Eduardo Montelli se filma em diversos ângulos, segurando o celular com seu braço esticado, em busca de um ângulo que o favoreça e o deixe mais fotogênico. Mesmo após ajeitar o cabelo, o artista não contente com os resultados, insere um texto com os seguintes dizeres: “Credo tô muito unselfieable hoje”. Após conversar com o artista, nas próprias redes sociais, compartilho algumas reflexões.

“Credo, tô muito unselfieable hoje” traduz uma insatisfação do autor no tempo presente. Mais especificamente, o artista se queixa de estar *unselfiable*. Mas o que seria *unselfiable*? A palavra é um neologismo em inglês, que pode ser melhor compreendido se dividirmos a palavra.

Unselfieable -> **Un / Selfie / Able**

Un -> Prefixo da língua inglesa que indica negação, por exemplo: *unnecessary* (desnecessário) *unhappy* (infeliz). O equivalente em português seria o prefixo DES ou o prefixo IN.

Selfie

Able -> Sufixo também da língua inglesa que indica capacidade ou adequação, por exemplo: *acceptable* (possível de aceitar/aceitável) *perishable* (capaz de perecer, perecível). O equivalente em português seria o sufixo ÍVEL ou ÁVEL.

Logo:

Unselfieable -> **Não / Selfie / Capaz de**

A tradução poderia ser: a não capacidade de fazer uma selfie. Ou ainda considerando o contexto: a não capacidade de estar fotogênico numa selfie. No entanto, vou mais longe e proponho uma tradução para a palavra: *inselfieável*.

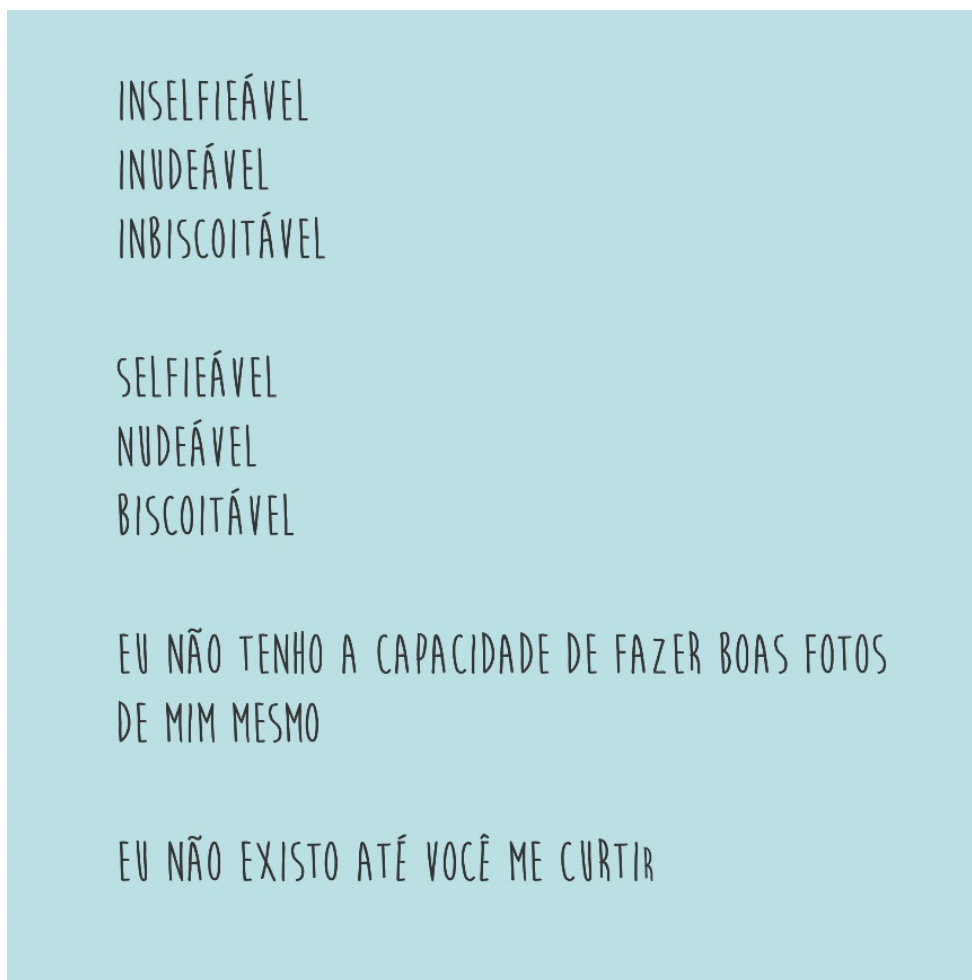


Imagem 45: Poema escrito por mim em 2020 (que deu origem ao título da dissertação).

E o que acontece quando ocorre o contrário? Quando realizamos uma selfie e ficamos satisfeitos/as com o resultado? Ficamos *selfiavéis*? A linha entre *inselfieável* e *selfieável* é

muito tênue. E além da própria imagem, a maneira como seremos interpretados também é variável. Podemos ser vistas/os como **biscoiteiras/os/es** ou como **canceladas/os/es**

Biscoiteiro/a/e é uma gíria surgida entre pessoas LGBTQIA+ e designa alguém que posta selfies com o intuito de receber muitas curtidas. Também pode ser entendido como uma pessoa que posta fotos do próprio corpo ou rosto apenas para receber elogios e atenção de seus seguidores. Dessa forma, o ato de elogiar seria conhecido como dar biscoito e a pessoa que clama por esse tipo de atenção seria uma biscoiteira. A origem do termo pode estar associada a recompensa dada a animais de estimação por seu bom comportamento.

A *drag queen*¹ e *youtuber* Lorelay Fox propõe uma taxonomia dos/das/de biscoiteiros/as/es em seu vídeo intitulado *O que é Biscoiteiro? (2019)*². Segundo ela, são várias as possíveis abordagens utilizadas pelos biscoiteiros/as/es. Resumidamente, existe o/a biscoiteiro/a/e de academia, que sempre posta selfies na frente do espelho da academia para exibir seus músculos; tem a/o biscoiteira/o/e enrustida/o que posta selfies mas finge, de diversas maneiras, que a intenção não é receber curtidas e elogios; e ainda há o/a biscoiteiro/a/e lacrador/a, que não faz fotos de si mesmo/a, mas escreve longos textos nas redes sociais, opinando sobre qualquer assunto, apenas para mostrar-se inteligente perante um público. Esses são apenas alguns exemplos da prática da biscoitagem.

A dinâmica de biscoitar é ambígua, pois pode oscilar entre a boa recepção e o rechaço total. Quando bem recebida, a selfie ganha diversos comentários, alguns *emojis*³ de

¹ Personagem criada a partir de maquiagens, perucas e fantasias, geralmente com o intuito de entreter um público. Drag Queen geralmente se refere a uma personagem feminina, embora possa performar outros gêneros. Costuma se apresentar em estabelecimento e eventos LGBTQIA+, mas também pode ocupar outros espaços.

² Para saber mais, consultar: <https://www.youtube.com/watch?v=vms6-kVDO3M>

³ Surgidos no Japão, os emojis são pequenos ícones, muito utilizados no ciberespaço, que sintetizam uma palavra ou frase completa. Por exemplo quando usamos o ícone de um rosto sorrindo para demonstrar alegria ou aprovação.

coração, e a pessoa é vista como desejável. Quando não bem recebida, a selfie ganha comentários debochados e a pessoa é notada como carente ou insegura. Obviamente, a dinâmica não é totalmente maniqueísta. Uma mesma selfie pode receber curtidas e xingamentos, ou uma mesma pessoa pode ser exemplar para alguns/algumas, e vergonhosa para outros/as.



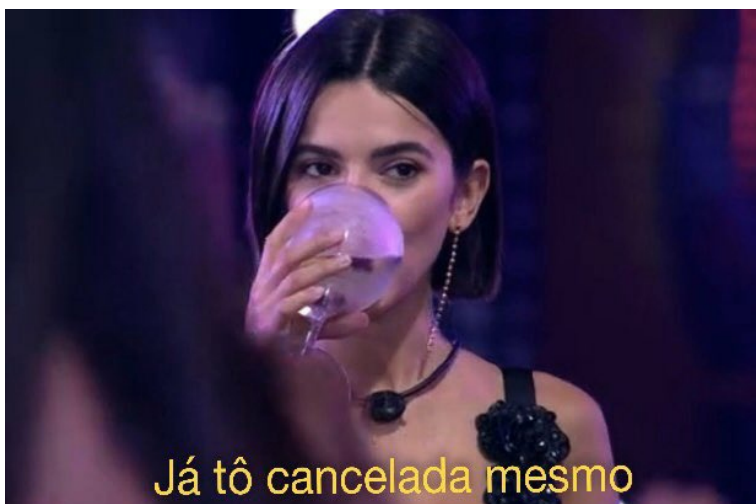
Imagens 46, 47, 48 e 49: Memes sobre biscoitar.

Com isso, a percepção e a legitimação da própria identidade dependem exclusivamente do/a outro/a, das curtidas alheias. E mesmo quando planejamos milimetricamente nossa exibição ao mundo (e as possíveis reações), nem sempre sai como planejamos. Muitas vezes há uma falha geográfica entre a imagem que queremos vender e como somos percebidas/os. E pior que ser visto como biscoiteiro/a/e, é quando acontece o nosso **cancelamento**.

Cancelamento é um termo que começou a ser muito utilizado a partir de 2017 (na verdade, trata-se de uma palavra ressignificada) e denomina o ato de boicotar ou deslegitimar alguma pessoa, geralmente famosa, por conta de alguma declaração que possa ser considerada ofensiva ou preconceituosa por algum grupo social. Dessa forma o ato do cancelamento é denominado *cancelar* e a pessoa afetada é designada cancelada. Ele/Ela/Elu está **cancelado/cancelada/cancelade**. O termo tem origem inglesa – *to cancel/cancelled*.



Imagens 50, 51: Memes sobre cancelamento.



Imagens 52 e 53: Memes sobre cancelamento.

A dinâmica do cancelamento também é ambígua, pois ora cumpre um papel importante, ora torna-se uma violência. Quando surgiu (e ainda hoje) o cancelamento tinha o intuito de expor pessoas influentes da nossa sociedade que cometeram atos de discriminação, abusos ou violências, e cobrar uma responsabilização por seus atos. O movimento *#MeToo* é um exemplo disso. *#MeToo* (na tradução, *#EuTambém*) foi uma mobilização feminista que surgiu em 2017 para combater o assédio sexual no ambiente de trabalho através de relatos publicados nas redes sociais. Várias mulheres aderiram à causa contando suas experiências de abuso, incluindo diversas atrizes famosas como Gwyneth Paltrow, Jennifer Lawrence e Uma Thurman. A repercussão massiva, em diversas mídias, resultou na condenação de alguns dos homens acusados.

Mas o cancelamento se expandiu também para pessoas não famosas, e hoje qualquer um/a pode ser cancelado/a. A *youtuber* norte-americana Natalie Wynn, (conhecida pelo nome de seu canal *ContraPoints*), destrincha em seu vídeo⁴ alguns casos de cancelamento e relata o seu próprio cancelamento. Natalie argumenta que a prática sofreu certo esvaziamento de sentido, pois muitos casos são baseados apenas em acusações, sem provas, e não buscam um diálogo ou a reeducação da/do/de cancelada/cancelado/cancelade. Como ela afirma no vídeo (2020): “É, de certa forma, uma versão do século XXI da guilhotina. Mas assim como a guilhotina, pode se tornar um espetáculo de entretenimento sádico”. Outro exemplo é o *youtuber* brasileiro Spartakus Santiago, que também discorre sobre o tema em um vídeo⁵ de seu canal e nomeia a prática do *cancelamento* como *linchamento virtual*.

O problema do cancelamento talvez seja seu aspecto generalizador e maniqueísta. De repente somos vilões/vilãs e de repente somos mocinhos/mocinhas. Anitta cancelada ontem. Anitta descancelada hoje. Não existe proporcionalidade. Colocamos na mesma caixa, diretores de cinema que abusaram sexualmente de mais oitenta atrizes ao longo de anos e pessoas que, um dia, no verão de 2016, curtiram uma publicação contendo uma piada preconceituosa. E quando se tenta propor alguma proporcionalidade, podem te acusar de *passar pano*⁶.

E antes que eu mesmo seja cancelado pelos meus/minhas leitores/leitoras, continuemos a discussão, pois nem só de biscoito vive essa dissertação. Ela também se alimenta de cancelamentos. O biscoito nosso de cada dia. Livrai-nos do cancelamento. Amém.

⁴ Para saber mais, consultar: <https://www.youtube.com/watch?v=OjMPJVmXxV8>

⁵ Para saber mais, consultar: <https://www.youtube.com/watch?v=PXI39ISLUzQ>

⁶ Passar pano é um gíria que pode ser entendida como defender alguém de algum cancelamento ou simplesmente ignorar que uma pessoa está cancelada.

Vale lembrar que tais dinâmicas devem muito aos mecanismos das próprias redes sociais. Curtir, comentar, compartilhar, silenciar, bloquear, assinar. Aliás, o funcionamento das próprias redes sociais é totalmente baseado nas pequenas doses de serotonina proporcionadas quando o/a usuário/a aciona essas engrenagens. Principalmente, curtir e ser curtido. E mesmo que sejamos conscientes e críticos/as em relação a isso, participamos dessas dinâmicas, em maior ou menor grau. Geralmente, quase todos/as/es nós, gostamos quando ganhamos uma curtida naquele texto inteligente ou naquela foto bonita. Eu adoro quando curtem as minhas selfies, mesmo compreendendo os bastidores.

A cultura da selfie ainda guarda muitos mistérios. Afinal, para quem queremos nos mostrar? O que esperamos do público? Como determinamos que alguns registros são dignos de serem postados e outros não? Se as redes sociais são como vitrines, o que estamos vendendo? É tudo automarketing?

Para tentar responder a algumas dessas perguntas vamos recorrer às ideias de Paula Sibilia (1967-). A pesquisadora argentina, residente do Rio de Janeiro, se debruça sobre vários desses questionamentos e traz alguns conceitos que são essenciais para compreendermos essas complexas reações. Elenco aqui dois desses conceitos. *Show do Eu* e *Personalidades Alterdirigidas*.

Show do Eu é o nome dado pela pesquisadora a um conjunto de dinâmicas características do século XXI, que acontece em diversas esferas, mas é mais claramente percebido nas redes sociais. Resumidamente pode ser definido como uma encenação da própria identidade a fim de torná-la mais encantadora. A melhor versão de mim mesmo. Lembrando que as redes sociais, o ciberespaço e as novas tecnologias são apenas potencializadores desse show do eu, e não as causas dele. E a causa dessa performance virtual está relacionada à necessidade de validação da própria existência que buscamos na/o outra/o. Mas para entender os porquês, vamos analisar as palavras separadamente,

Show e Eu, assim como a própria autora faz numa entrevista⁷ dada ao programa *Trilha das Letras*, da TV Brasil, em 2017.

Eu, pois o ator/a atriz, o artista/a artista, o autor/a autora dessa performance é o Eu. MINHAS redes sociais, as séries que EU gosto de assistir, MINHAS selfies, MEUS *vlogs* mostrando MINHA última viagem, a foto do MEU almoço, a *live* que EU fiz na quarentena⁸. Eu, Meu, Minha. Nesse espetáculo os egos são inflados a todo momento. No entanto, o interessante desse fenômeno contemporâneo é que embora pareça soberbo e egoico, esse Eu é fraco e carente. Pois a todo momento necessita-se da validação ou confirmação do/a outro/a. Não se sustenta por si só nesse palco.

E **Show**, pois esse Eu se mostra através de uma performance, de um espetáculo, de um show. E como toda performance, show ou espetáculo, é necessário um público, volumoso de preferência. Não basta se manifestar na frente do espelho. Também é esperado que esse público veja, interaja e aplauda. A quantidade de curtidas recebidas, os comentários raivosos dos meus *haters*⁹, os biscoitos, a foto que eu apaguei porque não recebeu curtida, o fato de que eu postei uma selfie e minha amiga comentou com um coraçãozinho e eu preciso curtir o coraçãozinho dela. Tudo para arrancar mais aplausos da plateia. Resumidamente, como a própria autora discorre.

Afinal, o que se busca ao se exibir nas redes? Seduzir, agradar, provocar, ostentar, demonstrar aos outros – ou a alguém particular – quanto se é belo e feliz, mesmo que todos estejam a par de uma obviedade: o que se mostra nessas vitrines costuma ser uma versão “otimizada” das próprias vidas. Nessa performance de si, cada usuário faz uma cuidadosa curadoria do próprio perfil visando a obter os melhores efeitos na maior audiência possível. (SIBILIA, 2016, p.42)

⁷ Para saber mais, consultar: <https://www.youtube.com/watch?v=bOCGw4EYYQM>

⁸ Medida restritiva de trânsito de pessoas em áreas públicas e privadas que pode acontecer por vários motivos. Nesse contexto se refere à quarentena de 2020, ocasionada para evitar a proliferação do novo coronavírus.

⁹ Hater é um termo usado na internet para classificar pessoas que postam comentários de ódio

Lembrando que essa identidade espetacularizada é extremamente nítida nas redes sociais, mas ocorre em outras plataformas. Como por exemplo: os *realitys shows*¹⁰, as autobiografias, as subcelebridades¹¹, os *reviews*¹² de produto, etc. Como a própria Sibilia afirma: “Pois é notável a atual expansão das narrativas autobiográficas: não apenas na internet, mas nos mais diversos meios e suportes. Uma intensa “fome de realidade” tem eclodido nos últimos anos, um apetite voraz que incita tanto à exibição como ao consumo de vidas alheias e reais.” (SIBILIA, 2016, p.61).

Personalidades Alterdirigidas é o último desses três conceitos fundamentais. E pode ser entendido como uma subjetividade ou identidade que é moldada mediante a reação de um público. Personalidades manufaturadas para deleite de um *Outro*. *Je est aun autre*.

Percebe-se um deslocamento daquela subjetividade “interiorizada” rumo a novas formas de autoconstrução. No esforço por compreender estes fenômenos, alguns autores aludem à sociabilidade líquida ou à cultura somática de nosso tempo, delineando um tipo de eu mais epidérmico e flexível, que se exhibe na superfície da pele e das telas. Referem-se também às personalidades alterdirigidas e não mais introdirigidas, construções de si orientadas para o olhar alheio ou “exteriorizadas”, não mais introspectivas nem intimistas. (SIBILIA, 2016, p.48)

Contudo, a construção dessas personalidades alterdirigidas se difere por exemplo da construção de uma personagem. De modo geral, no teatro, o ator/a atriz após os aplausos da plateia, tira seu figurino e volta a ser o que era antes. No Show do Eu é diferente, a encenação é constante, o Eu nunca tira seu figurino, é retroalimentada, o Eu se torna o que o público deseja. As curtidas indicam os caminhos a serem seguidos. Se minha selfie sem camisa ganha muitos biscoitos, talvez deva fazer outras. Se meu textão

¹⁰ Gênero de programa televisivo ancorado em eventos da vida real. Não há enredos ficcionais e os atores/as atrizes geralmente são pessoas comuns.

¹¹ Neologismo que designa pessoas que transitam entre o anonimato e a fama. Geralmente recebem esse título pois são famosas apenas por serem próximas de outras celebridades, não sendo reconhecidas por nenhum talento específico.

²⁴ Análise crítica de um produto, serviço ou estabelecimento, feita por pessoas comuns e postados na internet, geralmente nos formatos de vídeo ou texto.

ganhou muitas curtidas, talvez eu devesse escrever mais. O show é do Eu, mas quem conduz é o Outro. Topa tudo por biscoito.

Pausa para Reflexão

Enquanto escrevo essa dissertação, vivencio a pandemia da COVID19. Tal pandemia trouxe mudanças drásticas em nossas vidas e na sociedade. Isolamento Social. Trabalho Remoto. Vídeochamadas. Assim, a nossa presença online se intensificou bastante. Seja para falar com os amigos que não pode visitar, seja para exercer nossos trabalhos, seja para pedir comida por aplicativo. Com isso, o nosso uso de redes sociais também aumentou. E todas as dinâmicas relacionadas a ela – biscoitar, cancelar, show do eu, personalidades alterdirigidas – se fortalecem. Pois cada vez mais circulamos apenas pelo ciberespaço. Contudo, um movimento contrário também acontece. Por estarmos tão expostos a tanta informação, ficamos cansados, e acabamos abandonando um pouco as redes sociais e suas dinâmicas. Um momento mais introspectivo. Acredito que ainda é cedo para entender a influência da pandemia nesse cenário. Como diria Glória Pires na premiação do Oscar de 2016. “Não sou capaz de opinar”.

Fim para Reflexão

Embora essas reflexões pareçam surgir juntamente com as redes sociais, algumas mudanças nas subjetividades das últimas décadas já nos deixavam alguns indícios. Tanto é que o filósofo francês Guy Debord (1931-1994) previu parte desse fenômeno em seu livro *A Sociedade do Espetáculo*, publicado pela primeira vez em 1967.

A Sociedade do Espetáculo (1967) é um livro que embora já tenha meio século, ainda se mantém muito atual, sendo referência para diversos/as pensadores/as, inclusive a já citada Paula Sibilia. Nele, o autor afirma que com o desenvolvimento do capitalismo e o

avanço da indústria cultural, as imagens passam a fazer parte do nosso cotidiano. TV, cinema, revistas, publicidade, outdoors, videoclipes passam a inundar nossas subjetividades e produções. O uso constante de imagens sedutoras e a relação que criamos com essas imagens constituíram o que Debord chama de espetáculo.

Considerado, em sua totalidade, o espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Não é um suplemento do mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos -, o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade. (DEBORD, 1997, p.14)

Os espetáculos confundem nossas percepções e nos levam muitas vezes a abandonar a realidade. Têm o poder de nos anestésiar. “A realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real. Essa alienação é a essência e a base da sociedade existente.” (Idem, p.15). Cada vez mais nos tornamos consumidoras/es passivas/os dessa gama de imagens tentadoras. “A alienação do espectador se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos ele vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo.” (Idem, p.24)

A principal diferença para os dias atuais se manifesta em quem são as/os criadoras/es dos espetáculos. Anteriormente apenas a mídia – emissoras de TV, Hollywood, editoras de revistas e jornais – era capaz de criar imagens e narrativas influentes. Hoje, nós mesmos/as, com auxílio das novas tecnologias e das novas plataformas, somos capazes de produzir imagens e narrativas espetaculares. *Broadcast Yourself*. A todo momento, produzimos narrativas, imagens e vídeos que são capazes de cativar a atenção de centenas ou milhares de outras pessoas. Somos todos um pouco blogueira/o/e.

Através desses conceitos e referências, é possível compreender melhor o que está em jogo quando se trata de uma selfie. Fazer e/ou postar uma selfie é como executar uma performance e como quase toda performance, ela transita entre o real e o ficcional. Ora

pendendo mais para o real. *#nofilter*. Ora pendendo mais para o ficcional. *#fake*. Fato é que na contemporaneidade, autorrepresentação e autoficcionalização andam lado a lado, e muitas vezes de mãos dadas.

Obviamente, o caminho da ficcionalização e do falseamento pode ser danoso. Como visto, as *Fake News*¹³ tiveram um importante papel nas eleições brasileiras e norte-americanas de 2018 e 2016, respectivamente. O mesmo pode acontecer com as identidades. Alguns anos atrás, em redes sociais como Orkut, Fotolog ou MySpace, era comum pessoas que se passavam por outras pessoas (geralmente, famosas). Tais pessoas eram denominadas *fakes*. Os motivos eram vários, desde ocultar a própria identidade até se divertir experimentando uma outra existência. Eu tive alguns *fakes* na minha adolescência. Um deles era [REDACTED] identidade que criei para [REDACTED] em [REDACTED], num momento em que [REDACTED]¹⁴. Os *fakes*, assim como os super-heróis/as super-heroínas, precisavam manter sua identidade secreta, vivendo vidas diferentes *offline*¹⁵ e *online*, e provavelmente por isso tenham caído em desuso. Em tempos de personalidades alterdirigidas, talvez seja mais divertido falsear a própria vida.

¹³ Fake News ou Notícias Falsas consistem em boatos ou informações inverídicas que são transmitidos em diversos veículos, mas principalmente por meio da Internet. Geralmente possuem um tom sensacionalista ou apelativo que leva muitas pessoas a acreditarem que se trata de informação verídica.

¹⁴ [REDACTED]

¹⁵ Termo usado para designar quando a pessoa está desconectada da internet.

Obviamente, que o caminho da ficcionalização e do falseamento, pode ser perigoso. Como visto, as *Fake News*¹⁶ tiveram um importante papel nas eleições brasileiras e norte-americanas de 2018 e 2017, respectivamente. O mesmo pode acontecer com as identidades. Alguns anos atrás, era comum, em redes sociais como *Orkut*, *Fotolog* ou *MySpace*, pessoas que se passavam por outras pessoas, geralmente famosas. Tais pessoas eram denominadas *fakes*. Os motivos eram vários, desde ocultar a própria identidade até se divertir experimentando uma outra existência. Eu tive alguns *fakes* na minha adolescência. Um deles era o [REDACTED] identidade que criei para [REDACTED] com [REDACTED] em [REDACTED] num momento da [REDACTED]. Os *fakes* assim como os super-heróis precisavam manter sua identidade secreta, vivendo vidas diferentes *offline* e *online*, e talvez por isso tenham caído em desuso. Em tempos de *extimidade*, talvez seja mais divertido falsear a própria identidade. *Fake* de si mesmo.

xikaoxikao
Cantinho Da Falcatrua

xikaoxikao [Não é clickbait] 🤖
Para saber todos os detalhes das minhas falcatruas juvenis, faça o pré-registro no site para receber uma maravilhoso exemplar de -minha dissertação sem nome ainda- 😎👉
Available on iTunes / Julho de 2021 (Se xs deuses assim permitirem 🙏)
1 sem

christusnobrega Gostei das tarjas pretas... vai ficar assim? ❤️
1 sem 1 curtida Responder
— Ver respostas (1)

Curtido por **diogotognolo** e outras 24 pessoas
HÁ 7 DIAS

Adicione um comentário... **Publicar**

Imagem 54: Postagem em minhas redes sociais, 2020.

Uma artista que falseou brilhantemente a própria vida foi Amalia Ulman (1989-). A artista argentina, radicada nos Estados Unidos, desenvolveu em 2014 a *web performance Excellences & Perfections*.

Primeiramente, a artista se muda para Los Angeles e começa a postar selfies em seu Instagram, compartilhando diversos momentos de sua vida. A princípio, pelas selfies, parecia uma garota comum em busca dos sonhos na cidade grande. Como tantas outras. À medida em que aumentam o número de seguidores e curtidas, Amalia publica outros tipos de selfie. Agora, a ingênua garota se transforma em uma modelo/celebridade em potencial. Mais e mais curtidas surgem e a artista intensifica sua jornada pela fama. Selfies vestindo roupas de luxo e selfies pós-cirurgias plásticas tornam-se comuns em seu *feed*. Seus/suas amigos/amigas e conhecidos/conhecidas já não mais a reconheciam e se preocupavam com a transformação repentina de Ulman. Ao fim de quatro meses, a artista relevou que se tratava de uma performance, que todas as postagens haviam sido planejadas e encenadas. Era tudo *fake*.

Excellences & Perfections foi possivelmente a primeira performance ocorrida inteiramente nas redes sociais. Não se trata de registros de uma performance ou de uma transmissão pela internet. A obra é construída na temporalidade do Instagram, na espacialidade do *feed* e com os recursos da plataforma – curtidas, comentários, seguidores. Sem contar, que *Excellences & Perfections* é exibida vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, pois ainda se pode conferir as selfies no Instagram da artista. Também é possível conferir uma versão impressa, em livro, lançada por Ulman em 2018.

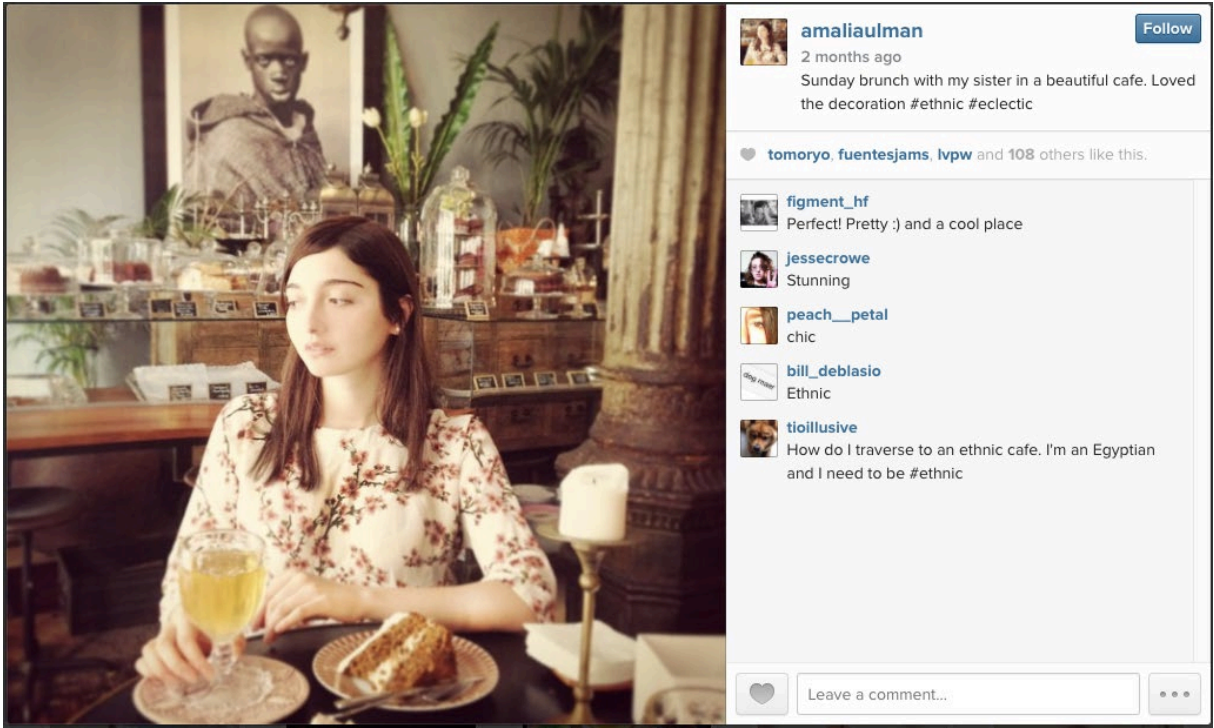


Imagem 55: *Excellences & Perfections*, Amalia Ulman, 2014.



Imagem 56: *Excellences & Perfections*, Amalia Ulman, 2014.



Imagem 57: *Excellences & Perfections*, Amalia Ulman, 2014.



Imagem 58: *Excellences & Perfections*, Amalia Ulman, 2014.

Além de seu caráter pioneiro, a obra escancara as dinâmicas da cibercultura, especialmente das redes sociais. Através da metamorfose da artista, tornam-se nítidos os mecanismos por trás das *personalidades alterdirigidas*. Nos fazendo perceber o ficcional que existe em nós mesmos. Ou como afirma a própria artista numa entrevista¹⁶ dada ao canal de notícias norte-americano CNN, em 2018. “Uma vez que é postado, está postado, pode-se afirmar que já não é mais eu. E essa postagem ao ganhar popularidade, cada vez mais, adquire novos significados.” (ULMAN, 2018, livre tradução).

Outra camada interessante do trabalho está relacionada à maneira específica como a mulher é percebida na sociedade. Num esforço quase similar à de Cindy Sherman em *Untitled Film Stills* (1977-1980), Amalia Ulman reencena os estereótipos femininos presentes no cotidiano. Sherman investigou as personagens femininas do cinema antigo e Ulman investigou as personagens femininas das redes sociais – blogueiras, musas fitness¹⁷, entre outras.

A jornada de Ulman nos provoca acerca da complexidade envolvida em ocupar e circular no ciberespaço. Tal complexidade é resultante da própria natureza do capitalismo. Como diria Debord: “O espetáculo é o capital em tal grau de acumulação se torna imagem”. (DEBORD, 1997, p.25) Cooptador de tudo, o capitalismo foi capaz de nos transformar em mercadoria, afinal, estamos a todo momento, nos autovendendo. Estamos virando produtos, marcas e negócios. E as redes sociais são nossas vitrines, *outdoors* e anúncios.

Essa mercantilização das identidades acaba criando um mercado e, como em todo mercado, são atribuídos valores. Quanto vale o seu *like*¹⁸? Logo, as métricas quantitativas – quantos seguidores, quantas curtidas – servem como possíveis precificadores. Quantos

¹⁶ Para saber mais, consultar: <https://edition.cnn.com/style/article/amalia-ulman-instagram-excellences-perfections/index.html>

¹⁷ Geralmente mulheres que publicam conteúdos focados inteiramente em seus corpos, sua alimentação e seus exercícios físicos, a fim de inspirar outras pessoas a fazerem o mesmo.

¹⁸ O mesmo que curtida.

mais, melhor. Alcançando os números de milhares e milhões, você se torna mais valioso/valiosa nesse cardápio virtual. Assim como blogueiras, musas fitness, *coaches*¹⁹, *youtubers*, *gamers*²⁰, gurus de beleza²¹, entre outros. Os/as denominados *influenciadores/as digitais*.

Essa métrica tornou-se tão importante que basta uma rápida busca na internet para encontrar diversas empresas que oferecem venda de seguidores. Sim, venda de seguidores. A maior parte desses seguidores são *bots*²² ou perfis falsos criados pela própria empresa. Logo, não correspondem a um real espectador/a ou comentador/a de seu conteúdo, servem apenas para inflar seus números de seguidores e lhe fazer parecer mais influente.

As próprias plataformas privilegiam essa métrica. Por exemplo, o Instagram possibilita alguns recursos apenas para os/as usuários/as com 10 mil seguidores. O famigerado *arrasta para cima*²³.

¹⁹ Termo oriundo do inglês e denota um profissional de qualquer área que auxilia outras pessoas a alcançarem objetivos específicos em um curto espaço de tempo.

²⁰ Pessoas que jogam videogame, de maneira profissional ou amadora, e também podem produzir conteúdo sobre essa temática

²¹ Pessoa entusiasta de maquiagem, cuidados com a pele e cuidados com o cabelo, que ensina dicas sobre técnicas e produtos para um público na internet.

²² Aplicações automatizadas que atuam na internet simulando ações humanas.

²³ Recurso específico que permite à pessoa acessar um link apenas com o gesto de arrastar o dedo sobre a tela.

Comprar Seguidores Instagram Masculinos

<p>500 Seguidores no Instagram Masculinos</p> <p>R\$ 44,90</p> <p>500 Seguidores no Instagram Masculinos</p> <p>Não Precisa Seguir Ninguém</p> <p>Não Precisamos de Senha</p> <p>Reposição por 30 Dias</p> <p>Seguidores Reais e Brasileiros</p> <p>Margem de erro de 10%</p> <p>ESCOLHER ESTE PLANO</p>	<p>1.000 Seguidores no Instagram Masculinos</p> <p>R\$ 79,90</p> <p>1.000 Seguidores no Instagram Masculinos</p> <p>Não Precisa Seguir Ninguém</p> <p>Não Precisamos de Senha</p> <p>Reposição por 30 Dias</p> <p>Seguidores Reais e Brasileiros</p> <p>ESCOLHER ESTE PLANO</p>	<p>2.000 Seguidores no Instagram Masculinos</p> <p>R\$ 119,90</p> <p>2.000 Seguidores no Instagram Masculinos</p> <p>Não Precisa Seguir Ninguém</p> <p>Não Precisamos de Senha</p> <p>Reposição por 30 Dias</p> <p>Seguidores Reais e Brasileiros</p> <p>Margem de erro de 10%</p> <p>ESCOLHER ESTE PLANO</p>
<p>5.000 Seguidores no Instagram Masculinos</p> <p>R\$ 329,90</p>	<p>10.000 Seguidores no Instagram Masculinos</p> <p>R\$ 599,90</p>	<p>15.000 Seguidores no Instagram Masculinos</p> <p>R\$ 899,90</p>

xikaoxikao
Segredo das Blogueiras

xikaoxikao Comprar pra quê mores, se eu vou decepcionar todxs com minhas enquetes ridículas e meia dúzia de selfie ? 🤔🤔🤔

1 sem

isabelleschueler Tanta coisa boa pra fazer com dinheiro...
1 sem Responder
— Ver respostas (1)

nivia.rodrigues_ 🤔
1 sem Responder

_inglee Meu deus kkkkkkk

👍🗨️📌

Curtido por diogotognolo e outras 44 pessoas

24 DE JUNHO

Adicione um comentário... **Publicar**

Imagem 59: Postagem em minhas redes sociais, 2020.

Há ainda os algoritmos²⁴, que também favorecem o conteúdo daqueles/as mais famosos/as. Além disso, números mais altos possibilitam maior mercantilização do próprio conteúdo. Marcas e empresas buscam as/os usuárias/os mais influentes nas redes sociais para estabelecerem parcerias comerciais. Geralmente tal parceria consiste na/no influenciador digital publicar uma selfie ou autovídeo mostrando e elogiando a marca parceira. De maneira que não pareça uma propaganda, e sim um relato sincero. É o mesmo Show do Eu, só que agora com intervalos comerciais.

Seja pelo prestígio ou pelo lucro, muitos/as se interessam em se tornar influenciadores/as digitais. Afinal, basta postar umas selfies e torcer para dar certo. Não é bem assim. Mas também pode ser isso mesmo. Qualquer um/uma pode, mas não significa que todos/todas/todes conseguirão.

Para chegar ao topo, você pode se ancorar em seus privilégios sociais (ser branco/a, magro/a/e, cisgênero, rico/rica) que com certeza facilitarão a jornada, mas também pode buscar compreender os recursos das redes sociais e saber como usá-los a seu favor. Dividir os *stories* em categorias. Pensar a paleta de cores das fotos. Usar *hashtag* popular. Até mesmo, nós, não-blogueiras/os/es (ou quase), acabamos buscando um primor. De maneira inconsciente (ou quase) acabamos caindo nas armadilhas de busca frustrada pela perfeição. Muitas vezes, eu, que compreendo esse cenário e discordo dessa postura, acabo caindo em algumas armadilhas: “Colocar meus trabalhos em destaque, caso algum curador clique no meu perfil”. A casa mais bonita, o corpo perfeito, o relacionamento desejado, o *feed* organizado e a selfie mais curtida.

²⁴ Sequência de operações informáticas que visam a solução de determinado problema. No caso das redes sociais, através dessas complexas operações, o conteúdo é mostrado de maneira personalizada para cada usuário, de acordo com as preferências mapeadas. (Amigo/amiga/amigie, ninguém entende o que é isso, tamo junto.)



Imagem 60: Meme do raio gourmetizador.

Alguns anos atrás, houve um *meme* que ironizava dessa estetização de tudo, o *Raio Gourmetizador*. Tal *meme* debochava de um fenômeno culinário no qual estabelecimentos e restaurantes transformavam comidas simples em versões mais sofisticadas a fim de cobrar mais por aquele produto. Por exemplo, a tradicional fatia de bolo de cenoura de 5 reais podia facilmente se transformar numa fatia de *naked cake* de cenouras orgânicas com calda trufada de chocolate belga, no valor de 13 reais. Era o mesmo bolo, porém apresentando de maneira mais elegante. No *meme*, um raio atingia e instantaneamente transformava o alvo em uma versão *gourmet*²⁵.

Com a nossa identidade não tem sido diferente. Parece que a grande maioria dos/as usuários/as das redes sociais, incluindo eu e você, fomos atingidos/as por um *Raio Blogueirizador*. Uma artista que percebeu essas nuances e quis ir na contramão foi Aleta Valente (1989 -), também conhecida como Ex-Miss Febem.

Aleta Valente é carioca, moradora do subúrbio do Rio de Janeiro, mais especificamente Bangu, e em 2015, criou uma conta no Instagram denominada @ex_miss_febem. Nela, a artista incorpora uma personagem que quer ascender/descender por meio da própria imagem e para tanto utiliza de diversas selfies debochadas. Tais selfies ironizam essa autoglamourização, autogourmetização, automarketização presente nas redes sociais. Em uma das selfies, a Ex-Miss-Febem está vestindo uma calça branca ensanguentada, expondo sua menstruação. A legenda da imagem é *Not Pregnant* (Não Grávida). Em outra selfie, ela posa seminua subindo uma escada com a legenda *Ascensão Social*, ironizando a noção de meritocracia. Também há uma selfie na qual a artista posa de maneira sensual em cima de materiais de construção. *Material Girl* é a legenda, fazendo um trocadilho com a famosa música da Madonna. Ainda, na selfie intitulada *Adoro Farm*, a artista aparece na imagem comendo a grama do seu quintal, novamente fazendo piada com o nome de uma marca de roupa cara.

²⁵ Relativo a comidas ou bebidas sofisticadas.



Imagem 61: *Not Pregnant*, Aleta Valente, 2015.

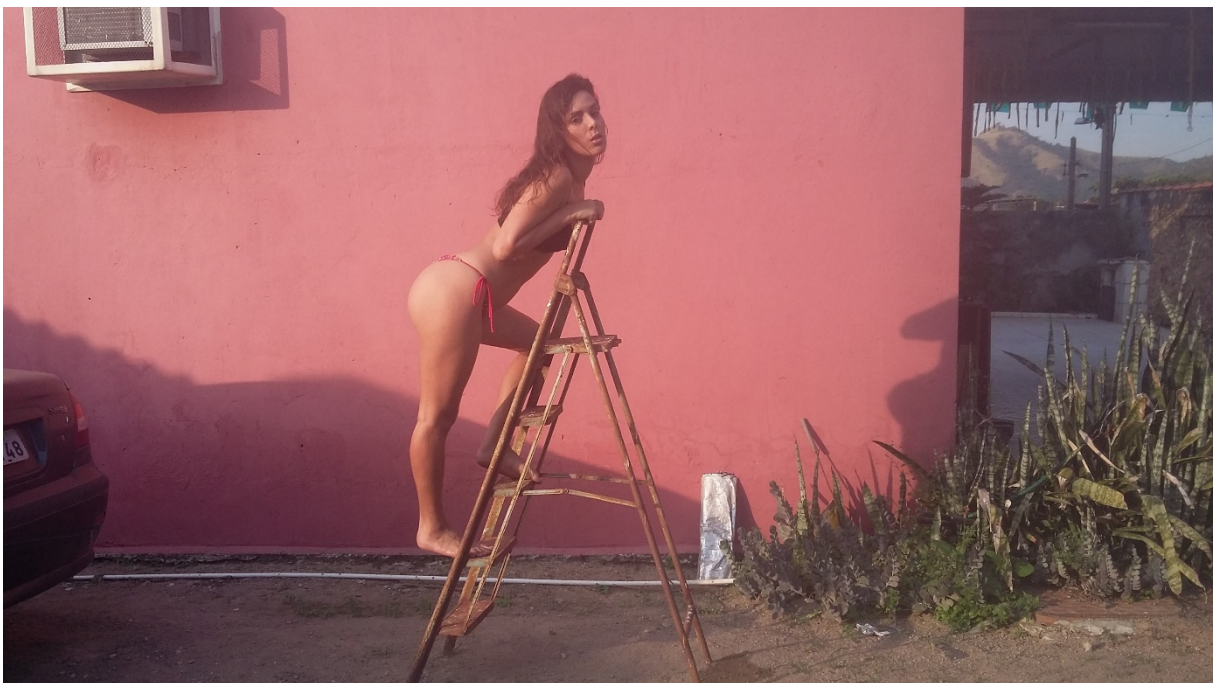


Imagem 62: *Ascensão Social*, Aleta Valente, 2015.



Imagem 63: *Adoro Farm*, Aleta Valente, 2015.



Imagem 64: *Material Girl*, Aleta Valente, 2015.

A Ex-Miss-Febem não tem vergonha de se ridicularizar. E seu deboche nos atinge pois funciona como um espelho. Somos todos/as/es, em algum grau, essa personagem que tenta ascender via própria imagem. Também é mérito da personagem de Aleta Valente criar imagens questionadoras, especialmente no que se refere à representação e construção da mulher. Se Cindy Sherman e Amalia Ulman reencenam os estereótipos femininos presentes no cotidiano, Aleta Valente encena o antiestereótipo feminino: menstruada, não se depila e já abortou. A artista sempre parte da própria realidade para suas criações, sem os filtros ou os vernizes que costumamos aplicar em nossas imagens. Afinal, nas redes sociais ninguém é pobre, feio/a ou triste. Se não posso postar fotos numa praia paradisíaca da Grécia, vou postar fotos num terreno baldio em Bangu. É o que tem pra hoje, mores.

A própria artista relata que esse esforço de autoestetização muitas vezes é automático, e escapa da nossa percepção crítica. Ou nas palavras da própria artista numa entrevista²⁶ dada em 2018:

Quando começaram os celulares, eu tinha um Nokiazinho que fazia assim (gesticula com a mão, o gesto de deslizar a tela, muito comum em celulares antigos), que corria. E eu comecei a fazer fotinha, mas tinha aquela coisa né, de estar sempre querendo parecer mais ... eu falo limpinho, mas é brincadeira ... de parecer menos pobre. (VALENTE, Canal *Hysteria*, 2018)

Após ter sua conta derrubada no Instagram devido à nudez parcial de algumas de suas imagens, a artista decide parar de utilizar o próprio corpo e a própria imagem para lançar seus questionamentos. Em suas próximas contas @ex_miss_febem2 e @ex_miss_febem3 decide utilizar os memes como recurso narrativo.

Como a própria Aleta Valente disse, esse esforço de “estar sempre querendo parecer mais” ou mesmo o esforço de “parecer menos pobre” é constante. PARECER mais, PARECER menos. Afinal, se nos construímos na visibilidade, o mais importante é parecer

²⁶ - Para saber mais, consultar: <https://www.youtube.com/watch?v=ig7XtVFtpX8>

ou aparentar, e não necessariamente ter ou ser. Só é válido se alguém estiver vendo. De nada serve viajar para Europa, se ninguém ver que eu estive lá. De acordo com as palavras de Paula Sibilia:

Já no atual estágio de “colonização total da vida social pelos resultados acumulados da economia”, na sociedade do espetáculo, enfim, ocorre “um deslizamento geral de ter em parecer”. [...] A conclusão é simples: se não se mostra, se não parecer à vista de todos e os outros não o veem, então, de pouco servirá ter seja lá o que for. Agora, portanto, o importante é parecer. (SIBILIA, 2016, p.122)

Em se tratando de parecer, muitos/muitas buscam parecer mais rico/a. Ostentar roupas de luxo, exibir sua mansão, mostrar sua riqueza econômica e acumular capital são maneiras de se destacar na sociedade. No entanto, em um país com tantas desigualdades socioeconômicas como o Brasil, poucos/as alcançarão esses patamares. Enquanto não se chega lá, grande parte dos brasileiros gosta de assistir a *youtubers* exibindo suas enormes mansões ou ver as blogueiras mostrando sua coleção de roupas. Mesmo que essas mansões sejam alugadas ou que as roupas sejam emprestadas. Este tipo de vídeo traz uma ilusória esperança meritocrática: um dia, serei eu, a mostrar minha mansão.

Outros/outras têm o próprio corpo como ferramenta de ostentação. Barrigas negativas, músculos definidos, peles lisas também são maneiras de se destacar na sociedade. O corpo passa a ser um objeto de design, é preciso moldá-lo, esculpi-lo, poli-lo. Para isso recorreremos a uma série de práticas como musculação, cirurgias plásticas, dietas, *skincare*²⁷. Como menciona Paula Sibilia: “O corpo se torna uma espécie de objeto de design que deve ser constantemente cuidado e renovado.” (SIBILIA, 2016, p.151)

As próprias empresas cibernéticas acabam fortalecendo essa competição de aparências. Recentemente, houve uma denúncia envolvendo a rede social Tik Tok. O Tik Tok é uma rede social chinesa focada no compartilhamento de vídeos curtos, que alcançou enorme

²⁷ Uma sequência de procedimentos que envolvem a limpeza, a nutrição e a proteção da pele.

popularidade, principalmente entre as/os jovens, sendo o segundo aplicativo mais baixado no ano de 2020 com mais de 700 milhões de *downloads*²⁸. No entanto, em documentos vazados na internet, os/as moderadores/as da plataforma eram instruídos a esconder vídeos de pessoas “feias” ou com alguma “deficiência” e também cenários “pobres”. O intuito disso, era deixar a plataforma mais “bonita” e conseqüentemente aumentar a popularidade e receita da empresa. Além disso, o documento também cita censura a determinados conteúdos políticos²⁹.

Resumindo: na internet ninguém é pobre, feio ou triste. Ou ninguém quer parecer assim. Contudo, essa infundável busca por uma superfície mais apresentável pode levar a várias frustrações e transtornos. Um desses transtornos é a dismorfia corporal causada pelas selfies. Muitas pessoas, especialmente jovens, têm como referencial suas próprias selfies. No entanto, as selfies muitas vezes possuem distorções. Seja pelas lentes fotográficas ou pelos filtros embelezadores, o abismo entre o que sou e o que sou nas selfies gera uma enorme insatisfação. Segundo uma pesquisa³⁰ da Academia Americana de Cirurgia Facial, Plástica e Reconstructiva, em 2017, 55% dos/as cirurgiões/cirurgiãs plásticos/as faciais atenderam pacientes que queriam passar por cirurgias para aparecer melhor em selfies (em comparação à apenas 13%, em 2013). Outros/outras recorrem à Harmonização Facial. A harmonização facial é um conjunto de procedimentos estéticos que incluem aplicação de *botox*, realização de pequenas cirurgias ou procedimentos dentários, execução de preenchimentos diversos e entre outras técnicas, a fim de tornar o rosto mais “harmônico”, “definido” e “simétrico”. Tudo para parecer mais selfieável.

A busca pelo “bem-sucedido”, “luxoso”, “bonito” e “simétrico” acaba criando padrões de ser/parecer. Identidades homogêneas. De repente, todo mundo começa a ficar parecido. E foi a partir desse sentimento que desenvolvi a obra *ALTERselfie* (2016-2019).

²⁸ Para saber mais, consultar: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/04/tiktok-whatsapp-e-facebook-sao-os-apps-mais-baixados-de-2020-ate-agora.qhtml>

²⁹ Para saber mais, consultar: <https://theintercept.com/2020/03/16/tiktok-censurou-rostos-feios-e-favelas-para-atrair-novos-usuarios/>

³⁰ Para saber mais, consultar: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43910129>

O ano era 2016 e eu estava encerrando um curso de fotografia em Belo Horizonte. No último módulo do curso, desenvolvemos um ensaio fotográfico que deveria ficar exposto nos corredores da escola. Nessa oportunidade que surgiu a primeira versão da obra *ALTERselfie*.

Na época, eu estava intrigado pelo sentimento de ser parecido com alguém. Frequentemente as pessoas me abordavam e diziam coisas como: “Você é igual ao meu colega, só muda a voz”; “Deve ser a barba né, não sei”; “Outro dia na faculdade gritei seu nome, mas não era você, de longe parecia muito”. Seriam *Doppelgangers*? Duplos talvez?

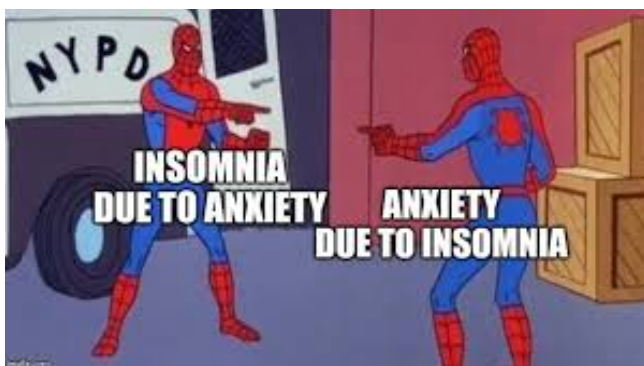


Imagem 65: Meme sobre Doppelganger/Duplo.

Doppelganger é um termo alemão que designa uma pessoa idêntica a você, que não é biologicamente relacionada. Não é uma/um irmã/o gêmea/o, nem um parente e sim uma pessoa de fora da família. Muitas lendas nórdicas dizem que esbarrar com seu doppelganger pode significar mau presságio. Duplo é um conceito similar, da psicanálise, no qual a pessoa, de maneira angustiada, se enxerga como um/a outro/a. Muitas obras artísticas – literatura, cinema, animação, videogame – exploram o conceito de duplo. O *Homem Duplicado* (2008) do José Saramago é um dos exemplos.

O que Tertuliano Máximo Afonso contou à mãe é que havia conhecido uma pessoa, um homem, cujas parecenças consigo chegavam a um tal ponto que quem os não conhecesse perfeitamente de certeza os confundiria, [...] por que

ver-se repetido, com pequenas diferenças, em um ou dois autênticos irmãos gêmeos ainda vá [...], uma vez que é tudo a mesma família, ao passo que estar na frente de um estranho nunca visto antes e por um instante sentir-se a duvidar de quem era um e de quem era o outro. (SARAMAGO, 2008, p.231)

Assim como Tertuliano, passei a buscar obsessivamente meus semelhantes. Recordei de garotos parecidos comigo e coletei algumas selfies deles. Também pedi a algumas pessoas que me ajudassem nessa busca. De repente, eu já tinha uma coleção de cinquenta selfies de rapazes parecidos comigo.

Após reunir as selfies dos outros, as alter selfies, fiz algumas edições na imagem, referentes à cor e luminosidade. Transformei todas as imagens em imagens preto e branco (P&B), a fim de criar um equilíbrio visual e reforçar a semelhança entre os rapazes. Essa operação já caracterizava uma intervenção na imagem, deixando de ser meramente apropriada das redes sociais.

Dessa maneira, organizei esse conjunto de cinquenta imagens no formato de um *feed* do Instagram. As imagens foram ordenadas com o objetivo de criar uma quase narrativa. Similar ao processo de escolhermos as melhores selfies para postar no Instagram ou ao processo de organizarmos nosso perfil, é o processo de curadoria das imagens de *ALTERselfie*. Um desejo de construir minha própria biografia a partir de imagens do outro. Assim, apresentei essa primeira versão da obra na mostra interna da escola e já nesse momento a intitulei de *ALTERselfie*.



Imagem 66: Primeira montagem de *ALTERselfie*, Xikão Xikão, 2016-2019.

Continuei a expandir a série fotográfica. A busca tornou-se mais difícil, pois o círculo de amigos e conhecidos parecidos comigo começou a ficar escasso. Então decidi usar os próprios mecanismos de busca das redes sociais, especialmente as hashtags. *#beard* (barbudo), *#beardselfie* (selfie barbudo), *#bear* (ursos)³¹, *#bearselfie* (selfie de urso), *#urso*, *#barba*, e outras variações. Na medida em que o conjunto se expandia, as conexões já não partiam somente de mim. Se minha selfie parecia com a selfie X e selfie Y, as selfies W e Z se assemelhavam com as selfies X e Y, e ia se formando uma costura de rapazes barbudos. A ordem das imagens também se tornou importante para construção da massa barbuda. Com o tempo, o próprio algoritmo começou a sugerir perfis e selfies similares, e contribuir para expansão do conjunto.

Dessa forma, a série foi sendo construída e sendo exposta, simultaneamente. A cada montagem são acrescentadas novas imagens. Também foram experimentados diferentes formatos – vertical (como um *feed*), horizontal, quadrado – e também experimentei alguns recursos – o uso de *QR Code*³² (que direcionava para uma versão virtual da obra), o tipo de impressão. Foram quatro exposições – três vezes em exposições individuais e uma vez em uma exposição coletiva³³. Sua versão mais recente conta com 250 selfies.

³¹ Subgrupo da comunidade LGBT, que designa homens gays ou bissexuais que geralmente são gordos, barbudos, peludos, e às vezes mais velhos. Também conhecido no Brasil como ursos.

³² *QR Code (Quick Response Code)* é um código visual que pode ser lido pelas câmeras da maioria dos celulares. Ao ser lido, redireciona o/a usuário/a para algum conteúdo exclusivo ou página específica. Seus usos são variados e o código pode estar impresso ou numa tela.

³³ Exposto em:

- *Arte Londrina 7 – Precipitações*/ Coletiva / Divisão de Artes Plásticas de Londrina (DaP) / Londrina (PR)/2019.
- *Selfie Service* /Individual / Memorial Minas Gerais Vale / Belo Horizonte (MG) / 2017-2018.
- *Copy of a Copy.*/ Individual / Galeria de Arte Nello Nuno (FAOP) / Ouro Preto (MG) / 2017.
- *Cópia da Cópia.Jpeg*/ Individual / Galeria de Arte da Assembleia Legislativa de Minas Gerais / Belo Horizonte (MG) / 2017.
- *Cá Entre Nós* / Coletiva / OÁ Galeria / Vitória (ES) / 2017.
- *Curto Circuito – Conexões Imprevistas* / Coletiva-Ocupação/ Sesc Palladium/ Belo Horizonte (MG) / 2016.
- *#SelfiePerformance* / Coletiva / Galeria da EAV (Escola de Artes Visuais) Parque Lage / Rio de Janeiro (RJ) / 2016.



Imagem 67: Última montagem de *ALTERselfie*, Xikão Xikão, 2016-2019.



Imagem 68: Última montagem de *ALTERselfie*, Xikão Xikão, 2016-2019.

Depois, da última montagem, percebo que talvez fosse interessante retomar o formato de *feed*, como expografia da obra, para retomar o caráter cibercultural de *ALTERselfie*. Também percebo que mesmo depois de ver essa obra tantas vezes, em seus processos e exposições, ainda me surpreendo com ela. Ainda sinto uma angústia de me ver em tantos rostos, tantas selfies. Como Tertuliano Maximo Afonso, sei que todos eles não são eu, mas me vejo representado em todos eles. Não os sou, mas poderia os ser. É como um apagamento, uma diluição, uma amálgama. E essa amálgama virtual foi denominada como *enxame digital* pelo filósofo sul-coreano Byung Chul Han (2018).

A nova massa é o enxame digital. Ela apresenta propriedades que a distinguem radicalmente da clássica formação dos muitos, a saber, da massa. [...] O enxame digital consiste em indivíduos singularizados. [...] Os indivíduos que se juntam em um enxame não desenvolvem nenhum Nós. [...] Ele preserva a sua identidade privada mesmo quando ele se comporta como parte do enxame. (HAN, 2018, pp.26-28)

Vale lembrar que *ALTERselfie* é sobre a repetição – das identidades e das imagens. Os sujeitos parecem se repetir, porém isso não ocorre. O/A espectador/a se sente impelido a buscar os duplos, mas se frustra em sua busca (ou talvez não). E depois de um tempo fica todo mundo igual. Harmonização fácil, cirurgias plásticas, o mesmo corte de cabelo, a mesma barba. As imagens também parecem se repetir. Os mesmos enquadramentos – selfie com o enquadramento um pouco de cima, selfie escondendo o braço esticado. Os mesmos cenários – selfie na cama, selfie com uma parede bem colorida atrás, selfie ao lado de uma janela. As mesmas poses – sorrisos, dedos da mão formando um V, biquinho de beijo, carão. É tudo muito parecido. *ALTERselfie* é como um jogo da memória, em que imagens fazem e não fazem par, ao mesmo tempo. Divirta-se. Para maiores de 12 anos.

ALTERselfie também se propõe a discutir como consumimos, intencionalmente e não intencionalmente, o conteúdo das redes sociais, e como isso reflete nas nossas relações sociais. Embora os algoritmos das redes sociais sejam diferentes entre si, grande parte deles tem a proposta de exibir conteúdo personalizado, de acordo com a preferência do/a usuário/a. Assim, não intencionalmente, vemos uma parcela do mundo que nos é

agradável. “Eu sigo pessoas que pensam similar a mim, e aquela pessoa que tem uma opinião diferente, eu bloqueio ou excluo”. E intencionalmente, construímos relações apenas com as/os semelhantes. As denominadas bolhas. O sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017) falou sobre o assunto em entrevista³⁴ recente.

Por exemplo, quando você sai de casa e se encontra na rua, num bar ou num ônibus, interage – queira ou não – com as pessoas mais diversas, as que lhe agradam e as que lhe desagradam, as que pensam como você e as que pensam de modo distinto. Não pode evitar o contato e a contaminação, está exposto à necessidade de confrontar a complexidade do mundo. Esta própria complexidade não é uma experiência prazerosa e obriga a um esforço. A internet é o contrário: permite não ver e não encontrar todos os que são diversos de você. Eis porque a rede é, ao mesmo tempo, um remédio contra a solidão – você se sente em contato com o mundo – e um lugar de “confortável solidão”, onde cada um está fechado na sua network, da qual pode excluir quem é diverso e eliminar tudo o que seja menos prazeroso. (BAUMAN, 2016)

A saída para esse mar de imagens iguais talvez seja mergulhar nele. Coletar, reordenar, recortar, modificar e rerepresentar. *Everything is a Remix*. Considerando isso, apresento uma artista que também decidiu remixar imagens semelhantes, a norte-americana Penelope Umbrico (1957-).

Em 2006, ao utilizar a plataforma de compartilhamento de imagens Flickr, a artista percebeu que as imagens de pôr do sol eram as imagens em maior presença naquele espaço virtual. A partir dessa constatação, coletou muitas dessas imagens para depois realizar um corte nelas, reorganizar tudo e rerepresentar. *Suns from Sunsets from Flickr* (2006) é uma das obras mais conhecidas da artista. Umbrico conta um pouco sobre o processo de criação em seu site³⁵.

Talvez parte do encanto de tirar uma foto do pôr do sol consiste no fato de que enquanto você tira sua foto, milhares de outras pessoas também estão fazendo, ao mesmo tempo. Eu amo a coletividade dessa prática, algo que todos nós realizamos, independente da nossa bagagem cultural. E sabendo que

³⁴ Para saber mais, consultar: <https://gizmodo.uol.com.br/zygmunt-bauman-morte-reflexoes/>

³⁵ Para saber mais, consultar: <http://www.penelopeumbrico.net/index.php/project/suns-from-sunsets-from-flickr/>

existiram milhões de outras fotografias similares antes e haverá milhares de outras fotografias similares depois. [...] Através das tecnologias fotográficas, experienciamos o poder de milhões de visões sinópticas, compartilhadas da mesma maneira, no mesmo momento. Afirmar autoria individual ao fotografar o pôr-do-sol é desassociar dessa prática coletiva e negar o porquê capturar o pôr-do-sol é tão irresistível. (UMBRICO, 2006, Livre Tradução)



Imagem 69: Suns from *Sunsets from Flickr*, Penelope Umbrico, 2006.



Imagem 70: Suns from *Sunsets from Flickr*, Penelope Umbrico, 2006.

Penélope Umbrico foi muito perspicaz em sua fala. Qual é o encanto de realizar uma imagem tão clichê – Uma foto de pôr do sol? Selfie com o Cristo Redentor ao fundo. Foto daquele prato de comida daquele restaurante famoso que todo mundo já foi. Existem milhões de fotografias iguais, mas as imagens que já existem não nos bastam. Inclusive as milhões de autofotos. Se nossos celulares estão repletos de selfies, por que continuamos a fazer mais selfies? O motivo é que as autoimagens contemporâneas não são meros registros e sim performances. Uma performance de pertencimento. Eu também preciso criar minha própria versão dos fatos, eu também quero escrever minha própria narrativa. Cabe a cada um escolher as diretrizes dessa narrativa.

Se essa narrativa vai ser totalmente ficcional ou parcialmente ficcional, se o/a personagem dessa narrativa é selfieável ou inselfieável, se o público vai reagir com biscoitos ou cancelamentos, vai depender de uma série de conjunturas.

Finalmente, o que existe por trás de uma selfie é bem complexo. E talvez não dê tempo de entender, pois cada vez mais a selfie perde espaço para os vídeos, *stories* e outros tipos de conteúdo audiovisuais. Pode ser que a selfie morra. Seja esquecida. Na minha época que era bom, a gente fazia selfies. Mas a preocupação em estar selfieável, o medo de ser cancelado/a/e, o desejo de ser curtido/a, continuarão, pois essas dinâmicas parecem ainda longe de terminar. No fim das contas, o que está em jogo é a visibilidade.

Mas

Não deixa de conferir meu novo post.

Arrasta pra cima

E

Não se esqueça de curtir, comentar e compartilhar.

ANEXO 2

ALTERselfie

todas as imagens da obra

Proposta à/ao leitora/leitor:

Completar
com outras selfies.

Semelhantes





CAPÍTULO 3

Nude É e Não É

uma Selfie Pelado(a) (e)

[23:45] **MarcusL** entrou na sala

[23:46] **MarcusL** diz para **todos**: Alguém em busca de diversão?

[23:46] **HxHcam** diz para **MarcusL**: Opa, vamos pro privado.

[23:46] Solicitação de **HxHcam** para entrar em um chat privado.

Aceitar

Excluir

[23:47] **MarcusL** e **HxHcam** agora estão em um chat privado

[23:47] **HxHcam** diz: Como vc eh?

[23:49] **MarcusL** diz: Alto, magro, branco,olhs e cab cast, peludo.

[23:49] **MarcusL** diz: E vc?

[23:50] **HxHcam** diz: Baixo, moreno, sarado, 22a, lisinho.

[23:51] **MarcusL** diz: Tem foto? Manda ae

[23:54] **HxHcam** enviou 3 imagens.



Deseja exibir as imagens ?

Sim

Não

[23:55] **HxHcam** diz: Curtiu ? Manda foto ae tbm

[23:58] **HxHcam** diz: Bora ligar a cam?

[00:05] **HxHcam** diz: Eiiii, KD VC????

[00:08] **HxHcam** diz: AFFFFFFF

Imagem 71: Simulação de uma conversa minha em um passado distante, s/d.

No final da minha adolescência, um dos meus passatempos favoritos era enganar homens em salas de bate-papo a fim de lhes arrancar alguns nudes. MarcusL era eu. Uma das minhas múltiplas personas cibernéticas. Os tempos eram outros. Lá em 2007/2008 a rede social mais popular do Brasil era o Orkut, conversávamos no computador pelo MSN Messenger, e paquerávamos pelo Bate Papo Uol. Os perfis falsos eram criados por nós mesmos/as, e não por robôs.

A pós-fotografia era minha aliada nessa falcatrua. Com o enquadramento certo, a luz adequada e a edição minuciosa, eu conseguia sustentar a fábula. Os encontros nunca atravessaram a fronteira do real e nem migravam para as vídeo-conversas (possíveis na época através de dispositivos chamados *webcams*¹) pois eu poderia ser desmascarado. O rei está nu.

Toda essa adrenalina, com o passar do tempo, foi se tornando exaustiva. A vida dupla (*Homem-Aranha/Peter Parker*) (*Serena Tsukino/Sailor Moon*) não me fazia bem. Pois enquanto o MarcusL vivia sua sexualidade e tinha seu corpo desejado, o Francisco permanecia no armário e tinha vergonha do próprio corpo. A partir do momento, em que me aceito, como gay e gordo, o personagem não fazia mais sentido. MarcusL morreu. Esse *fake* virou um enterro.

Agora eu podia mandar nudes, marcar encontros e fazer vídeo-chamadas. Não era mais preciso me esconder. Não era preciso, mas talvez me camuflar ainda desse um certo tesão.

¹ Webcam é uma câmera de vídeo, geralmente de baixo custo e baixa resolução, que capta e transmite imagens/vídeos para um computador, no qual está acoplada. Tais dispositivos eram comuns antes do surgimento de smartphones e notebooks com câmeras integradas. O uso principal são as videochamadas.



Imagem 72: Obra realizada após desativar o perfil de MarcusL, Xikão Xikão, 2011.

Pula para 2016. Nessa época, eu fazia parte de um coletivo de performance chamado *VESPA* (Via de Experimento em Performance e Ação). O coletivo realizou duas mostras, *VESPA f(x)* e *VESPA f(x)²*, em diferentes espaços de Belo Horizonte. Em uma delas, apresentei a performance *Maskerade II* (2016), que por sua vez, era um desdobramento de uma série fotográfica denominada *Maskerade I* (2016). Ambas foram inspiradas na série fotográfica conhecida como *Mask Series* (feitas no período compreendido entre 1956 e 1962), produzida por Saul Steinberg (1914-1999) e Inge Morath (1923-2002)

Em *Maskerade II*, eu adentrava o espaço vestido com sessenta máscaras de papel e ia despindo-as uma por uma, conforme o ritmo de sons que tocavam ao fundo. Ao fim da ação, após tirar a última máscara, não havia grande revelação, pois meu corpo estava totalmente coberto por uma segunda pele escura. Como uma sombra. O importante não era quem estava por detrás de tudo, e sim o baile de máscaras.

Obviamente, encontrar uma segunda pele escura que cobrisse todo meu corpo (e ainda permitisse certa respiração) foi um desafio. Buscando tecidos elásticos na internet, acabei me deparando com o *zentai* em lojas asiáticas de traduções confusas. *Lycra elastano de gola alta unitard masculino corpo inteiro zíper pele apertada dancewear personalizar exótico zentai terno macacão de halloween frete grátis*. Me arrisquei na compra, e, ao fim funcionou perfeitamente para a realização dessa performance.



Imagens 73, 74 e 75: *Maskerade II*, Xikão Xikão, 2016.

Zentai é uma roupa japonesa feita de tecido elástico (lycra, spandex ou similar) que cobre todo o corpo. A palavra inclusive é uma abreviação de *Zenshin taitsu* que poderia ser traduzido como “o corpo todo”. Tal roupa possui diversos modelos, diversas cores e diversos acessórios. Por serem feitas de tecidos elásticos, permitem a movimentação e respiração de quem usa. Mas também existem versões mais restritivas, feitas em látex ou couro. Pode ser preta, branca, colorida, bege, listrada, estampada, metalizada, fluorescente etc. Geralmente, se caracteriza como uma peça única que possui um zíper atrás, permitindo à pessoa vestir e despir por conta própria. Mas também pode apresentar outros acessórios como zíper na frente, capuz destacável, mãos e pés destacáveis, recorte nos olhos e na boca, entre outros.



Imagens 76, 77, 78 e 79: Exemplos de traje *Zentai*.

Tal traje é usado de diversas maneiras. O uso mais comum é o sexual. Várias/os são aquelas/es interessadas/os em vestir *zentaís* e se estimular com outros corpos igualmente vestidos. O foco da prática sexual é a fricção do tecido com a pele, a exploração do tato e as carícias mútuas. O corpo torna-se uma grande superfície de contato para ser desbravado. Além disso, existe a emoção de não ser reconhecido/a ao se cobrir com esse tecido. De ser um/a anônimo/a explorando o corpo de outro/a anônimo/a.

No entanto, o traje *zentai* também é utilizado em diversas manifestações artísticas, pois camufla a/o artista que o veste, possibilitando que o público se concentre apenas em movimentos ou em partes específicas do corpo (por exemplo, as mãos). Inclusive, acredita-se que o *zentai* tenha surgido de uma manifestação artística, o *Bunraku*, um teatro de marionetes japonês, no qual os/as titereiros/as usavam roupas e peças pretas a fim de se mesclar com a cortina preta do palco. Atualmente, o *zentai* é muito utilizado pelo cinema. Atores/atrizes vestidos/as com *zentai* verde sobre um fundo verde, simulam algum movimento ou ação e posteriormente serão substituídos/as por computação gráfica ou efeitos especiais.

Destaco também algumas/alguns cantoras/es, dançarinas/os/es, *performers*, atores/atrizes, comediantes, *youtubers*, de diversos lugares do mundo, que utilizam o traje elástico. A artista japonesa Yuzuru Maeda, organizadora da *Zentai Walk*, na qual pessoas vestidas com *zentai* caminham juntas pelo centro urbano; e do *Zentai Dance*, na qual bailarinos/as trajadas/os em *zentai* apresentam suas coreografias. Outro exemplo é o cantor neozelandês Jonathan Bree que utiliza um *zentai* branco em seus videoclipes e shows. No Brasil, o programa *Amor e Sexo* da Rede Globo contava, em seu elenco, com um/a personagem vestido em *zentai* que interagia e brincava com a apresentadora Fernanda Lima. Breno Motta² foi o criador e intérprete desse/a personagem.

² Para saber mais, consultar: <http://gshow.globo.com/tv/noticia/2016/04/fernanda-lima-revela-quem-e-o-zentai-no-amor-sexo.html>



Imagem 80: Registros da Zentai Dance, 2015.

Imagem 81: Foto do cantor Jonathan Bree trajado em *zentai*, 2018.

Imagem 82: Registro do/da personagem Zentai no programa *Amor e Sexo*, 2016.

Nas artes visuais, destaco a artista contemporânea paraense, Rafael B Queer, que também utiliza o *zentai* em suas obras. Em sua performance *Super Zentai*, a artista transita por espaços, expositivos e públicos, vestido um *zentai* enquanto interage com pessoas e situações variadas, geralmente acompanhada de outros/as/es *performers*. A performance já aconteceu no Rio de Janeiro (RJ) e em São Paulo (SP). E o título, *Super Zentai* é um trocadilho com o gênero televisivo japonês *Super-Sentai*, no qual heróis/heroínas mascarados/as, como *Power Rangers* ou *Jaspion*, salvam o dia de monstros gigantes.

Super Zentai também é um debate sobre representatividade. Quando acaba a performance, os *zentaís* são despídos e os/as *performers* são em sua maioria, negros/as/es e LGBTQIA+'s. Há, aqui, uma reivindicação de corpos negros e/ou *queers*³ como protagonistas das narrativas. Dessa vez, quem salva o dia de monstros gigantes é Rafael B Queer e seu esquadrão não normativo. Outra característica importante do trabalho é o conjunto de tensões propostas entre o corpo camuflado e o corpo desnudo. Entre a vontade de tocar e a repulsão sensorial causada pelo próprio tecido. Entre a identidade encenada e a identidade escondida. Tais tensões também surgem, de outras maneiras, na minha produção. Especialmente a partir do momento em que incorporo o *zentai* ao meu vocabulário artístico.

³ Palavra usada para designar pessoas que, seja por sexo biológico, orientação sexual ou expressão de gênero, fogem do padrão cis-heteronormativo.



Imagem 83: *Super-Zentai*, Rafael B Queer, 2017-2018.



Imagem 84: *Super-Zentai*, Rafael B Queer, 2017-2018.



Imagem 85: *Super-Zentai*, Rafael B Queer, 2017-2018.



Imagem 86: *Super-Zentai*, Rafael B Queer, 2017-2018.

Em meados de 2017, estava lendo o livro *Identidades Virtuais* (2004) de Annateresa Fabris, e no capítulo *Autorretrato Acéfalo* me deparei com a seguinte citação.

O corpo como primeira marca da identidade está no centro de operações artísticas contemporâneas que, sintomaticamente, extirpam dele aqueles que Bordieu denomina os “órgãos nobres da apresentação”: face, fronte, olhos, boca. O que perseguem artistas como John Coplans e Niura Ribeiro com seus autorretratos acéfalos, destituídos justamente daqueles elementos nos quais se condensa de imediato a identidade social? A resposta é diferente nos dois casos, mas ambos abrem a possibilidade de discutir a noção de autorretrato e, logo, de identidade. (FABRIS, 2004, pp.156-157)

Naquele instante cogitei produzir um autorretrato sem rosto. No entanto, já havia feito algo semelhante em obras anteriores. Então optei por criar nudes sem rosto. Somente pele. E essa foi a premissa inicial da série fotográfica *Nude* (2017-2018).

Rapidamente percebi que meu *zentai* preto não serviria para o propósito desejado, pois sua tonalidade totalmente escura ocultava as dobras e contornos do corpo. Visualmente era mais semelhante a uma sombra do que a uma pele. Logo, busquei por um *zentai* que tivesse uma tonalidade mais próxima da minha pele, de tom bege ou similar.

Após esse momento inicial, me debrucei sobre o imagético do nude. Coletei mais de cem nudes, de homens e mulheres, em páginas de pornografia amadora existentes na internet. Nude no espelho, nude levantando a cueca, nude com as calças abaixadas, nude no banheiro, nude deitada de bruços. E a partir disso, resolvi reencenar algumas dessas poses.

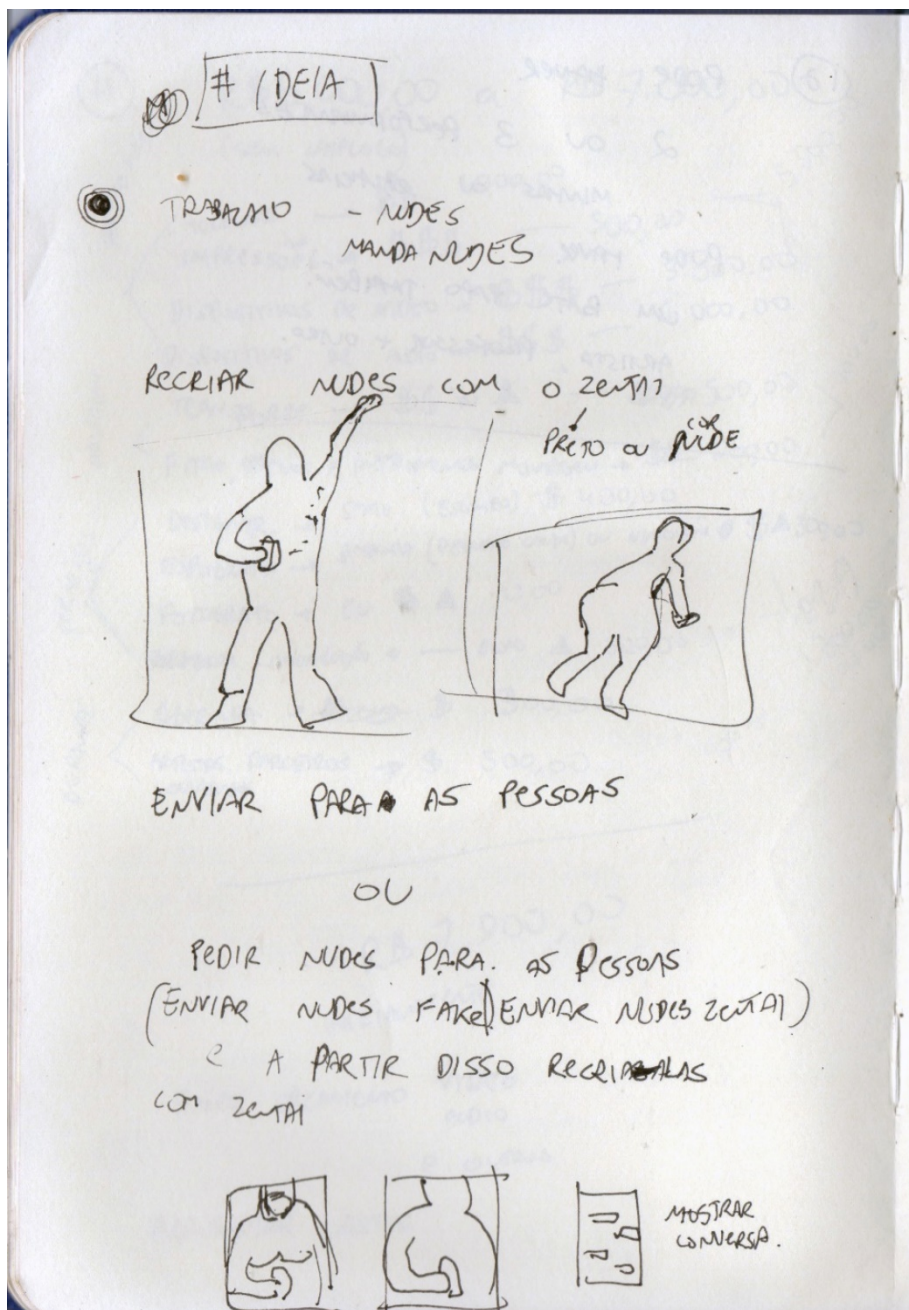


Imagem 87: Anotações do meu caderno de processos, 2017.

Vesti meu *zentai* bege, preparei minha câmera fotográfica e performei diversas situações. Vesti cuecas, calcinhas, sutiãs, sapatos altos e perucas. Me deitei na cama, fui para frente do espelho, entrei no banheiro. Fotografei de cima, de baixo, usei tripé. Assim, essa fotoperformance gerou um conjunto de 14 fotografias, inicialmente. No ano seguinte, em 2018, o conjunto aumentou para 20 imagens.



Imagem 88: *Nude*, Xikão Xikão, 2017-2018.



Imagem 89: *Nude*, Xikão Xikão, 2017-2018



Imagem 90: *Nude*, Xikão Xikão, 2017-2018.



Imagem 91: *Nude*, Xikão Xikão, 2017-2018.

Nude com certeza é um dos meus trabalhos que mais circulou. *Nude* foi exposto cinco vezes. A primeira vez, entre o final de 2017 e começo de 2018, na minha individual no Memorial Minas Gerais Vale, em Belo Horizonte (MG). E, mais recentemente, em um evento do próprio do programa de pós-graduação, o *VIII Coma Altas para o Futuro*, em Brasília (DF). A sua ampla divulgação na mídia me presenteou com alguns *haters* que expressavam seu descontentamento em relação ao trabalho nas redes sociais. “Isso não é arte”. “Que pouca vergonha”.

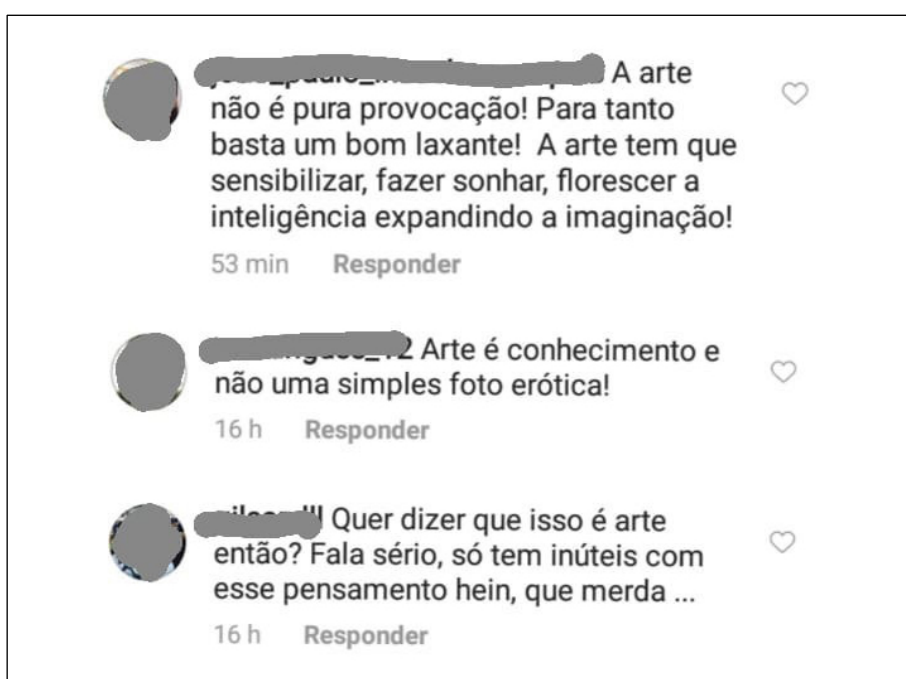


Imagem 92: Captura de tela mostrando os *haters* da obra *Nude*.

Tal descontentamento não me aborrece, pois esse tipo de reação é comum quando se aborda a nudez e/ou o erótico na produção artística, como veremos mais adiante no capítulo. Nem todos/as/es compreenderão minhas motivações.

Talvez minha motivação maior ao vestir o traje *zentai* seja me conectar com meu passado, com Marcus L, e com desejo de me camuflar, de me falsear, de inexistir. Afinal a minha

grande busca enquanto artista é a de falsear a minha existência. Seja com máscaras, espelhos, documentos falsos, selfies ou *zentaís*.

EU DESEJO NÃO SER EU

EU DESEJO SER OUTRO

QUERO SER (E TAMBÉM NÃO SER) TUDO E TODES

MAS TAMBÉM, NADA E NINGUÉM

QUERO OSCILAR ENTRE A REALIDADE E A FICÇÃO

ONDULAÇÃO

Imagem 93: Poema escrito por mim em 2020 (e que deu origem a este capítulo).

E a motivação ao realizar essa fotoperformance também foi me conectar com meu antigo alter ego. Novamente, aqui estou, cuidadosamente criando um personagem desejável através de imagens sensuais. Meu objetivo é captar o olhar do/a outro/a. Numa operação igual a de quem manda um nude. E nesse flerte, ser capaz de lançar três questões.

Primeiro, é de meu interesse destrinchar o clichê. Em *Nude*, existe uma subtração daquilo que é específico, assim como em *Selfie Service*, em que as imagens são substituídas por

textos. Aqui, as identidades são substituídas por algo similar a um manequim. Sem genitais e sem rosto. É como um/a boneco/a brincável que performa o gênero de acordo com os acessórios acoplados (ora masculino, ora feminino, ora nenhum). Use sua imaginação. Obviamente esse corpo-manequim é o meu próprio corpo, então existem algumas especificidades, como as dobras e as curvas dele. Mesmo assim, o foco se desloca de QUEM faz o nude para O QUE é o nude. O gesto de fazer um nude torna-se mais evidente. A performance por trás do nude.

Segundo, desejo explorar a ótica do desejo. Em *Nude*, do ponto de vista fotográfico, a maioria das imagens traz uma ótica *voyeurista*, de quem está observando a cena. Paparazzi. As imagens da série não são, em grande parte, as mesmas imagens que o/a personagem produz. Me interessava captar o modo como se segura os *smartphones* e como esse corpo ocupa os espaços escolhidos. Nisso o/a espectador/a se transforma num/a *vouyer*⁴ (e eu, em um exibicionista). Cria-se uma tensão entre olhar e ser visto.

Terceiro, quero me colocar na fronteira do erótico. Em *Nude* há uma tensão entre revelar e esconder. Essa dinâmica é recorrente nas autoimagens eróticas e nas imagens eróticas, de uma maneira geral. As partes do corpo que se decide esconder (rostos), as partes do corpo que se decide mostrar (peitos, bundas, genitais) e também as partes do corpo que se decide mostrar parcialmente (volumes e decotes) fazem parte da performance núdica. O quanto se mostra é proporcional ao quanto se esconde. Do sensual ao explícito. Do *softporn*⁵ ao *hardporn*⁶. A série *Nude* acrescenta outra camada nessa tensão. Além das escolhas da/o própria/o personagem sobre o que mostrar (e o que esconder), há ainda a presença do tecido elástico sobre o meu corpo. Então mesmo quando se decide ser explícito, ainda se esconde algo por debaixo do *zentai*. Cria-se uma ambiguidade. Mostra e não mostra. Despido e vestido. +18 e Classificação Livre.

⁴ Termo em francês que designa a pessoa que tem prazer em observar outras pessoas fazendo sexo.

⁵ Gênero pornográfico em que as relações sexuais são retratadas de forma mais sugestiva

⁶ Gênero pornográfico em que as relações sexuais são retratadas de forma mais explícita.



Imagem 94: Uma das montagens de *Nude*, Xikão Xikão, 2017-2018.



Imagem 95: Uma das montagens de *Nude*, Xikão Xikão, 2017-2018.



Imagem 96: Outra montagem de *Nude*, Xikão Xikão, 2017-2018.

Esses tensionamentos – revelar e esconder, observar e ser observado – não são ineditismos. Inclusive, há uma recorrência disso na história da arte. Retratar um corpo nu ou produzir imagens eróticas são práticas ancestrais. Por exemplo, a pequena estatueta conhecida como *Vênus de Willendorf* é uma das representações mais antigas de nudez feminina já encontrada (estima-se que foi esculpida a 25.000 anos a.C.). Na Grécia Antiga, os corpos nus dos atletas eram celebrados em estátuas e pinturas, e associavam virilidade com divindade. O movimento *Shunga* dos artistas japoneses dos séculos XVII, XVIII e XIX, elaborou gravuras explicitamente eróticas. Os pré-modernistas europeus também chocaram com a nudez de mulheres comuns. Os quadros *Olympia*, de 1863, e *Almoço sobre a Relva (Le Déjeuner sur l'herbe)*, criado entre 1862 e 1863, ambos de Édouard Manet (1832-1883) são exemplos disso. Na arte contemporânea várias/os são as/os representantes da temática, principalmente as artistas mulheres que agora buscam uma representação do nu feminino para além de objeto de desejo dos homens ou fruto do olhar masculino. Nan Goldin (1953-), Annie Sprinkle (1954-), Valie Export (1940-), Vanessa Beecroft (1969-), Márcia X (1955-) são alguns exemplos. Múltiplas são as representações (e autorrepresentações) do nu. Mas existem semelhanças entre os retratos/autorretratos nus e os nudes? Existem, e para comprovar tracei dois paralelos.

O primeiro paralelo é entre *La Maja Desnuda* (1790-1800) / *La Maja Vestida* (1802-1805), obra de Francisco de Goya (1746-1828) e o compartilhamento de conteúdo privado do Instagram, popularmente nomeado de *Bolinha Verde*.

La Maja Desnuda/La Maja Vestida é um díptico de quadros pintados pelo artista espanhol Francisco de Goya, entre o final do século XVIII e início do século XIX. A dupla de imagens foi encomendada por Manuel de Godoy para um gabinete de sua casa, que continha pinturas dessa natureza. Na época, a Espanha passava pelo período conhecido como Inquisição e imagens de nudez eram condenadas pelo tribunal religioso. Talvez por isso, Godoy tenha utilizado um sistema de polias para esconder *La Maja Desnuda* debaixo de *La Maja Vestida*. Dessa forma, para ter acesso à representação da moça nua era necessário ativar esse mecanismo. Mesmo assim, os investigadores da Inquisição descobriram tal imagem e *La Maja Desnuda* causou polêmica pelo seu olhar de confronto

lançado ao espectador e pela naturalidade que a modelo lida com o próprio corpo nu. A maja⁷ só quis sensualizar um pouco.



Imagem 97: *La Maja Desnuda*, Francisco de Goya, 1790-1800.

Imagem 98: *La Maja Vestida*, Francisco de Goya, 1802-1805.

⁷ Denominação espanhola do século XVIII e XIX para pessoas de classes mais baixas que possuíam beleza ou estilo cativantes.

Quem também resolveu sensualizar fomos nós. Nas redes sociais, a autoerotização é tão comum quanto a autoficcionalização. O Show do Eu, muitas vezes pode ser um Show *Privê*⁸ do Eu. Apenas para maiores de 18 anos. Exemplo disso é a *Bolinha Verde*.

Em 2018, o Instagram lançou um novo recurso denominado *Melhores Amigos*. Esse recurso possibilita a publicação de *stories*, as fotos e vídeos que desaparecem após vinte e quatro horas, a um público limitado. Dessa forma, o usuário pode escolher uma lista de seguidores que terá acesso aos seus *stories*, e torná-los invisíveis para os demais. Uma espécie de camarote do Show do Eu. E para diferenciar os *stories* comuns dos *stories* secretos, a plataforma sinaliza com um círculo rosa aquilo que é destinado ao público geral, e com um círculo verde, aquilo que é destinado ao público privado, sendo essa a origem da gíria *Bolinha Verde*.

Esse espaço *privê* foi explorado pelos/as usuários/as de várias maneiras, todavia é possível mapear dois usos principais: 1) O compartilhamento de nudes ou conteúdo sexual, 2) O compartilhamento de conteúdo relacionado a drogas, lícitas e ilícitas. A *Bolinha Verde* se tornou um recurso muito útil nas nossas construções identitárias. Muitas vezes, você quer mostrar que está bebendo, fumando e se divertindo numa festa, mas não quer necessariamente que sua/seu chefe veja. Muitas vezes, você quer compartilhar uma foto da sua bunda, mas não quer que sua família veja. Logo as *bolinhas, verde* e *rosa*, cumprem essa demanda contemporânea de como fazer circular, em espaços diferentes, selfies e nudes. A selfie queremos que seja vista e curtida por todos/as/es, o nude queremos que seja visto e desejado apenas por alguns/algumas. *Bolinha Rosa, La Maja Vestida. Bolinha Verde, La Maja Desnuda*. É o mesmo mecanismo de polias que Godoy adotou para esconder a imagem proibida debaixo da imagem permitida. Puxe a cordinha e descubra.

⁸ O mesmo que privado. Termo muito utilizado pela indústria pornográfica.

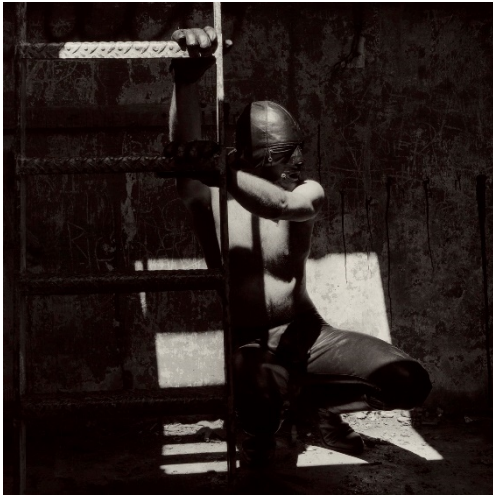


Imagem 99: Meme sobre o recurso *melhores amigos* (bolinha verde).

Outro paralelo é entre o *Portfólio X* (1977-1978) do artista Robert Mapplethorpe (1946-1989) e as fotografias da influenciadora digital Nyome Nicholas Williams (1991-).

Robert Mapplethorpe é um artista estadunidense que se dedicou exclusivamente à fotografia, especialmente à fotografia preto e branco. Abertamente gay, Mapplethorpe foi um dos pioneiros, nas artes visuais, a explorar a nudez masculina como objeto de desejo e a retratar cenas homoeróticas. Entre 1977 e 1980, o fotógrafo conhece a cena BDSM⁹ nova-iorquina e a registra. Homens acorrentados, trajes de látex/couro, urofilia e até mesmo um autorretrato do artista com um chicote inserido no ânus. Tudo isso fazia parte do *Portfólio X*, e junto com o *Portfólio Y* (1978) e *Portfólio Z* (1981), formavam um conjunto de trabalhos. Lamentavelmente Mapplethorpe morreu alguns meses antes de exibir essa coleção.

⁹ Conjunto de práticas consensuais que envolvem restrições, dominação, dor, submissão, objetos e outros espectros do comportamento sexual humano. Também conhecido popularmente como sadomasoquismo.



Imagens 100, 101, 102 e 103: *Portfólio X*, Robert Mapplethorpe, 1977-1978.

A exposição póstuma *Robert Mapplethorpe: The Perfect Moment* (Robert Mapplethorpe: O Momento Perfeito) foi a maior retrospectiva da carreira do artista nova-iorquino. Tal exposição, se iniciou em 1988, poucos meses depois da morte do artista e estava programada para circular diversos museus dos Estados Unidos. O Instituto de Arte Contemporânea de Filadélfia foi o primeiro destino, e o Museu de Arte Contemporânea de Chicago, o segundo. Em ambas as cidades houve boa recepção do público. No entanto, os problemas começaram quando chegou a vez da Corcoran Gallery of Art, em Washigton DC, pois a exposição foi cancelada três semanas antes da abertura. A atmosfera política era tensa, já que desde 1985, alguns políticos conservadores, como Jesse Helms e Alfonse D'Amanto, perseguiram várias produções artísticas que envolvessem erotismo e fossem financiadas por verba pública. Infelizmente

não era o momento perfeito. Após o cancelamento, a exposição aconteceu em outras cidades de maneira conturbada. Grupos a favor e grupos contra protestando nas portas dos museus, a mídia fazendo cobertura sensacionalista e a polícia sendo acionada. Com tudo isso, o trabalho de Mapplethorpe alcançou grande visibilidade e talvez, ao fim, tenha sido, sim, o momento perfeito.

Pausa para militância

Nos últimos cinco anos (2016-2021), uma onda conservadora também atingiu os governos do Brasil. E uma das consequências disso é a recorrente censura nas artes, especialmente sobre aquelas produções que envolvem nudez ou erotismo. Várias exposições brasileiras foram suspensas ou desmanteladas nesse período. *Queermuseu: Cartografias das diferenças da arte brasileira*, em Porto Alegre de 2017; *Faça você mesmo a sua capela Sistina*, do artista Pedro Moraleida, em Belo Horizonte, também em 2017. E mais recentemente, em agosto de 2020, surgiu um projeto de lei dos parlamentares do Distrito Federal que proibia a nudez em manifestações artísticas da capital. Os mesmos discursos, os mesmos receios, as mesmas violências.

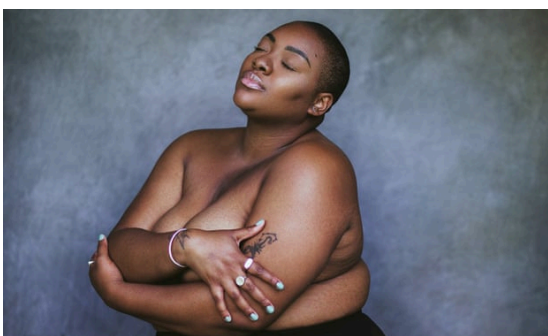
Fim da militância

Outro caso de censura similar é o episódio ocorrido com a modelo Nyome Nicholas Williams.

Nyome Nicholas Williams é uma influenciadora digital britânica, que já estrelou propagandas de marcas famosas. Negra e gorda, a modelo também é militante do movimento *Body Positive*¹⁰ e através de suas redes sociais, incentiva as pessoas a

¹⁰ Movimento social criado para empoderar pessoas gordas. O movimento também prega a autoaceitação do próprio corpo.

amarem seus próprios corpos. Em 29 de Julho de 2020, Nyome postou uma foto na qual aparece abraçando seus seios, com uma legenda que incentivava o empoderamento feminino. Nenhuma conotação erótica. No dia seguinte, o Instagram deletou a fotografia da plataforma alegando infringir as regras proibitivas de nudez. Indignada, Nyome criou um abaixo-assinado (com mais de 22 mil assinaturas), uma *hashtag* (*#iwanttoseenyome*) e ainda escreveu uma carta aberta ao diretor-executivo do Instagram, alegando que a imagem de outras mulheres – brancas e magras – circulam livremente pela plataforma, sem serem derrubadas, mesmo sendo mais lascivas que as dela. Todo esforço foi compensado e o Instagram mudou sua política de nudez em outubro de 2020. Agora, a regra é não retirar imagens de mulheres que abraçam, seguram ou acariciam os próprios seios.



Imagens 104 e 105: Fotografias censuradas de Nyome Nicholas Williams, 2020.

O Instagram, o Facebook e até mesmo outras redes sociais possuem políticas rígidas em relação a imagens de nudez em seus ambientes virtuais. De forma geral, é proibido qualquer tipo de nudez fotográfica, mesmo de cunho artístico. As exceções, além do “caso Nyome”, são as seguintes: 1) pinturas e esculturas que fazem uso do nu; 2) imagens de amamentações e mastectomia. No entanto, há uma distinção de corpos nessa ciberpolítica. Mamilos femininos são proibidos, em sua grande maioria. Mas mamilos masculinos sempre são liberados. Ou seja, mesmo que essas plataformas sejam mantidas e organizadas por inteligência artificial, é nítido que há machismo na criação e desenvolvimento dos algoritmos. O erótico sempre é a fotografia da moça abraçando o próprio peito. Nunca é a foto do rapaz de sunga na praia. Várias artistas e projetos já se posicionaram a respeito dessa desigualdade. O projeto *Genderless Nipples*¹¹ (Mamilos Sem Gênero), de 2017, posta todos os dias uma foto com um enquadramento muito próximo (close-up) de um mamilo anônimo. No Brasil, temos o projeto *Mamilos Livres*¹² (@mamilos livres), fundado em 2015, que criou adesivos de mamilos para promover o debate. Censuras algorítmicas não são distintas das censuras artísticas. Robbert ou Nyome. Alguns corpos nus incomodam.

Resumindo, as imagens de nudez e as autoimagens de nudez, suas censuras e modos de circulação, permeiam a nossa história. Antes e agora. O nude não é uma novidade. O revolucionário do nude é similar ao revolucionário da selfie. Se refere a quem faz e como se distribui. Todas/os/es podemos realizar um nude, enviar a qualquer pessoa, a qualquer momento.

As câmeras digitais e *smartphones* com certeza facilitaram essa produção instantânea de imagens. Anteriormente, quando recorriamos aos filmes fotográficos de poses limitadas, cada disparo significava alguns centavos de dinheiro a menos. As redes sociais, os *apps* de paquera¹³ e os blogs de pornografia amadora também facilitaram o

¹¹ Para saber mais, visitar: https://www.instagram.com/genderless_nipples

¹² Para saber mais, visitar: <https://www.instagram.com/mamiloslivres/>

¹³ Aplicativos de celular que possibilitam aos/às usuários/as conhecerem novas pessoas para estabelecer laços de romance, sexo ou amizade.

compartilhamento, em segurança (ou quase segurança) dessas imagens. Anteriormente, precisávamos levar o filme para ser revelado, lidar com o julgamento dos funcionários, e se arriscar no envio dessa imagem, por via postal ou entregando pessoalmente. Nossa subjetividade contemporânea, na qual as identidades são construídas na superfície dos corpos e das telas, também contribuiu para trivializar a exploração autoerótica. Contudo, nada disso é a única causa do surgimento do nude. É isso tudo e mais um pouco.

Se compararmos, os fatores de surgimento do nude são iguais ou muito similares aos da selfie. A facilidade em criar as imagens, a possibilidade do compartilhamento instantâneo e a subjetividade da sociedade contemporânea. Poderíamos afirmar que nude e selfie seriam a mesma coisa. Ou que nude seria um tipo de selfie. Nude é uma selfie pelado. Mas não é bem assim. Existem algumas diferenças, principalmente no que se refere à exibição e à corporeidade. A selfie é exibida. O nude é escondido. Na selfie se mostra o rosto. No nude não se mostra o rosto. Nude não é uma selfie pelado. Poderíamos afirmar então que são antagônicas. Mas também não é bem assim. O oposto de selfie não é nude. Talvez sejam primos que se parecem muito. Ou amigas que só andam juntas no recreio. Quiçá o melhor seja aprofundar no que é o nude.

Nude é um autorretrato, no qual o/a autor/a registra seu corpo nu ou seminudo e envia para algum ou alguns destinatários/as, com o objetivo de provocar tensão, nos/as outros/as e/ou em si mesmo/a. A imagem geralmente é feita com *smartphones* ou câmeras digitais. O/A autor/a pode realizar o disparo fotográfico esticando o próprio braço, se posicionando na frente de um espelho ou utilizando alguma haste flexível. O corpo nu pode ser enquadrado em sua totalidade ou apenas uma parte (geralmente genitais, peitos e bunda). E o envio acontece por meio de *apps* de paquera, como Tinder, Grindr, Happn ou através de redes sociais como Instagram, Snapchat, Twitter.

Etimologicamente, a palavra nude se origina do inglês e pode ser traduzido para o português como nu/nua ou pelado/a. No entanto, não se utiliza a tradução. E por ser uma

palavra importada, não existe um consenso. A nude ou o nude, ambos estão corretos. Nessa dissertação, optei pela forma masculina após perguntar as/aos minhas/meus seguidoras/es, qual forma era mais utilizada por elas/es. Os motivos da preferência, desconheço.



Imagem 106: Postagem em minhas redes sociais, 2020.

Lexicalmente, também não há registros oficiais. Talvez por sua conotação erótica ou por seu surgimento recente, a palavra nude não consta como um verbete na maioria dos dicionários. Ao contrário de selfie, que já aparece em alguns léxicos. Encontrei uma definição apenas no *Dicio (Dicionário Online da Língua Portuguesa)*.

Nude (do inglês *nude*.)

Substantivo

Foto de uma pessoa despida, sem roupa.

Coloração que se assemelha aos tons pastéis; semelhante à cor de uma pessoa considerada clara.

Adjetivo

Diz-se dessa cor (exemplo: óculos nude)

Pausa para militância

A palavra nude além de designar um autorretrato erótico, recentemente começou a ser utilizada pela indústria da moda e dos cosméticos, para designar um bege que se assemelha a um tom de pele caucasiano. Diversos vestidos, blusas, batons, sombras e bolsas, recebem a nomenclatura nude. “Lançamento do novo batom nude”. “Aquele vestido nude ficou incrível em você”. A proposta dessa nova nomenclatura é de publicitar uma neutralização cromática que esse tom promete. Assim, usar um batom nude equivaleria a não estar usando batom, a estar com a boca nua. Mas obviamente essa designação é racista, pois leva em conta apenas os tons de pele caucasianos. Muito similar ao polêmico lápis “cor de pele” que se fazia presente nos estojos infantis e no vocabulário escolar dos anos 1990. Da cor da pele de quem? Nude, em relação a quem? Close errado. Utilize o termo bege.

Fim da militância

Além do termo nude, existem as expressões manda nudes e vazamento de nudes (ou vazou nudes), que são fundamentais para entendermos a consolidação do termo no vocabulário contemporâneo, pois nem sempre nude teve essa conotação. A partir de que momento a palavra começa a ser utilizada para definir autoimagens eróticas digitais?

As origens são incertas. Diferente da palavra selfie, que delimitou o que era autorretrato e o que era selfie, a palavra nude não ocasionou rupturas. A palavra nude já era utilizada anteriormente em seu idioma original. Na história da arte, na pornografia e na indústria cultural dos países que falam inglês, nude designava imagens de nudez. *Nude Photography*. *Nude paintings*. *Nude pics*. No Brasil, eram comuns os termos análogos: *nu artístico*, *fotografia de nu*, *nu masculino*, *posar nu/a*. Então para os/as anglófonos/as, existe um sentimento de continuidade e para nós, brasileiras/os/es, de novidade. Dessa maneira, as obras que antecederam essa produção autoerótica ficaram inominadas. Eu proponho denominar autonudez, para estabelecer uma correspondência com autorretrato.

Como já mencionado, a consolidação do termo deriva das expressões e *memes*, como manda nudes, vazou minhas nudes, suposto nude, entre outras. Segundo os websites *Know your Meme*¹⁴ e *Museu do Meme*¹⁵, a expressão manda nudes e a sua variação em inglês *send nudes*, tomaram força entre 2014 e 2016. Mas há registros anteriores. Em março de 2005, um/a usuário/a cadastrou o verbete nude em um dicionário colaborativo online, o *Urban Dictionary*, como: “fotos nuas que uma garota posta em um fórum online”. Já em 2008, aparece a expressão *send nudes* dentro de uma frase mais extensa presente em um *meme*. Posteriormente, a expressão se popularizou em diversos blogs. Exemplo deles foi um *tumblr*¹⁶, lançando em 2015, intitulado de Manda Nude¹⁷. Neste Tumblr,

¹⁴ Para saber mais, consultar: <https://knowyourmeme.com/memes/send-nudes>

¹⁵ Para saber mais, consultar: <https://museudememes.com.br/collection/manda-nudes>

¹⁶ Espécie de blog que é possível criar na plataforma de mesmo nome.

¹⁷ Para saber mais, consultar: <https://mandanude.tumblr.com/>

havia várias vinhetas famosas – o letreiro da *Sessão da Tarde*¹⁸, as letras do buscador *Google*, tipografias de diversos filmes e desenhos (*Friends*, *Hora da Aventura*, *Pokémon*) – nas quais o texto original era trocado por manda nudes. O conteúdo viralizou e logo surgiram outras versões, mas o criador do *Tumblr* Vinicius Curi em uma entrevista¹⁹ à *Folha*, afirma não ter inventado o termo, afirmando já ser comum no *Twitter*.

Já as expressões vazamento de nudes, vazou as nudes de ... ou vazaram minhas nudes são derivações do vocábulo vazamento, que atualmente também define um compartilhamento não autorizado de algum conteúdo digital. Vazamento de nudes, vazamento de conversas, vazamento de dados, vazamento de documentos. Esse novo uso da palavra vazamento tornou-se muito comum e ocupa as manchetes dos jornais. No entanto, tal prática geralmente caracteriza uma infração punível por lei. Vazamento de nudes é crime e isso será mais bem discutido no próximo capítulo.



Imagem 107: Meme retirado do *tumblr* Manda Nude, 2015.

¹⁸ Programa de TV vespertino, exibido pela Rede Globo, dedicado a exibir filmes.

¹⁹ Para saber mais, consultar: <https://www1.folha.uol.com.br/tv/tvfolhaovivo/2015/10/1691439-nao-ha-problemas-em-mandar-nudes-o-errado-e-espalhar-dizem-psicologas.shtml>



Imagens 108 e 109: Memes retirados do *tumblr* Manda Nude, 2015.

O surgimento do conjunto das termologias nude e manda nudes comprova a importância da prática em relação à própria imagem. Diferente da selfie, que é passível de discussão se o seu compartilhamento é necessário ou não. Quando se faz um nude, quase sempre há a intenção de enviá-lo.

Mesmo quando desistimos de mandar o nude para a/o *crush*²⁰ por não gostarmos do resultado imagético, houve uma intenção de enviar. Feito para alguém. E até mesmo pela

²⁰ Expressão muito utilizada na internet que designa uma pessoa pelo qual estamos apaixonadas/os ou interessadas/os.

natureza do disparo fotográfico, é difícil imaginar uma acidentalidade. Pois é necessário: 1) tirar a roupa; 2) contorcer o corpo – abrir perna, empinar a bunda, levantar os braços; 3) sensualizar; 4) disparar. E se um pênis estiver presente na imagem, espera-se que esteja ereto.

Outras expectativas também são comuns quando se trata da imagem núdica. Além da ereção (quando for o caso), espera-se que a imagem seja nítida, sem manipulações e razoavelmente iluminada. Feito segundo padrões. Afinal, nude é uma moeda de troca e, mandar nudes, um tipo de escambo contemporâneo. No próximo capítulo irei abordar melhor esse comércio autoerótico.

Com isso, pode-se imaginar que só exista um tipo de nude. Aqueles que cumprem os requisitos, e aqueles que não. No entanto, consigo pensar uma variedade dentro dessa produção protocolar. Afinal nem todos os nudes são iguais. E quais são os tipos de nude?

No capítulo um, desenvolvi uma escala para as autoimagens contemporâneas que começava na selfie e terminava no nude (ou vice-versa), passando por zonas cinzentas como o seminude ou a selfie de corpo inteiro. Com isso, acabei estabelecendo relações de aproximação entre as duas imagens, pois cria-se um trânsito entre elas, partindo de uma e indo para outra. Agora almejo estabelecer relações de distanciamento entre as duas imagens para explicitar todas as diferenças traçadas nesse capítulo. O fato de uma sempre mostrar o rosto e a outra nunca mostrar o rosto, o caso de uma querer ser vista e a outra querer ser escondida. Dessa forma, proponho um conjunto de gráficos, esquemas, desenhos, que resumem essas características e lançam outras questões. Batizo esses diagramas de **G.O.Z.A.N.D.O.** – *Gráficos Obscenos e Zueiros das Autoimagens e Nudes: Diferenças e Obviedades.*

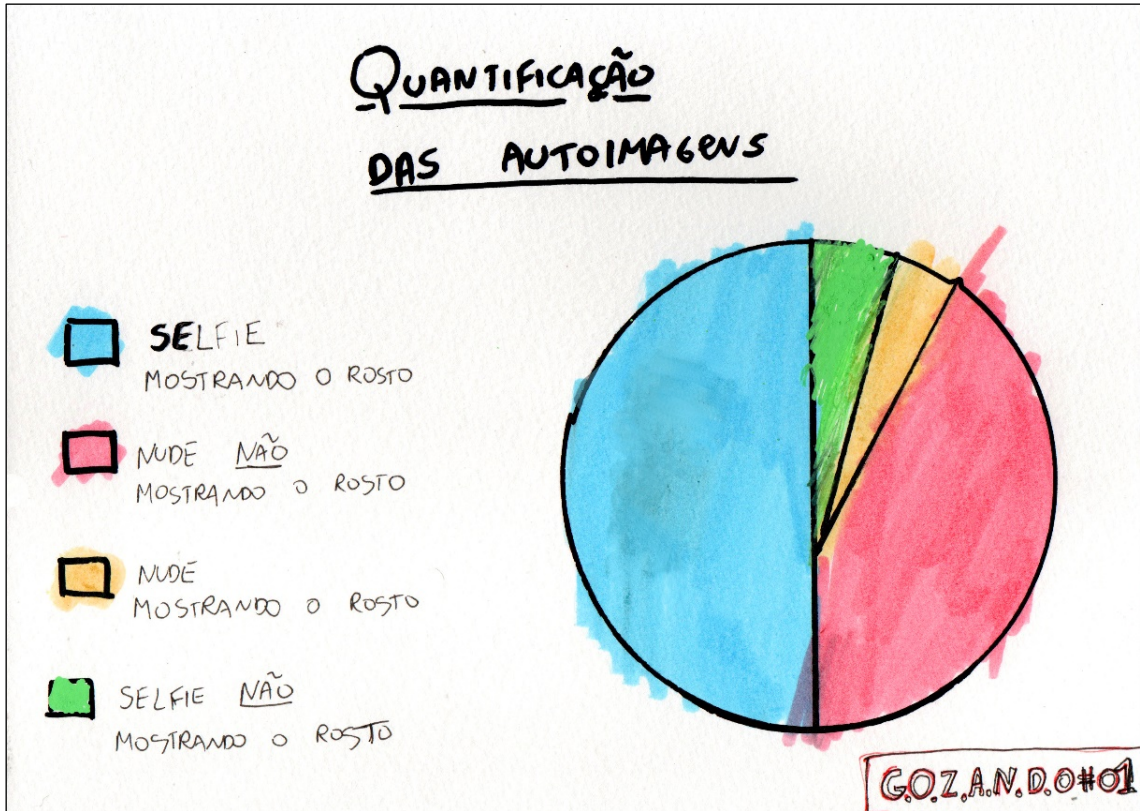


Imagem 110: Proposta 1 de G.O.Z.A.N.D.O., Xikão Xikão, 2020.

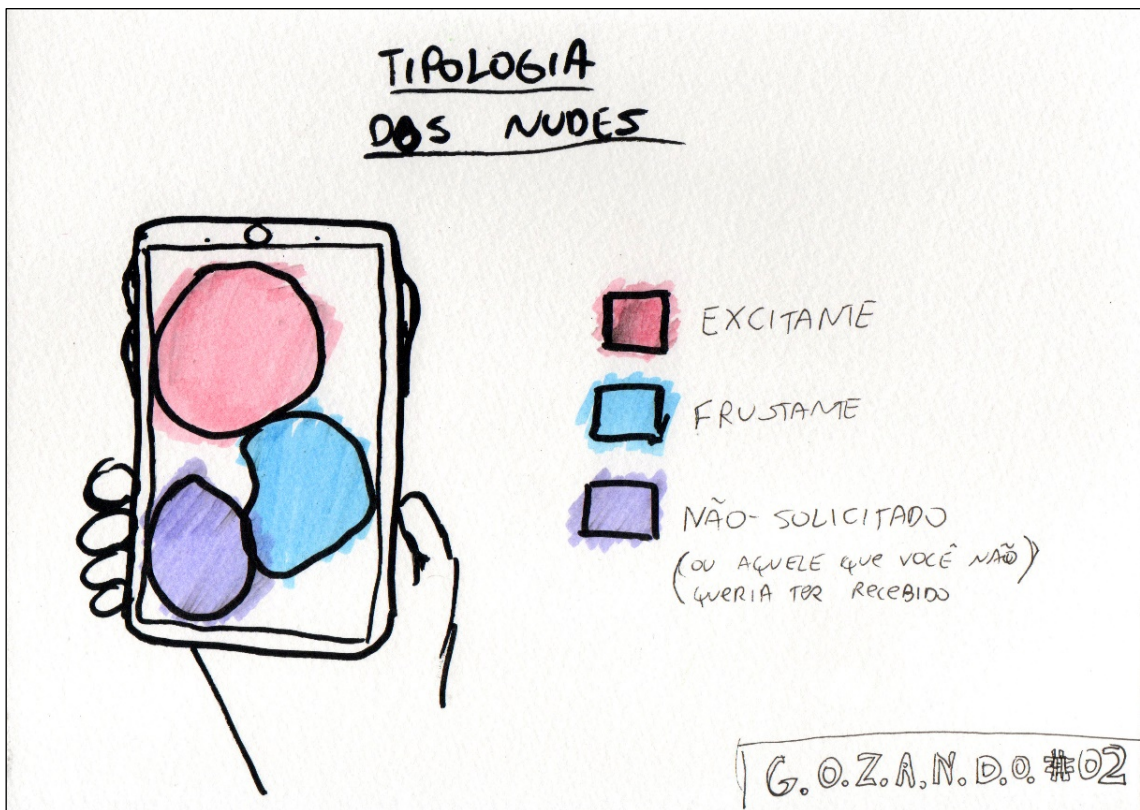


Imagem 111: Proposta 2 de G.O.Z.A.N.D.O., Xikão Xikão, 2020.

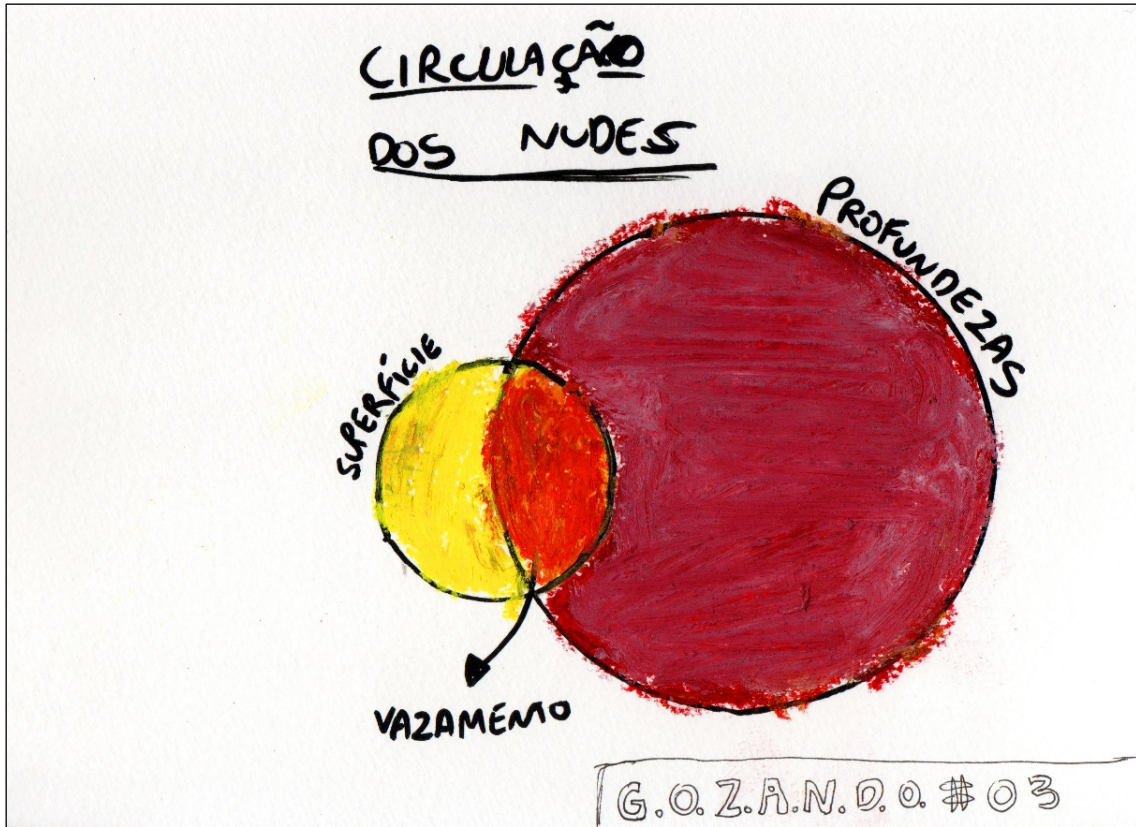


Imagem 112: Proposta 3 de G.O.Z.A.N.D.O., Xikão Xikão, 2020.

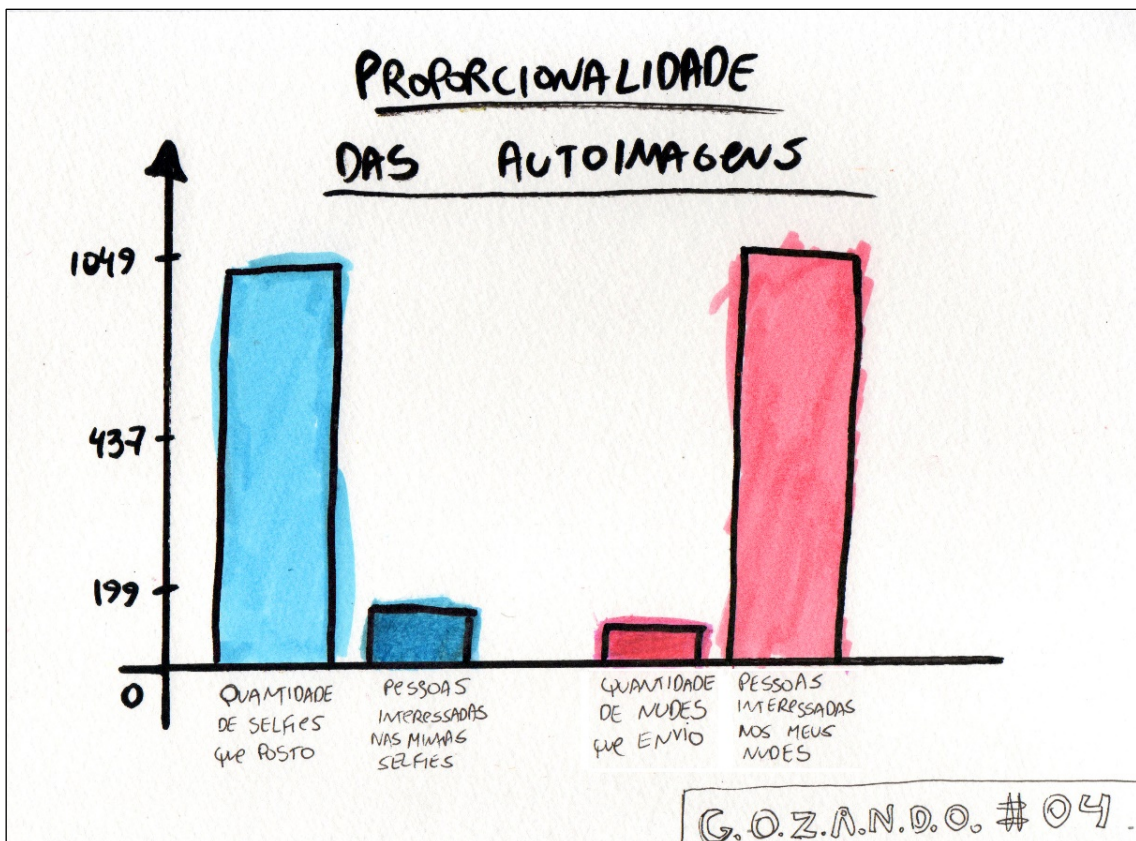


Imagem 113: Proposta 4 de G.O.Z.A.N.D.O., Xikão Xikão, 2020.

Contudo, eu não fui o único a categorizar as autoimagens contemporâneas. O artista e teórico espanhol Joan Fontcuberta propõe outra classificação. Como já mencionado no capítulo um, Fontcuberta divide as autoimagens contemporâneas pelo modo como são realizadas. Esticando o braço – *autofoto*, fotografando na frente de um espelho – *reflexograma*. Nesse caso, um nude, pode ser tanto autofoto quanto reflexograma, pois a depender da situação recorreremos a um dos métodos.

Ao longo de seu livro, *La Furia de las Imágenes* (2016), Joan Fontcuberta se aprofunda na taxonomia e sugere uma especificação dos diferentes tipos de reflexogramas. Eles seriam divididos em 8 grupos: utilitário, celebratório, experimental, introspectivo, sedutor, erótico, pornográfico e político. Resumindo brevemente, temos 1) utilitário: aquele que tiramos para documentar ou comprovar algo; 2) celebratório: aquele que realizamos em alguma celebração ou festa; 3) experimental: aquele que recorremos a efeitos especiais e filtros dos *apps*; 4) introspectivo: aquele que criamos uma narrativa autorreferente; 5) sedutor: aquele que enviamos para flertar com alguém; 6) erótico: aquele que expõe o ato sexual 7) pornográfico: aquele que se apropria das imagens pornográficas; e 8) político: aquele que transgride alguma convenção social. Nesse momento, percebemos que o conceito de nude ressurgiu de maneira diluída, pois percebemos que as categorias sedutor, erótico e pornográfico se encaixariam perfeitamente nas definições de nude. De maneira mais detalhada, o autor define da seguinte forma:

Sedutor: Corresponde às imagens destinadas ao flerte, para atrair atenção de um parceiro potencial como etapa preliminar de uma relação que pode incluir amor, sexo, paquera, etc. Trocar fotos já se institucionalizou entre os jovens como forma de flerte, assim os reflexogramas desse tipo enfatizam as características físicas, ainda que possam transmitir outros valores como personalidade ou posição social. (FONTCUBERTA, 2016, p.108-109)

Erótico: Corresponde à integração da imagem com a consumação do ato sexual. A câmera, seja para fotografar ou para filmar, passou a fazer parte dos artigos eróticos essenciais. Se fotografar enquanto pratica o sexo, em suas diferentes possibilidades, constitui uma forma de intensificar o gozo e dilatar o tempo do sexo. (FONTCUBERTA, 2016, p. 110)

Pornográfico: Corresponde à apropriação da iconografia dos reflexogramas pela indústria pornográfica. Pois os consumidores começam a preferir uma pornografia amadora, caseira, com personagens de carne e osso, e estética antimaquiagem, corpos naturais em seus defeitos. O mercado pornográfico detecta essa mudança e passa a produzir uma falsa pornografia amadora, muitas vezes através de reflexogramas. No entanto, o movimento contrário também acontece e muitos reflexogramas picantes ou obscenos se inspiram na pornografia tradicional e tentam copiar, com poucos recursos e destreza, a estética da pornografia tradicional. (FONTCUBERTA, 2016, p. 110-111)

Todos os três reflexogramas correspondem ao nude, em algum grau. O nude é um reflexograma sedutor, ao servir como moeda de troca na paquera. O nude é um reflexograma erótico, ao funcionar como anabolizante do sexo. O nude é um reflexograma pornográfico, ao se apropriar da indústria pornográfica e redefini-la. O nude é tudo isso e mais um pouco.

Discordo apenas da necessidade de se fotografar frente a um espelho. Nem sempre é assim. Se considerarmos o ano de publicação do livro, 2016, essa metodologia talvez fosse mais comum, pois as câmeras frontais dos dispositivos ainda estavam aquém das câmeras traseiras em se tratando de especificações técnicas. Aliás, muita coisa mudou desde o surgimento do nude. Enquanto você lê esse capítulo, o nude está mudando. Mudou tanto, que talvez esteja morrendo.

Vários são os indícios da morte do nude, tal como o conhecemos. O primeiro deles é a durabilidade da imagem núdica. Cada vez mais, por medo de ter um nude vazado, recorreremos aos recursos de captação dos próprios *apps* e redes sociais. O Instagram e o Snapchat já permitem o envio de imagens que se autodestroem. Ninguém fica com seu nude salvo. O Whatsapp possibilita o cancelamento de uma imagem enviada. Você não precisa temer mandar o nude para a pessoa errada. E a maioria de *apps* de paquera possibilita que você crie um álbum privado com seus nudes, sem a necessidade de armazenar tais imagens na memória do celular. Com isso, a imagem núdica não perdura em sua existência. Nasce e evapora. O segundo indicio é a crescente substituição da

imagem núdica pelos autovídeos eróticos. Vídeos, *POV's*²¹, *Livecams*. Cada vez mais, tudo se torna audiovisual. A imagem já não nos basta. E o mesmo fenômeno acontece com a selfie.

Por fim, ficam os questionamentos: no futuro, ainda chamaremos de nude? Nude é vídeo também? O nude está obsoleto? Não sei. Talvez se analisarmos melhor nossa relação com os nudes, como farei no próximo capítulo, sejamos capazes de entender melhor. Talvez não. Mas antes deixa eu pedir uma coisa.

Ei.

Sem zueira.

Manda nudes.

²¹ Abreviação de *Point of View* (Ponto de Vista), um tipo de pornografia que é gravado como se fosse o ponto de vista de um/a dos/as envolvidos/as.

ANEXO 3

Nude,

todas as imagens da obra

Proposta à/ao leitora/leitor:

Imprimir

Recortar

as nudes

Colocar num envelope

Enviar para alguém





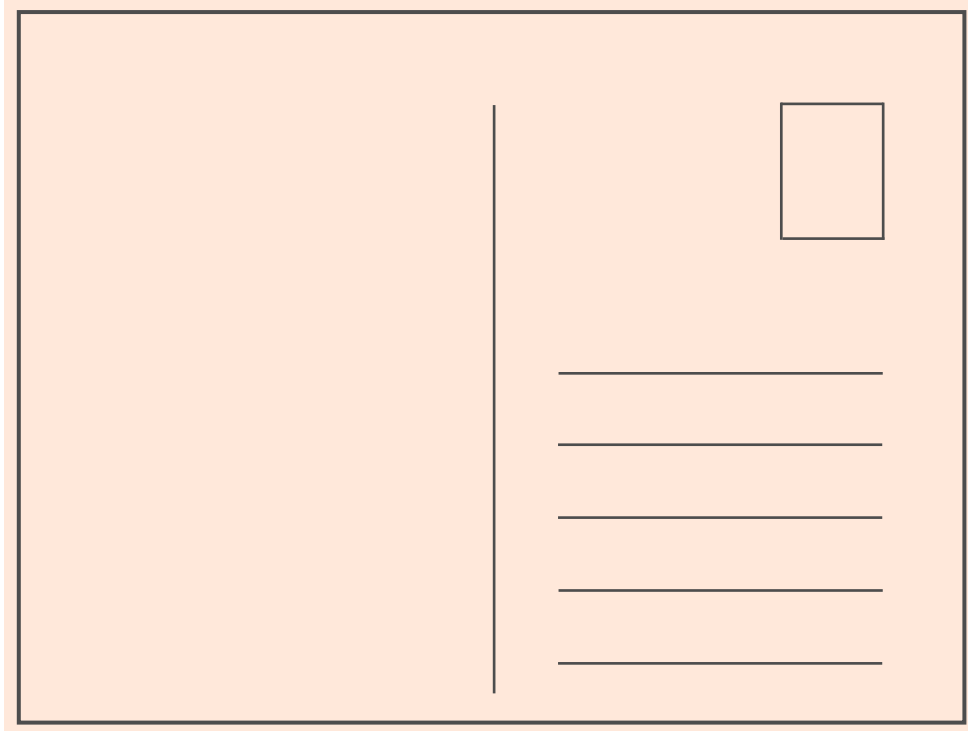












↓ <https://bitly.com/VRj6H>

CAPÍTULO 4

Quem Nunca Mandou Nude Pra Pessoa Errada?

Em uma quarta-feira qualquer, no horário de almoço, eu estava dentro do provador de roupas de uma loja de departamento, experimentando roupas que não iria comprar. A cada peça de roupa vestida, uma selfie tirada na frente do espelho. E aquele cenário – roupas espalhadas pelo chão, eu de cueca na frente do espelho, o celular na mão direita – fomentou uma súbita vontade de fazer um nude. Abaixei a cueca, encenei a pose e fiz o disparo fotográfico. Na sequência, abri a lista de contatos e enviei para meu namorado. No entanto, no calor do momento, acabei enviando tal imagem para minha professora de yoga. (Detalhe que na época, os comunicadores instantâneos – Whatsapp, Telegram etc – ainda não possuíam recursos para apagar uma mensagem que já havia sido enviada ou cancelar o envio). Imediatamente, me desculpei pelo equívoco e ela me respondeu assim: “Opa, o clima esquentou por aí 😂 Não se preocupe, acontece com todo mundo. Te vejo na aula, hoje à noite”. Envergonhado, naquela noite não fui à aula.

Tal vexame é comum de acontecer nos dias de hoje e com qualquer um/uma. Afinal, estamos cada vez mais distraídos/as – desempenhando várias tarefas ao mesmo tempo com nossos celulares – e cada vez mais plurais – dando vários *matches*¹. O resultado, pode ser desastroso ou ao menos divertido. Depende de como cada um/uma lida com a situação. Afinal, *quem nunca mandou nude pra pessoa errada?*

¹ Quando você curte o perfil de uma pessoa no *app* de paquera e essa mesma pessoa curte o seu perfil. Esse interesse recíproco é denominado *dar match*.

Mandar nude para pessoa errada, enviar o mesmo nude para várias pessoas diferentes, receber um nude não solicitado, escolher o melhor nude antes de mandar (e ficar em dúvida nesse processo), desistir de mandar um nude. Todas as possibilidades envolvidas no envio de nudes me motivaram a elaborar a performance *Manda Nudes* (2018).

A performance *Manda Nudes* surge logo depois da fotoperformance *Nude* (2017-2018), já que mesmo a série fotográfica tendo ampla circulação e despertando interesse de muitos/as, ainda não me era suficiente. Eu almejava uma troca mais direta com o/a espectador/a. Uma plateia para meus nudes.

O repertório das poses eróticas e o figurino *zentai* já me eram familiares. O desafio seria a participação do público. Performar na frente das pessoas? Não bastava. Eu precisava MANDAR os nudes para os/as espectadores/as presentes. Mas, como? Talvez registrar os contatos telefônicos antes de começar a performance e enviar durante a ação. Talvez utilizar uma impressora para imprimir imagens digitais. Mas ainda não pareciam ser as melhores soluções. Até que lembrei da minha câmera fotográfica instantânea, a *Fujifilm Instax Mini 8 Azul-Aqua*.

Pausa para especificações técnicas

Esse tipo de câmera, conhecida popularmente como *Instax*, possibilita que seja acoplado um pacote com algumas lâminas de papel fotográfico “pré-tratado” que reagem quimicamente quando expostos à luz. Assim, ao disparar, a reação química acontece e a imagem é instantaneamente revelada. Em menos de um minuto, a imagem fica pronta. Esse tipo de câmera possui uma diversidade de modelos, formatos, cores, preços e marcas. Porém todas apresentam características similares, e podem ser entendidas como uma atualização da descontinuada câmera *Polaroid*, tão comum nos anos

1980/1990. Atualmente as câmeras do tipo *Instax* são um sucesso de vendas, talvez devido a uma nostalgia de tempos vividos ou não-vividos.

Fim das especificações técnicas

Assim, com tal dispositivo, seria possível fabricar nudes instantâneos que pudessem ser entregues aos/as espectadores/as. Ainda existiam algumas limitações técnicas, como a inexistência de um visor frontal ou de um temporizador de disparo que possibilitasse um maior controle da imagem realizada. O disparo seria às cegas. Mesmo assim, resolvi encarar o desafio.

A primeira vez que a performance aconteceu, em 2018, foi em uma mostra de processos (denominada *De Corpo Aberto*) do ateliê coletivo do qual fazia parte, o Coletivo 252, em Belo Horizonte. A proposta era apresentar obras prontas juntamente com obras em processo. Assim, apresentei a já concluída série fotográfica (*Nude*) e a performance em desenvolvimento (*Manda Nudes*).



Imagem 114: Registro da performance *Manda Nudes*, Xikão Xikão, Belo Horizonte, 22 de setembro de 2018.



Imagem 115: Registro da performance *Manda Nudes*, Xikão Xikão, Belo Horizonte, 22 de setembro de 2018.

Manda Nudes acontece da seguinte maneira. Primeiramente, adentro o espaço vestindo o *zentai* de cor bege e carregando uma bolsa. Dessa bolsa, retiro a câmera instantânea. Logo, começo a encenar poses eróticas enquanto faço alguns disparos fotográficos. Na

sequência, seleciono os melhores registros. Com esse conjunto de melhores imagens em mãos, me direciono à audiência e entrego cada fotografia a uma pessoa diferente. Essa sequência de ações se repete e novamente recorro à bolsa para retirar objetos que serão incluídos na cena. Como por exemplo: sapato de salto alto, peruca, *jockstrap*², sutiã e dildo. Quando se acabam as lâminas fotográficas, a performance se acaba. Assim, me retiro, deixando alguns vestígios da performance.

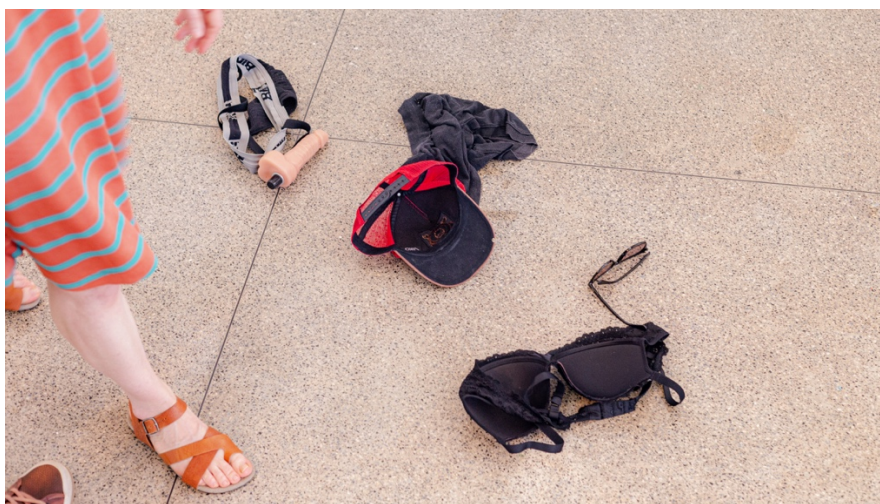


Imagem 116: Vestígios da performance *Manda Nudes*, Xikão Xikão, 2018-2019.

A segunda vez que a performance aconteceu foi em 2019, na exposição coletiva *Abre Alas 15*, na Galeria A Gentil Carioca, no Rio de Janeiro. E a terceira vez, também em 2019, em Brasília, na exposição *VIII COMA – Altas para o Futuro*. Tal exposição deriva do evento acadêmico de mesmo nome, promovido pelo próprio programa da pós-graduação (PPGAV) da Universidade de Brasília (UnB). Embora seja a mesma performance, em cada situação aconteceu de maneira diferente. Alguns elementos são retirados, incluídos ou repensados. Por exemplo, na primeira vez, utilizei um colchão na cena. Mas acabou me atrapalhando, então abandonei-o. Assim, a performance está em constante transformação.

² *Jockstrap*, também conhecido como *suporte atlético*, é um tipo de roupa íntima que tem a finalidade de proteger o pênis e os testículos na execução de esportes como lutas e ciclismo. Os homens gays acabaram incorporando tal vestuário em suas festas e a indústria de entretenimento adulto – pornografia, *strippers* – também aderiu.



Imagem 119: Registro da performance *Manda Nudes*, Xikão Xikão, Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 2019.



Imagem 120: Registro da performance *Manda Nudes*, Xikão Xikão, Brasília, 14 de setembro de 2019.



Imagem 121: Registro da performance *Manda Nudes*, Xikão Xikão, Brasília, 14 de setembro de 2019.



Imagem 122: Registro da performance *Manda Nudes*, Xikão Xikão, Brasília, 14 de setembro de 2019.



Imagem 123: Registro da performance *Manda Nudes*, Xikão Xikão, Brasília, 14 de setembro de 2019.

Vale notar que em todas as apresentações da performance a série fotográfica foi apresentada conjuntamente pois não consigo desassociar os trabalhos. *Manda Nudes* é a continuação de *Nude*. Contudo, *Manda Nudes* possui alguns diferenciais, sendo um deles, o seu caráter processual.

Na troca de nudes convencional, o/a espectador/a é exposto/a apenas ao resultado da autoexploração erótica. Na exibição da série fotográfica *Nude*, também acontece o mesmo. Já na performance *Manda Nudes* é diferente, pois se observa todo o processo de criar um nude. O esforço em contorcer o corpo para conseguir a melhor pose, a frustração em não conseguir um bom resultado, a dúvida entre qual das imagens escolher, a incessante repetição dos disparos fotográficos. Tudo isso, fica explícito, e o espectador se torna um *voyeur*. O foco do olhar muda de O QUE É a imagem autoerótica, para COMO É FEITA essa imagem. A performance de se fazer um nude.

Outra exclusividade da performance é a resignificação do envio de nudes. A ação de entregar nudes para os/as espectadores/as subverte a prática de mandar nudes, de diversas formas. Primeiro, pela materialidade das imagens, os nudes impressos. Aqui, o/a recebedor/a do nude é capaz de tocar a imagem, guardar no bolso, levar para casa e colar na parede do seu quarto, diferente da prática convencional, na qual não há materialidade. Apenas arquivos digitais salvos em dispositivos. Segundo, pela dinâmica estabelecida entre as pessoas, no caso entre o artista e o público. Aqui, as seguintes convenções são desmanteladas: 1) que ocorra reciprocidade entre as/os envolvidas/os; 2) que haja um conjunto de imagens estimulantes (ao menos duas imagens – nudez frontal e nudez traseira); 3) que exista disponibilidade entre as pessoas (que estejam cientes do envio e que aconteça em um momento oportuno). Tudo acontece de outra maneira. E mesmo quando as ações se repetem, o público é sempre tomado de surpresa. Afinal, ninguém sabe QUANDO irá receber a fotografia (SE irá obter), QUAL imagem irá ganhar, SE vai conseguir outra e O QUE fazer com aquilo.



Imagens 124, 125, 126 e 127: Polaroids de *Manda Nudes*, Xikão Xikão, 2018-2019.

Com tantas surpresas em questão, a reação do público é totalmente individual. Alguns/algumas jogam fora. Alguns/algumas presenteiam outras pessoas. E outros/outras guardam com muito carinho. Esses/as que preservam as fotografias parecem que criam um elo de carinho com as autoimagens eróticas, tão distinto da relação habitual de consumo/descartabilidade de nudes. Uma vez fui visitar o ateliê de um artista que admiro, o Eli Sudbrack, e percebo que ele esteve lá naquele dia e guardou meu nude em sua escrivaninha. Outra vez reencontrei meu amigo, artista e tatuador,

Arthur Camargos, que também se lembrava afetuosamente da performance. Inclusive, nesse reencontro, propus a ele criar uma tatuagem a partir da experiência dele e de alguns registros de *Manda Nudes*. Em outras palavras, todas as reverberações do meu trabalho nas pessoas sempre me comovem bastante.

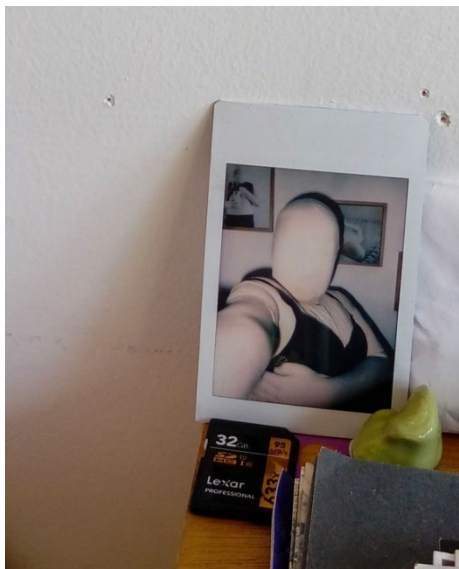


Imagem 128: Polaroid de *Manda Nudes* encontrada no ateliê de Eli Sudbrack em 2019.



Imagens 129 e 130: Registros da tatuagem de *Manda Nudes* feita por Arthur Camargos em 2019.

Além dessas reverberações, existem também os desdobramentos que vou inventando. Um exemplo disso foi quando juntei as *Polaroids*, que sobraram das três apresentações, com as carcaças dos filmes fotográficos e criei alguns objetos fotográficos, os quais vendi numa feira fotográfica, a *Fotografia no Salão*, que aconteceu em São Paulo no ano de 2019. Outro exemplo foi quando transformei as imagens de *Nude/Manda Nudes* em postais e comercializei na feira fotográfica de Brasília, a *Sacolão – Venda e Troca de Fotografias*, também em 2019.



Imagem 131: Objetos Fotográficos de *Manda Nudes* vendidos em São Paulo, 2019.



Imagem 132: Postais de *Manda Nudes* vendidos em Brasília, 2019

Enfim, com a performance *Manda Nudes* explorei, percorri muitos desafios, potências e reverberações. Mas não fui o único. Outro artista que também realizou uma performance explorando a relação entre a sua própria nudez e imagens instantâneas foi Hudinilson Jr.

Hudinilson Jr. (1957-2013) foi um artista brasileiro que se dedicou à performance, colagem, arte urbana, xerografia e gravura. Também colaborou com diversos coletivos de arte, como o 3NÓS3 e o Movimento de Arte Pornô. Abertamente gay, Hudinilson sempre explorou questões ligadas à nudez (masculina, principalmente) e ao

homoerotismo, sendo que algumas vezes se valeu da autorrepresentação para abordar suas questões. Além do mais, o artista é considerado um dos pioneiros da xerografia no Brasil.

Pausa para especificações técnicas

A xerografia é a reprodução de imagens ou textos por meio de máquinas fotocopadoras, popularmente conhecidas como máquinas de xerox. Tal técnica foi utilizada por muitos/as artistas nos anos 1980, por seu baixo custo e por sua instantaneidade na reprodução de imagens. Muitas vezes, as imagens xerográficas circulavam fora das paredes dos museus, mais especificamente no espaço público ou em publicações independentes. Muitos/as artistas viam na xerografia uma maneira de escapar da censura instituída pela ditadura militar brasileira. Suas características e utilizações são similares à Arte Postal (*Mail Art*), surgida na mesma época.

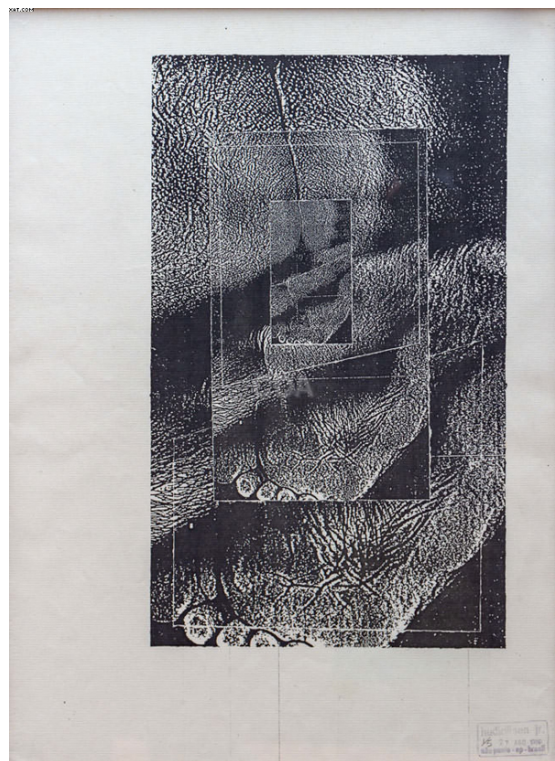
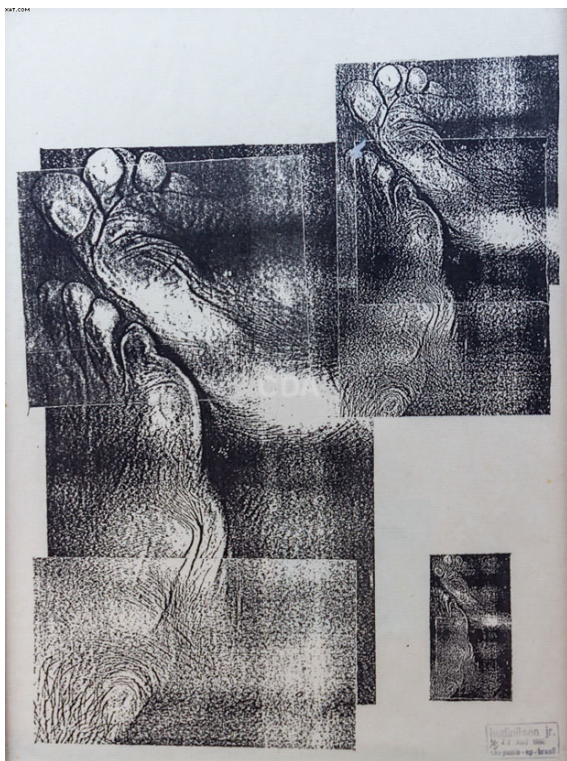
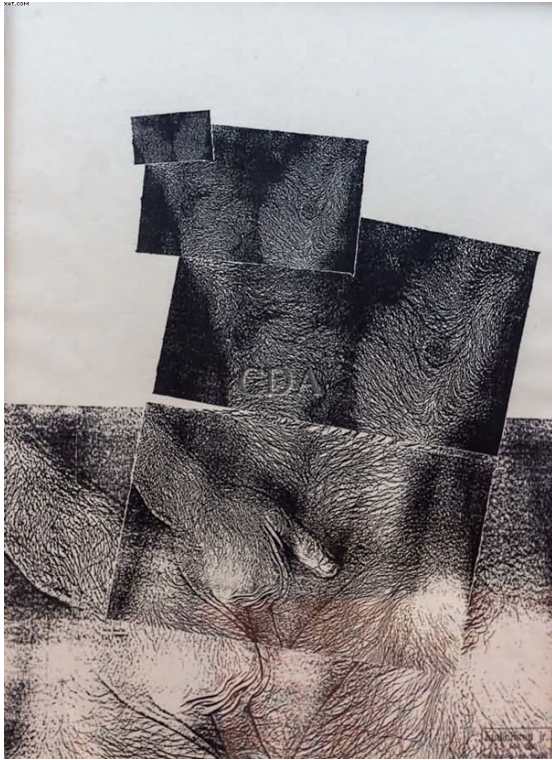
Fim das especificações técnicas

Hudinilson Jr. se dedicou profundamente a essa técnica, pois além de produzir muitas xerografias, também realizou, em 1984, a curadoria da exposição *Arte Xerox Brasil* que aconteceu na Pinacoteca de São Paulo, e coordenou, de 1975 a 1981, o Centro de Xerografia da Pinacoteca, ministrando vários cursos relacionados. Isso tudo contribuiu para que o artista pudesse fazer vários experimentos xerográficos, sendo as fricções do próprio corpo com a máquina de xerox, os mais famosos.

Em vários momentos, o artista se debruçou sobre a máquina de xerox e fez fotocópias do próprio corpo nu. Algumas vezes criando fragmentos, texturas e abstrações. *Exercícios de Me Ver* (1980-1986) é o conjunto de trabalhos que resultou disso. O

conjunto denominado *Exercício de Me Ver I* (1980) é composto pelas imagens geradas nesse debruçamento. Já *Exercício de Me Ver II* (1982) são os registros fotográficos desse coito entre o artista e a máquina. E *Exercício de Me Ver III e IV* (1984-1986) são ampliações do corpo xerocado. Além disso, esses trabalhos se desdobraram em outras propostas, como por exemplo *Detalhe do Detalhe* que investiga as abstrações geradas nas sucessivas ampliações da imagem xerográfica. Embora todas essas obras estejam interligadas, aqui nessa dissertação darei enfoque ao *Exercício de Me Ver I e II*.

Ambas as obras partem do mesmo princípio, só que *Exercício de Me Ver I* resulta em imagens e *Exercício de Me Ver II* em performance, o mesmo acontece com *Nude e Manda Nudes*, respectivamente. Dessa forma, afirmo que os esforços realizados em *Exercício de Me Ver II* - se debruçar sobre a máquina de xerox, se contorcer sobre o painel luminoso, encolher o corpo para caber na fotocópia – são similares aos empenhos feitos em *Manda nudes* – esticar o meu braço para segurar a câmera fotográfica, me contorcer para conseguir a pose ideal, me encolher para caber no enquadramento. Também é possível afirmar que as fotocópias de *Exercício de Me Ver I* são semelhantes às imagens produzidas em *Manda Nudes*. O corpo nu, inteiro e fragmentado, presente na xerografia e o corpo nu, inteiro e fragmentado, presente nas fotografias. O disparo sem muito controle da máquina de xerox e o disparo às cegas da câmera instantânea. A instantaneidade das tecnologias utilizadas, máquina de xerox e câmeras fotográficas. Muitas são as semelhanças entre nossas obras.



Imagens 133, 134, 135 e 136: *Exercício de Me Ver I*, Hudinilson Jr., 1980.



Imagens 137, 138, e 139: *Exercício de Me Ver II*, Hudinilson Jr., 1982.



Imagens 140 e 141: *Exercício de Me Ver II*, Hudinilson Jr., 1982.

Talvez por esse motivo tenha me emocionado quando conheci a produção do artista paulista. Épocas diferentes, Brasis diferentes, corpos diferentes e indagações semelhantes. Como o corpo nu confronta as máquinas captadoras de imagem. No catálogo *Hudinilson Jr: Explícito* (2020), referente à exposição retrospectiva de mesmo nome que aconteceu em 2020 na Pinacoteca de São Paulo (SP), há um texto escrito pelo próprio artista que discorre sobre esse confronto.

O CORPO sempre como princípio, colagem, *mail art*, fotografia, XEROX, o CORPO XEROCADO. Utilizar o CORPO como matriz, debruçando-se e deitando-me por inteiro sobre o visor da XEROX, compondo assim formas/texturas. O XEROX recria o CORPO de maneira própria, destruindo detalhes e valorizando outros, resultando imagens que se aproximam da abstração, num exercício de leitura/visão. O CORPO (meu/masculino) contido no espaço de uma cópia XEROX transforma-se em módulo que se justapõe ou sobrepõe numa sequência. OU AINDA. O CORPO sempre como princípio, colagem, *mail art*, xerox, FOTOGRAFIA, O CORPO FOTOGRADO. O retrato é autorretrato; me FOTOGRAFAR procurando-me através do visor [...], até onde meu olho, através desse visor mecânico, consegue me ver; me fragmentar, dividir as partes do corpo, meu CORPO transmutado. (HUDINILSON JR., 1981, pp.91-92)

Eu não poderia escrever melhor. Talvez pudesse traduzir para minha poética. Algo assim:

O CORPO SEMPRE COMO TELA, PERFORMANCE, REDES SOCIAIS,
FOTOGRAFIA, AUTOIMAGENS, O CORPO AUTOIMAGINADO.
UTILIZAR O CORPO COMO SUPERFÍCIE, POSANDO E SE EXPONDO
PARA AS TELAS SENSÍVEIS AO TOQUE.
COMPONDO NARRATIVAS E FANTASIAS.
A SELFIE E O NUDE RECONSTROEM O CORPO DE MANEIRA
PRÓPRIA, DESTRUINDO REALIDADE E RESULTANDO EM
IMAGENS QUE SE APROXIMAM DA ABSTRAÇÃO.
NUM EXERCÍCIO DE EXIBICIONISMO E VOYEURISMO.

O CORPO (MEU/CIS/MASCULINO/BRANCO/GORDO/GAY)
CONTIDO NO ESPAÇO DE UMA TELA TRANSFORMA-SE EM
PRODUTO, QUE SE ANUNCIA E SE COMPRA. QUE SE BISCOITA
E SE CANCELA. OU AINDA. O CORPO SEMPRE COMO TELA,
PERFORMANCE, REDES SOCIAIS, FOTOGRAFIA, ESPETÁCULOS,
O CORPO ESPETACULAR. O RETRATO É SEMPRE AUTORRETRATO:
ME FOTOGRAFAR PROCURANDO-ME ATRAVÉS DAS CURTIDAS,
ATÉ ONDE MEU OLHO, ATRAVÉS DA CIBERCULTURA,
CONSEGUE ME VER; ME ESPELHAR, MEU CORPO ESPELHADO.

Imagens 142 e 143: Poema escrito por mim em 2021 (parafrazeando o texto de Hudinilson Jr.)

Após esse texto, fico sem palavras. Essas quinze linhas parecem ser capazes de resumir toda dissertação. Inclusive, eu poderia finalizar aqui. Mas não irei pois ainda quero fomentar três últimos debates.

Primeiramente, discutirei o nude e seu contrato. Especialmente quando esse contrato é violado.

Na maioria das vezes, o envio de nudes ocorre em situações de paquera e/ou cibersexo³, em *apps* destinados a isso. Quase sempre é comum seguir o protocolo de PEDIR nudes alheios, para na sequência enviar os seus próprios nudes. “Manda nudes”. Também acontece o protocolo reverso, já mandar seus próprios nudes e na sequência pedir os nudes alheios, embora dessa maneira seja mais invasivo. Em todos os casos, existe uma

³ Cibersexo é um conjunto de práticas sexuais mediadas por dispositivos como computadores, webcams e smartphones. Dentre essas práticas existe o *sexting*, que consiste numa atividade que mescla texto e imagens eróticas. Por exemplo, enviar nudes, trocar mensagens eróticas, transmitir nudez ao vivo pela internet e compartilhar autovídeos eróticos.

solicitação. Esse pedido pode ser negado ou concedido. Mas, infelizmente, esses protocolos nem sempre são seguidos e os abusos acontecem.

Um desses abusos ocorre quando uma pessoa, geralmente desconhecida, lhe envia um nude, fora do contexto de paquera ou cibersexo. Nudes não solicitados. Obviamente, tal abuso é atravessado pelo machismo e as mulheres são as maiores vítimas. Segundo uma pesquisa⁴ de 2019 do *The Journal of Sex Research*, 48% dos homens heterossexuais entrevistados já enviaram nudes não solicitados. Alguns alegaram que o fizeram para conseguir uma retribuição imediata, outros por achar que as mulheres se sentiriam lisonjeadas e a minoria revela que fizeram para causar medo, nojo, raiva ou vergonha na vítima. Infelizmente, tal violência ainda não foi abrangida pelo código penal brasileiro.

Outro tipo de abuso, mais grave, acontece quando uma pessoa, compartilha, sem consentimento, nudes de alguém. Frequentemente denominado como “vazamento de nudes” (ou ainda, “vazar os nudes de fulano/fulana” ou “ter os nudes vazados”). Tal vazamento causa graves problemas psicológicos à vítima, como depressão, ansiedade e dificuldade de reinserção social. Em alguns casos pode resultar em suicídio. Afinal, de repente, a vítima precisa enfrentar o julgamento, a discriminação e a sua objetificação por milhares de desconhecidos/as. Novamente, a maioria das vítimas são mulheres. E muitos/as infratores/as cometem tal violência buscando vingança. A chamada Pornografia de Vingança⁵.

Felizmente, a legislação brasileira já compreendeu a danosidade dos vazamentos eróticos não consentidos e desde 2018 a prática é considerada crime, com pena de um a cinco anos de prisão. Antes disso, havia apenas a popularmente apelidada Lei Carolina

⁴ Para saber mais, consultar: <https://super.abril.com.br/comportamento/por-que-homens-madam-nudes-sem-ninguem-pedir-este-estudo-explica/>

⁵ Depois de um término de um relacionamento amoroso, um/a dos envolvidos/as, inconformado/a com a situação, divulga fotos ou vídeos eróticos do/a seu/sua ex-parceiro/a, sem o consentimento dele/a, com o objetivo de humilhar, ferir e se vingar. Isto é Pornografia de Vingança ou *Revenge Porn*.

Dieckman⁶, que punia vários tipos de infrações relacionadas à invasão de computadores pessoais. Ou seja, anteriormente apenas era punível, quando houvesse a ação de um/uma *hacker/cracker*⁷.

Em segundo lugar, debatarei o nude e seu preço. Especialmente quando esse preço é cobrado em dinheiro.

A troca de nudes pode ser entendida como um escambo. A pessoa oferece seu produto para o/a potencial cliente, e cabe ao/a mesmo/a oferecer outro produto, de mesmo valor, em troca. Nesse cenário podem acontecer diversas situações. Algumas pessoas retribuem dois nudes com dois nudes, outras enviam dezoito nudes e recebem somente um nude. Algumas pessoas demandam por partes específicas do corpo, outras querem o conjunto completo. Algumas pessoas realizam uma transação por vez, outras investem em envios simultâneos. Algumas pessoas retribuem a transação no mesmo instante, outras demoram semanas para responder. Algumas pessoas já possuem seus produtos armazenados e prontos para o envio, outras produzem no calor do momento. Algumas saem satisfeitas, outras nem tanto. Tudo remete à dinâmica de compras. A única diferença é que não se usa dinheiro. Não se usava.

Em 2016, um britânico criou um site chamado *Only Fans*. Tal plataforma tem como objetivo mercantilizar as publicações dos/das usuários/as. Dessa forma, qualquer pessoa pode compartilhar um conteúdo exclusivo para quem estiver disposto a pagar por isso. Um músico poderia postar uma prévia da sua nova música, uma blogueira poderia compartilhar vídeos exclusivos da sua rotina, um *coach* poderia disponibilizar uma prévia

⁶ Essa lei, de 2012, ganhou esse nome após um episódio trágico, no qual a atriz Carolina Dieckman teve seu computador invadido por um hacker, que espalhou 36 nudes que estavam salvos na memória de seu dispositivo.

⁷ Existe uma controvérsia na nomenclatura. *Hacker* se refere apenas a uma pessoa que se dedica intensamente, por diversos motivos, a conhecer e modificar o funcionamento de dispositivos informáticos, *softwares* e redes de computadores. Já *cracker* seria um/uma *hacker* com intenções criminais (por exemplo, invadir computadores). No entanto, o público leigo acabou associando o termo *hacker* à criminoso/a cibernético/a.

do seu novo curso etc. Nesse site, a maior parte dos pagamentos é feito através de uma assinatura mensal, com valor, em dólares, estipulado pelo/a próprio/a autor/a. Além disso, existem também as gorjetas.

Atualmente 80% das transações comerciais do site, assinaturas e gorjetas, é voltada a vendas de fotos e vídeos eróticos⁸. A plataforma acabou sendo inundada por criadores de conteúdo adulto. Especialmente nessa quarentena ocasionada pela COVID19, em que houve um aumento de 40% no número de usuários/as, de modo que para muitos/as se tornou um negócio promissor. Exemplo disso é o caso da atriz norte-americana Bella Thorne que faturou 1 milhão de dólares com seus nudes em apenas um dia, em agosto de 2020.



Quando você mostra um pouco dos peitos mas coloca na foto "assine meu OnlyFans para ver mais"



⁸ Ironicamente, alguns dias após a defesa dessa dissertação, o *Only Fans* anunciou que a partir de outubro de 2021, irá banir os conteúdos eróticos de sua plataforma. No entanto, não ficou claro o que será considerado erótico (ou não) pela empresa. Ainda é cedo para medir os impactos de tal mudança, mas a venda de nudes, possivelmente, irá encontrar novas plataformas.

Quando vc descobre quanto se ganha com “OnlyFans”



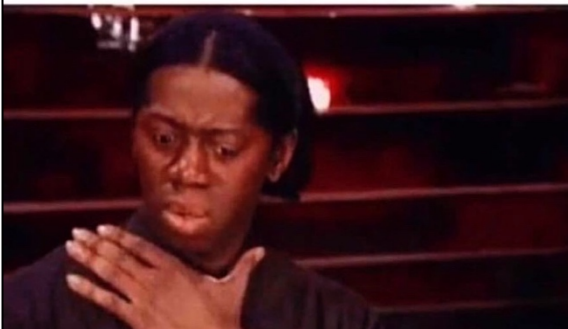
Gays se apresentando

2003: Seja meu amigo no MySpace

2008: Me add no Face

2016: Me segue no Insta

2020: Assine meu OnlyFans. Só \$9



Imagens 144, 145, 146 e 147: Memes sobre *OnlyFans*.

No entanto, vale lembrar que pagar por pornografia amadora não é uma novidade pandêmica. Há bastante tempo já existe na internet as/os/es *CamModels*, ou *Modelos/as/es de Webcam* (Ou ainda, *CamGirl* e *CamBoy*). Tais pessoas exibiam seu corpo nu pela webcam, em trocas de gorjetas, em sites destinados a isso. Geralmente, os/as/es *CamModels* oferecem shows sensuais, gratuitamente, para qualquer pessoa conectada ao site, e as cenas mais explícitas são destinadas àqueles/as que pagassem por tal acesso.

Ou seja, vender sua própria nudez é algo comum na internet. E para algumas pessoas é uma profissão. Vendedor/a de nudes. Aproveite agora, nudes em promoção, 50% de desconto. Obviamente, incluir dinheiro no envio de nudes deixa tudo mais complexo. Como anunciar sua própria nudez? Como fidelizar os clientes? E, principalmente, quanto vale o seu nude? Responder tais perguntas pode soar impossível. Eu não seria capaz de responder. Mas para algumas pessoas, a resposta é simples.

A automercantilização pode parecer estranha em um primeiro momento. Mas somente num primeiro momento, pois se lembrarmos das discussões já levantadas nessa dissertação, especialmente no capítulo dois, perceberemos que estamos sempre nos ancorando nesse recurso. Cada vez mais estamos fazendo propaganda dos nossos corpos, das nossas conquistas e das nossas vidas por meio das redes sociais. É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo. Mas vale o questionamento, se já estamos vendendo nosso tempo, nosso trabalho, nossas identidades, nosso cotidiano e nossa nudez, o que será que vai sobrar?

Em terceiro lugar, investigarei o nude e o seu tempo. Especialmente a temporalidade do nude nessa quarentena.

A troca de nudes pode acontecer a qualquer hora do dia e a qualquer momento da vida. Pode ser às duas da madrugada, deitado/a na cama e carente de afeto. Pode ser no horário do almoço para esquentar o clima para mais tarde. Pode ser curtindo uma fase de solteirice, após terminar um relacionamento. Pode ser quando se é adolescente e os hormônios estão borbulhando. Inclusive, o momento diz muito sobre a prática. Afinal é preciso tempo, é preciso disponibilidade. E recentemente descobrimos novas temporalidades e novas disponibilidades.

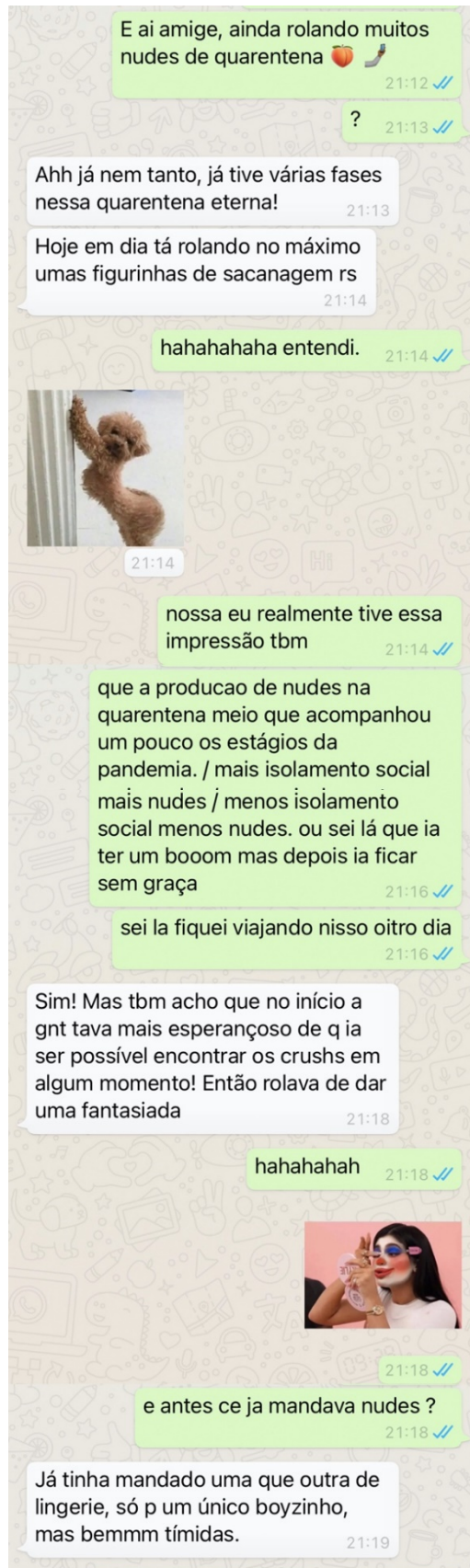
Durante a pandemia de COVID19, uma das medidas sugeridas para diminuir a disseminação do vírus foi o distanciamento social. Trabalhar ou estudar em casa, sair de casa somente quando necessário e manter contato social restrito a poucas pessoas. Para contribuir com esses esforços, as autoridades decretaram o fechamento temporário de determinados estabelecimentos, ato popularmente conhecido como quarentena. Isso tudo nos afetou profundamente. Nossos corpos, desejos e presenças passaram a circular pelo ciberespaço com uma frequência muito maior. Com isso, houve uma explosão de cibersexo e muitos nudes. Os chamados *nudes de quarentena*.

Tal fenômeno ganhou diversas interpretações. O jornal *The New York Times*⁹ disse que os nudes de quarentena são atos de resiliência em tempos difíceis. A mineira Sandra Leão enxergou na situação, uma oportunidade para criar um concurso virtual com direito a prêmios para os nudes mais artísticos, o *Festival Nude em Casa*¹⁰. Várias foram as iniciativas e vários/as foram os/as adeptos/as. Inclusive, resolvi conversar com alguém que se aventurou no autoerotismo em tempos de pandemia.

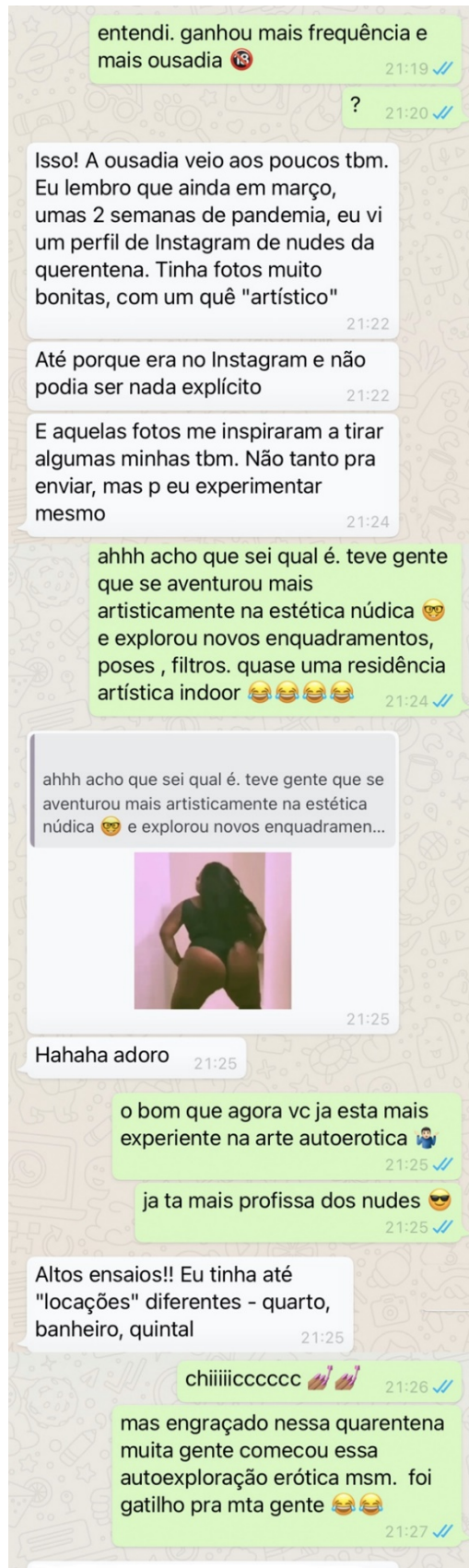
⁹ Para saber mais, consultar: <https://www.nytimes.com/2020/04/24/opinion/sunday/covid-nude-selfies.html>

¹⁰ Para saber mais, consultar: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/03/29/interna_gerais.1133517/nudes-quarentena-concurso-instagram.shtml

1.



2.



3.

Sim, eu acho que a impossibilidade de encontrar pessoas fez com que a gnt canalizasse a energia erótica nesse exercício de nudes

21:28

inclsuive teve uma galera que ate abriu onlyfans, vendeu pack de pezinho 🍆😂😂😂 afinal ta foda né. em todos os sentidos 🤔😂

21:28 ✓✓

inclsuive teve uma galera que ate abriu onlyfans, vendeu pack de pezinho 🍆😂😂😂 🤔😂 afinal ta foda né. em todos os sentidos...

Ahahahahahaha
Ai, e eu tão low profile... perdi oportunidade de monetizar o novo hobby :P

21:29

haahhahahaha 🤔🤔🤔 mas ce acha que trocar nudes te ajudou de alguma forma - a suportar a quarentena, a sentir menos isolada ou sei la conhecer/amar mais seu proprio corpo ?

21:30 ✓✓

Sim, eu acho que a impossibilidade de encontrar pessoas fez com que a gnt canalizasse a energia erótica nesse exercíc...

Mas sabe que pelo menos p mim isso de canalizar a energia erótica vinha em dois sentidos, de ter algo pra compartilhar c o boy que ficou isolado em outra casa, quanto tbm para experimentar meu próprio corpo

21:31

é mesmo ? conheceu-te melhor ? 🤔👄🍆🍆🍆

21:34 ✓✓



21:34 ✓✓

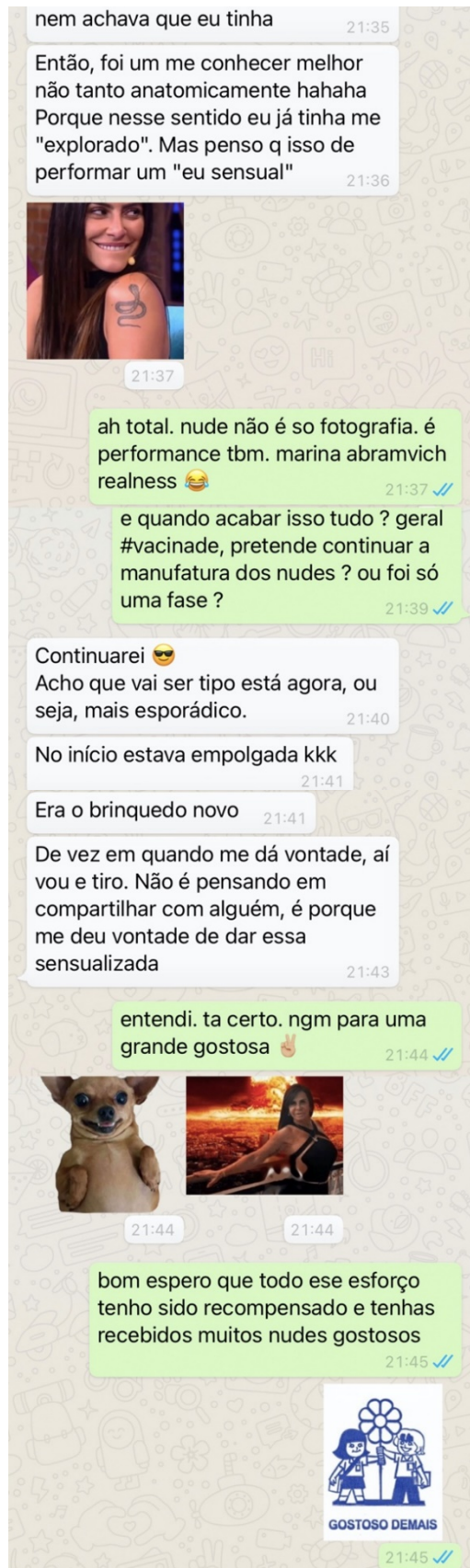


21:34 ✓✓

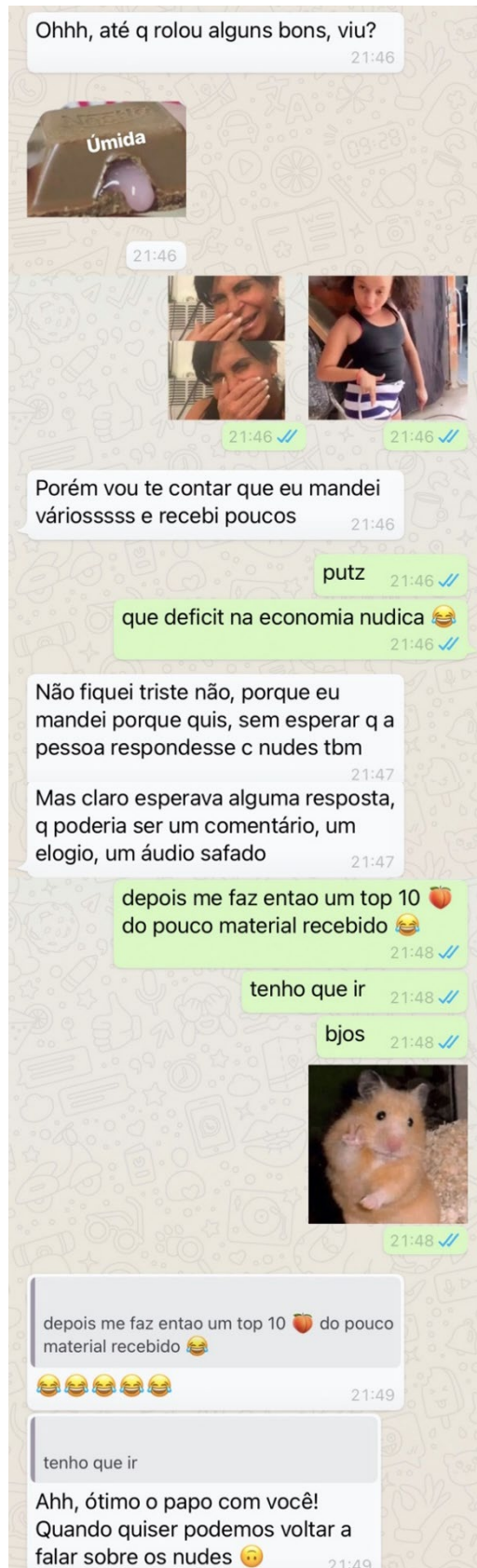
haahhahahaha 🤔🤔🤔 mas ce acha que trocar nudes te ajudou de alguma forma - a suportar a quarentena, a sentir menos isol...

Sim, me ajudou sim! Era um momento de mim comigo mesmo. De conhecer meu corpo, de performar uma sensualidade que eu

4.



5.



Imagens 148, 149, 150, 151 e 152: Captura de tela mostrando uma conversa sobre mandar nudes na quarentena, 2021.

Ao contrário dessa e de outras pessoas, eu fiz poucos nudes nessa quarentena. Não sei definir os motivos, mas novamente acredito que o momento diz muito sobre a prática. Trancado em casa, convivendo 24 horas com meu namorado, em um pacto monogâmico, o nude ganhou novos contornos. Já não servia como um substituto ao corpo nu e nem como um afrodisíaco. As disponibilidades eram outras. A solução foi explorar a nude em conjunto. Nudes de casal. Ou também explorar novas estéticas. Couro, cordas e látex.





Imagens 153 e 154: Postagens em minhas redes sociais, 2021.

Também ao contrário dessa e de outras pessoas, eu não comecei a fazer nudes agora. O nude sempre fez parte da minha produção imagética. Artística e pessoal. Seja quando Xikão Xikão cria autorretratos eróticos intrigantes (*Nude*) e subverte a maneira de enviá-los (*Manda Nudes*). Ou quando Francisco troca nudes em chats privados, algumas vezes se fazendo passar por personagens inventados (*MarcusL*). Sendo que muitas vezes Xikão e Francisco se misturam e eu nem sei distinguir.

Fato é que tanto a selfie quanto o nude servem como uma argamassa que vão construindo meu lugar no mundo. O nude foi vital na relação que estabeleci com meu próprio corpo. Inicialmente, serviu para esconder ou disfarçar os “defeitos” do meu corpo gordo. Posteriormente, e aos poucos, foi servindo para aceitar e destacar todos os atributos da minha nudez. Curvas, dobras, cicatrizes e pelos. Não quero mais esconder

nada, quero é mostrar tudo. Assim espero que o nude também seja uma ferramenta para autoaceitação de corpos desviantes dos padrões.

Por fim, falar tanto sobre o nude me dá vontade de fazer e mandar mais nudes. Afinal, circular pelado/a pelo ciberespaço pode ser um tesão. Mas também falar tanto sobre o nude, me dá vontade de fazer e mandar menos nudes. Afinal, expor a própria nudez na internet pode ser broxante. No decorrer da pesquisa, as percepções vão ficando mais críticas. Também no desenrolar dos estudos, descobri que as nossas subjetividades estão cada vez mais audiovisuais. Vivemos uma urgência do real. Como dito antes, parece que já não basta. Ao que tudo indica, as autoimagens contemporâneas – o nude e a selfie – cumpriram um importante papel nas últimas duas décadas, 2000-2020, e agora vão entregando, aos poucos, seu bastão para o autovídeo (ou qualquer que seja a denominação para essa produção autorreferencial em movimento).

Enquanto não acabam, vou postando umas selfies esquisitas e ocasionalmente mandando uns nudes ousados. Até não fazer mais sentido. Aproveite e junte-se a mim. Ainda quero curtir sua selfie. E ainda desejo que você me mande um nude bem gostoso.



ANEXO 4

Manda Nudes,

Trechos gravados da performance

Proposta à/ao leitora/leitor:

Gravar um vídeo

Fazendo um nude

Na frente do espelho

Manda Nudes / Trechos da Performance

de Xikão Xikão



<https://vimeo.com/327781873>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É Sobre Isso.

Essa pesquisa buscou compreender as autoimagens contemporâneas, mais especificamente a selfie e o nude. Sempre partindo da minha produção artística, mais especificamente de quatro obras - *Selfie Service* (2016-2019), *ALTERselfie* (2016-2019), *Nude* (2017-2018) e *Manda Nudes* (2018-2019). Nesse trajeto, também surgiram outros pontos de partida e alguns desvios. Artistas, pesquisadoras/os, textos, memes, vídeos, blogs, livros, conversas, *stories* e *feeds*. Isso contribuiu para trilhar caminhos pelo ciberespaço. E agora, chegando ao final, faço as três últimas considerações.

A primeira consideração se refere à minha produção artística durante essa jornada. Inicialmente, as quatro obras citadas fomentariam apenas um ou no máximo dois capítulos da dissertação. No entanto, ao me debruçar sobre elas, percebi a complexidade de cada uma e resolvi dedicar um capítulo para cada uma delas. Esse mergulho acabou reverberando nessa produção, supostamente já finalizada, e as quatro obras “concluídas” foram revistas, ampliadas e desdobradas. *Selfie Service* recebeu novos textos (e algumas revisões). *ALTERselfie* ganhou novas imagens. *Nude* experimentou novas formas de circulação (sendo uma delas, o postal). E *Manda Nudes* aconteceu por uma terceira vez (assim como se desdobrou em outros formatos). Ou seja, a dissertação não apenas analisou a produção já existente, como foi capaz de expandi-la.

Além disso, novas obras também surgiram. Algumas delas foram finalizadas, outras não. Uma série de dez vídeos que investiga os clichês dos autovídeos; um conjunto de oito músicas sobre as redes sociais; uma novela com avatares virtuais (provenientes do jogo

The Sims 4); uma performance na qual as pessoas vestiam minhas roupas e exploravam minha casa; vários *automemes* postados nas minhas redes sociais. Tudo isso, e mais um pouco, aconteceu no decorrer da pesquisa. E mesmo que eu não tenha conseguido encaixar essas obras “não finalizadas” na narrativa do texto, todas elas foram importantes para a construção da pesquisa.

Assim sendo, percebi que mesmo a produção dita “concluída” não está esgotada em suas possibilidades. Tudo é uma constante *Obra-Em-Processo/Work-In-Progress*. Uma pesquisa nunca se esgota, sempre está em processo. É sobre não concluir. É sobre isso.

A segunda consideração se refere ao meu processo de escrita durante essa jornada. Inicialmente, eu tinha um mapa bem delimitado do percurso a seguir. No entanto, eu me perdi (ou me encontrei) muitas vezes. Erros, bloqueios, acertos, orientações, euforias, ansiedades e frustrações. Tudo isso foi moldando a minha escrita acadêmica, que há muito tempo estava adormecida. Afinal, quatro anos se passaram desde a minha graduação em Artes Visuais. Foi preciso reaprender a escrever. Qual é o tom de voz dessa dissertação? É compreensível? Que sentimentos quero causar no/a leitor/leitora? Surgiram inúmeras respostas, mas precisei escolher aquelas que se alinhassem com minhas expectativas.

Além disso, o repertório de referências também foi uma constante construção. Inicialmente, as referências já estavam mapeadas – artistas e autores. Mas à medida que a pesquisa foi se desenrolando, os memes acabaram se tornando importantes aliados da pesquisa. Logo, fui compondo uma *memeografia* e buscando encaixar os memes na narrativa do texto. Nem sempre consegui. Assim como vários/as artistas e autores/as que também ficaram de fora, infelizmente. Uma pesquisa nunca contempla a totalidade, sempre escapam possibilidades. É sobre não abranger tudo. É sobre isso.

A terceira, e última, consideração se refere ao sentimento de cruzar a linha de chegada. Com certeza, essa maratona me trouxe muito aprendizado e promoveu (assim espero) alguns debates. Mas fica uma estranheza no coração. Que lugar é esse aonde cheguei? Por que parece que voltei ao começo? Sinto que conheço e desconheço a minha produção artística. Sinto que conheço e desconheço as autoimagens contemporâneas.

Ainda me restam muitas dúvidas. Por exemplo, podemos chamar essas autoimagens de fotografia? Joan Fontcuberta afirma que elas são pós-fotografia. “A fotografia eletrônica introduz toda uma nova categoria de imagens que já devem ser consideradas ‘pós-fotográficas’. A pergunta sobre se a fotografia digital ainda é fotografia não tem resposta conclusiva.” (FONTCUBERTA, 2012. pp.62-63). Já para a artista e pesquisadora portuguesa Ângela Ferreira (de codinome artístico Berlinde)¹ essas imagens contemporâneas transcenderam, há muito tempo, aquilo que é considerado fotografia – bidimensional, documental e/ou artístico. Realmente o nude e a selfie podem não ser fotografia. *Dados condensados de forma gráfica*. E talvez não sejam APENAS imagens. Acredito que também são performances. *Autoperformances contemporâneas em busca de legitimação*. Afinal, os dispositivos, as plataformas e as nomenclaturas mudam, mas o gesto é o mesmo. Eu não existo até você me curtir. Talvez, essa seja uma possível conclusão para a investigação. Mas tenho dúvidas. Tudo bem, uma pesquisa também é composta de incertezas. É sobre não saber. É sobre isso.

Chegar ao final não me assusta. Pelo contrário, me anima. Pois são as perguntas não respondidas, as referências não usadas e os processos não finalizados que me impulsionam aos próximos passos. Se soubesse tudo, eu não teria começado esse mergulho. E se porventura, um dia, eu souber tudo, não terá mais graça. Só me resta então, parar e olhar para trás.

¹ Para saber mais, consultar: <https://www.youtube.com/watch?v=EAITeUBitkM&t=5742s>

Olhar para trás e avaliar minha produção imagética e minhas questões enquanto artista, já que muitas vezes somos incapazes da contemplação. Um processo emenda no outro. Olhar para trás e observar as selfies e os nudes lançadas no mundo. Afinal, estamos produzindo essas autoimagens há muito tempo e em um ritmo acelerado, sem necessariamente lançar um olhar crítico para elas. Uma imagem emenda na outra. Uma curtida emenda na outra. Não conseguimos parar de rolar o dedo pelas telas sensíveis ao toque e refletir sobre nossos desejos e nossas urgências. Espero que em algum momento (talvez esse), consigamos. É importante pausar e respirar fundo, ainda mais em tempos pandêmicos. O que vem depois da pausa eu não sei. Só sei que esse mestrado foi um momento de parar e olhar para trás. E que essa dissertação é sobre fazer uma pausa. Dar um respiro.

É sobre isso!

(e tá tudo bem)

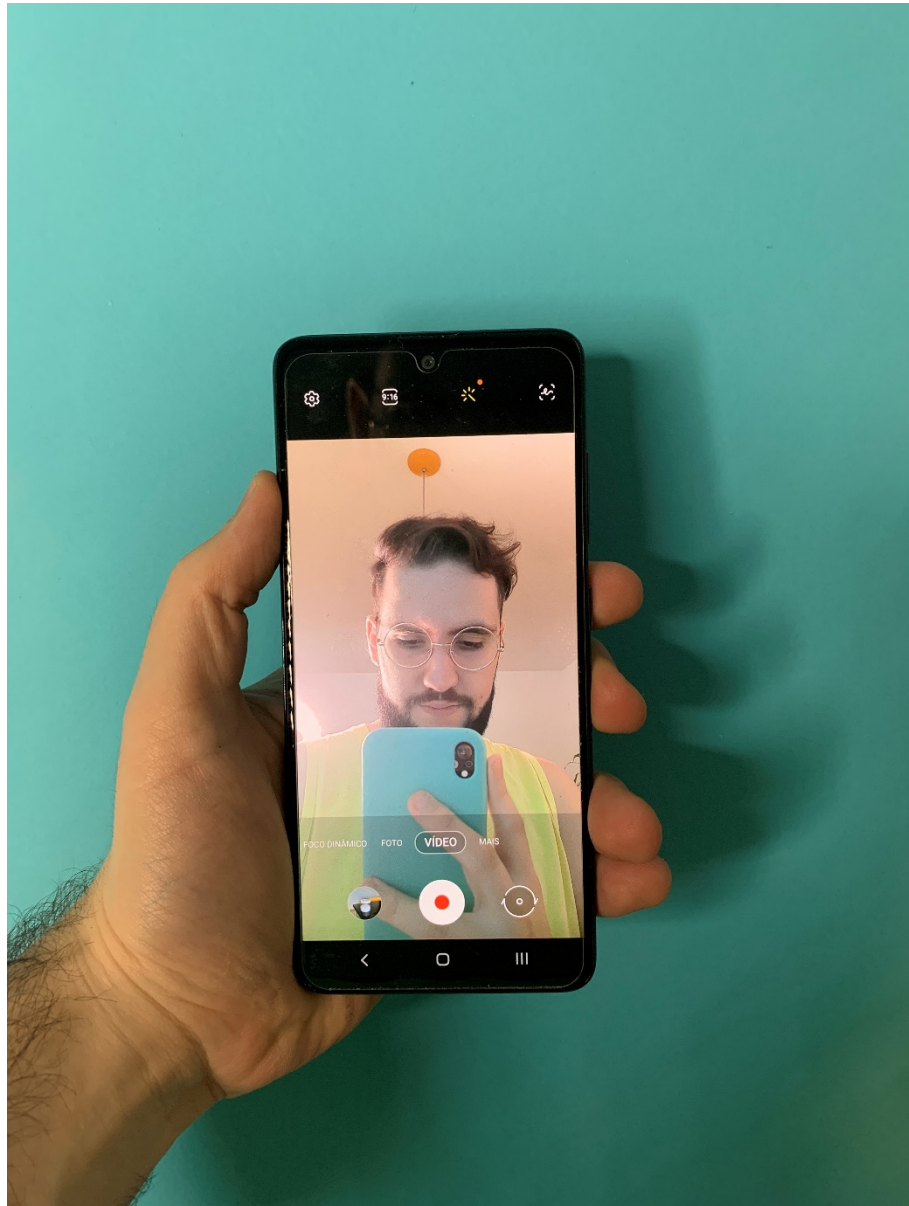


Imagem ∞: Metaselfie

LISTA DE IMAGENS

Imagem 0: Uma das imagens resgatadas do meu extinto <i>fotolog</i> . 2006.	13
Imagens 1, 2 e 3: Primeira montagem de <i>Selfie Service</i> , Xikão Xikão, 2016	15-16
Imagens 4, 5 e 6: Montagem mais recente de <i>Selfie Service</i> , Xikão Xikão, 2019	19-20
Imagens 7 e 8: Textos de N° 41 e 30 de <i>Selfie Service</i> , Xikão Xikão, 2016-2019	22-23
Imagem 9: Selfie do Oscar, 2014.....	24
Imagem 10: Capa do livro <i>Selfish</i> , de Kim Kardashian, 2015	25
Imagem 11: Selfie de Marimoon, por volta de 2003.	25
Imagem 12: <i>Untitled Film Stills</i> , Cindy Sherman, 1977-1980	27
Imagem 13: <i>E Se a Arte Fosse Travesti?</i> Rosa Luz, 2016.	27
Imagens 14 e 15: Textos de N° 8 e 43 de <i>Selfie Service</i> , Xikão Xikão, 2016-2019	30-31
Imagem 16: Selfie de Hopey, 2002	32
Imagem 17: Selfie de Cornelius, 1839	34
Imagem 18: Selfie de Anastásia, 1913	35
Imagem 19: Exemplo de Purikura (máquina)	36

Imagem 20: Exemplo de Purikura (fotografias)	37
Imagens 21, 22 e 23: Memes sobre a selfie	38-39
Imagens 24 e 25: Textos de Nº 64 e 11 de <i>Selfie Service</i> , Xikão Xikão, 2016-2019	40-41
Imagem 26: Proposta de <i>E.X.P.O.S.T.A.</i> , Xikão Xikão, 2020	43
Imagens 27 e 28: Textos de Nº 36 e 70 de <i>Selfie Service</i> , Xikão Xikão, 2016-2019	44-45
Imagens 29, 30 e 31: Exemplos de <i>selfies da vacina</i> , – no caso realizadas por minha mãe, por meu namorado e por mim, respectivamente.	48
Imagem 32: Texto de Nº 31 de <i>Selfie Service</i> , Xikão Xikão, 2016-2019	49
Imagens 33, 34 e 35: <i>Macbook Selfie Stick</i> , John Yuyi, Tom Galle e Moisés Sanabria, 2016	51-52
Imagens 36, 37 e 38: <i>Mirror Selfie Stick</i> , John Yuyi, Tom Galle e Moisés Sanabria, 2017	53-54
Imagem 39: Capa da publicação <i>Vestígios Digitais</i> , Silvino Mendonça, 2015	55
Imagens 40, 41, 42 e 43: <i>Vestígios Digitais</i> , Silvino Mendonça, 2015	56-59
Imagem 44: Stories de Eduardo Montelli, 2020	68
Imagem 45: Poema escrito por mim em 2020 (que deu origem ao título da dissertação)	70

Imagens 46, 47, 48 e 49: Memes sobre biscoitar	72
Imagens 50, 51, 52 e 53: Memes sobre cancelamento	73-74
Imagem 54: Postagem em minhas redes sociais, 2020	82
Imagens 55, 56, 57 e 58: <i>Excellences & Perfections</i> , Amalia Ulman, 2014	84-85
Imagem 59: Postagem em minhas redes sociais, 2020	88
Imagem 60: Meme do raio gourmetizador	90
Imagem 61: <i>Not Pregnant</i> , Aleta Valente, 2015	92
Imagem 62: <i>Ascensão Social</i> , Aleta Valente, 2015	92
Imagem 63: <i>Adoro Farm</i> , Aleta Valente, 2015	93
Imagem 64: <i>Material Girl</i> , Aleta Valente, 2015	93
Imagem 65: Meme sobre Doppelganger/Duplo	97
Imagem 66: Primeira montagem de <i>ALTERselfie</i> , Xikão Xikão, 2016-2019	99
Imagens 67 e 68: Última montagem de <i>ALTERselfie</i> , Xikão Xikão, 2016-2019	101-102
Imagens 69 e 70: <i>Suns from Sunsets from Flickr</i> , Penelope Umbrico, 2006	105
Imagem 71: Simulação de uma conversa minha em um passado distante, s/d.	110-111

Imagem 72: Obra realizada após desativar o perfil de MarcusL, Xikão Xikão, 2011	113
Imagens 73, 74 e 75: <i>Maskerade II</i> , Xikão Xikão, 2016	114
Imagens 76, 77, 78 e 79: Exemplos de traje <i>Zentai</i>	115
Imagem 80: Registros da Zentai Dance, 2015.....	117
Imagem 81: Foto do cantor Jonathan Bree trajado em <i>zentai</i> , 2018	117
Imagem 82: Registo do/da personagem Zentai no programa <i>Amor e Sexo</i> , 2016	117
Imagens 83, 84, 85 e 86: <i>Super-Zentai</i> , Rafael B Queer, 2017-2018	119-120
Imagem 87: Anotações do meu caderno de processos, 2017	122
Imagens 88, 89, 90, 91: <i>Nude</i> , Xikão Xikão, 2017-2018	123-125
Imagem 92: Captura de tela mostrando os <i>haters</i> da obra <i>Nude</i>	126
Imagem 93: Poema escrito por mim em 2020 (que deu origem a este capítulo)	127
Imagens 94 e 95: Uma das montagens de <i>Nude</i> , Xikão Xikão, 2017-2018	129
Imagem 96: Outra montagem de <i>Nude</i> , Xikão Xikão, 2017-2018	130
Imagem 97: <i>La Maja Desnuda</i> , Francisco de Goya, 1790-1800	132
Imagem 98: <i>La Maja Vestida</i> , Francisco de Goya, 1802-1805	132
Imagem 99: Meme sobre o recurso <i>melhores amigos (bolinha verde)</i>	134
Imagens 100, 101, 102 e 103: <i>Portfólio X</i> , Robert Mapplethorpe, 1977-1978	135

Imagens 104 e 105: Fotografias censuradas de Nyome Nicholas Williams, 2020	137
Imagem 106: Postagem em minhas redes sociais, 2020	140
Imagens 107, 108 e 109: Memes retirados do <i>tumblr Manda Nude</i> , 2015	143-144
Imagens 110, 111, 112 e 113: Proposta 1,2 3 e 4 de G.O.Z.A.N.D.O., Xikão Xikão, 2020	146-147
Imagens 114 e 115: Registros da performance <i>Manda Nudes</i> , Xikão Xikão, Belo Horizonte (MG), 22 de setembro de 2018	162-163
Imagem 116: Vestígios da performance <i>Manda Nudes</i> , Xikão Xikão, 2018- 2019.....	164
Imagens 117, 118 e 119: Registros da performance <i>Manda Nudes</i> , Xikão Xikão, Rio de Janeiro (RJ), 22 de fevereiro de 2019	165-166
Imagens 120, 121, 122 e 123: Registros da performance <i>Manda Nudes</i> , Xikão Xikão, Brasília (DF), 14 de setembro de 2019	167-168
Imagens 124, 125, 126 e 127: Polaroids de <i>Manda Nudes</i> , Xikão Xikão, 2018-2019	170
Imagem 128: Polaroid de <i>Manda Nudes</i> encontrada no ateliê de Eli Sudbrack em 2019	171
Imagens 129 e 130: Registros da Tatuagem de <i>Manda Nudes</i> feita com Arthur Camargos em 2019	171
Imagem 131: Objetos Fotográficos de <i>Manda Nudes</i> vendidos em São Paulo (SP), 2019	172
Imagem 132: Postais de <i>Manda Nudes</i> vendidos em Brasília (DF), 2019	173
Imagens 133, 134, 135 e 136: <i>Exercício de Me Ver I</i> , Hudnilson Jr., 1980	176
Imagens 137, 138, 139, 140 e 141: <i>Exercício de Me Ver II</i> Hudnilson Jr., 1982	177-178

Imagens 142 e 143: Poema escrito por mim em 2021 (parafraseando o texto de Hudinilson Jr.)	179-180
Imagens 144, 145, 146 e 147: Memes sobre <i>OnlyFans</i>	183-184
Imagens 148, 149, 150, 151 e 152: Captura de tela mostrando uma conversa sobre mandar nudes na quarentena, 2021	187-191
Imagens 153 e 154: Postagem em minhas redes sociais, 2021	192-193
Imagem ∞: Metaselfie	201

Anexos

Anexo 1: Todos os textos, do Nº 1 ao Nº 72, da instalação <i>Selfie Service</i> , Xikão Xikão, 2016-2019	61-67
Anexo 2: Todas as 250 imagens da obra <i>ALTERselfie</i> , Xikão Xikão, 2016-2019	107-109
Anexo 3: Todas as 20 imagens da obra <i>Nude</i> , Xikão Xikão, 2017-2018	151-159
Anexo 4: Trechos gravados da performance <i>Manda Nudes</i> , Xikão Xikão, 2018-2019	195-196

REFERÊNCIAS

Livros e Textos

BRIGHT, SUSAN. *Auto Focus: The Self-Portrait in Contemporary Photography*. Nova York, Estados Unidos. Editora Monacelli Press, 2010.

COSTA, MARIO. *O Sublime Tecnológico*. Tradução: Dion Davi Macedo. São Paulo. Editora Experimento, 1995.

DEBORD, GUY. *A sociedade do Espetáculo*. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro (RJ). Editora Contraponto, 1997.

FABRIS, ANNATERESA. *Identidades Virtuais: Uma Leitura do Retrato Fotográfico*. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2004

FONTCUBERTA, JOAN. *A Câmera de Pandora. A fotografi@ depois da fotografia*. Tradução Maria Alzira Brum. São Paulo. Editora G.Gilli, 2012.

_____. *La Furia de las imágenes. Notas sobre la postfotografía*. Barcelona, Espanha. Editora Galaxia Gutemberg, 2016.

HAN, BYUNG-CHUL. *No Enxame: Perspectivas do Digital*. Tradução: Lucas Machado. Petrópolis. Editora Vozes, 2018.

JR., HUDINILSON. *Explícito*. Curadoria: Ana Maria Maia; Apresentação: Jochen Volz. São Paulo. Editora da Pinacoteca de São Paulo, 2020.

LÉVY, PIERRE. *Cibercultura*. Tradução Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro. Editora 34, 2010.

MCLUHAN, MARSHALL; FIORE, QUENTIN. *O Meio é a Massagem: Um Inventário de Efeitos*. Organização: Jerome Agel. Tradução: Sergio Flaksman. São Paulo. Editora Ubu, 2018.

RIDEAL, LIZ; BELL, JULIAN. *500 Autorretratos*. 2ª Edição. Londres, Reino Unido. Editora Phaidon Press, 2018.

RIMBAUD, ARTHUR. *Correspondência*. Tradução, notas e comentários: Ivo Barroso. Rio Janeiro. Topbooks, 2009.

SARAMAGO, JOSÉ. *O Homem Duplicado*. São Paulo. Companhia das Letras, 2008.

SIBILIA, PAULA. *O Show do Eu: A Intimidade como Espetáculo*. 2ª edição revista. Rio de Janeiro. Editora Contraponto, 2016.

Obras e Processos Artísticos

GOYA, Francisco de. *La Maja Desnuda*. 1790-1800. Óleo sobre tela. Museo del Prado. Disponível em: <https://www.museodelprado.es/coleccion/obra-de-arte/la-maja-desnuda/65953b93-323e-48fe-98cb-9d4b15852b18>. Acesso em 27 de setembro de 2020.

GOYA, Francisco de. *La Maja Vestida*. 1802-1805. Óleo sobre tela. Museo del Prado. Disponível em: <https://www.museodelprado.es/coleccion/obra-de-arte/la-maja-vestida/a3121efc-6924-454c-8a9f-e4320f26d3d0>. Acesso em 27 de setembro de 2020.

JR., Hudinilson. *Exercício de Me Ver I e II*. 1980-1982. Galeria Jaqueline Martins. Disponível em: <https://galeriajaquelinemartins.com.br/artista/hudinilson-jr#19-287>. Acesso em 2 de abril de 2021.

LUZ, Rosa. *E Se A Arte Fosse Travesti?* 2016. Fotografia. Disponível em: <https://www.ros4luz.com/e-se-a-arte-fosse-travesti>. Acesso em 28 de dezembro de 2019.

MAPPLETHORPE, Robert. *Portfólio X*. 1978. Fotografia. LACMA (Los Angeles County Museum of Art). Disponível em: <https://collections.lacma.org/node/222918>. Acesso em 15 de dezembro de 2020.

MENDONÇA, Silvino. *Vestígios Digitais*. 2015. Fotolivro. Disponível em: <https://issuu.com/savanteditora/docs/vestigios-digitais-visualizac>. Acesso em 12 de fevereiro de 2020.

SHERMAN, Cindy. *Untitled Film Stills*. 1977-1980. Fotografia. MoMA (Museum of Modern Art). Disponível em: <https://www.moma.org/collection/works/56618>. Acesso em 28 de dezembro de 2019.

ULMAN, Amalia. *Excellences and Perfections*. 2014. Fotografia/Redes Sociais. Disponível em: <https://webenact.rhizome.org/excellences-and-perfections/>. Acesso em 15 de abril de 2020.

UMBRICO, Penelope. *Suns From Sunsets From Flickr*. 2006. Fotografia. Disponível em: <http://www.penelopeumbrico.net/index.php/project/suns-from-sunsets-from-flickr/>. Acesso em 23 de junho de 2020.

VALENTE, ALETA. *Ex-Miss Febem*. 2015. Fotografia/Redes Sociais. Galeria A Gentil Carioca. Disponível em: <https://www.pipaprize.com/paq/artists/aleta-valente/>. Acesso em 12 de maio de 2020.

WATANABE, Mayu Miranda. *Zentai Dance*. 2015. Dança. Disponível em: <http://www.zentaiart.com/zentai-dance.html>. Acesso em 27 de setembro de 2020.

YUYI, John; GALLE, Tom; SANABRIA, Moisés, *Mirror Selfie Stick*. 2017. Fotoperformance. Disponível em: <https://cargocollective.com/johnyuyi/filter/tomgalle/mirror-selfie-stick>. Acesso em 10 de fevereiro de 2020.

YUYI, John; GALLE, Tom; SANABRIA, Moisés. *Macbook Selfie Stick*. 2016. Fotoperformance. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BCQeUrGn2Hw/>. Acesso em 10 de fevereiro de 2020.

Reportagens, Artigos e Entrevistas

Extracts from the letters of Anastasia to her father. Alexandre Palace Time Machine. São Petersburgo, Rússia. Disponível em: <http://www.alexanderpalace.org/palace/adiaries.html>. Acesso em 23 de janeiro de 2020.

Fernanda Lima revela quem é o Zentai no 'Amor e Sexo'. Gshow. Rio de Janeiro. 2 de abril de 2016. Disponível em: <http://gshow.globo.com/tv/noticia/2016/04/fernanda-lima-revela-quem-e-o-zentai-no-amor-sexo.html>. Acesso em 29 de setembro de 2020.

"Lei Carolina Dickman" sobre crimes na internet entra em vigor. Uol Tilt. São Paulo. 2 de abril de 2013 (atualizado em 12 de abril de 2013). Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2013/04/02/lei-carolina-dieckmann-sobre-crimes-na-internet-entra-em-vigor.htm>. Acesso em 19 de abril de 2021.

Não há problemas em mandar nudes, o problema é espalhar. Dizem psicólogas. TV Folha. São Paulo. 6 de outubro de 2015. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/tv/tvfolhaovivo/2015/10/1691439-nao-ha-problemas-em-mandar-nudes-o-errado-e-espalhar-dizem-psicologas.shtml>. Acesso em 15 de dezembro de 2020.

Performing for the camera. Tate, Londres, Reino Unido. 18 de fevereiro de 2016. Exhibitions and Events. Disponível em: <https://www.tate.org.uk/whats-on/tate-modern/exhibition/performing-camera>. Acesso em 27 de outubro de 2019.

Selfie do Oscar surpreendeu até a Samsung, garante empresa. Exame, São Paulo. 5 de março de 2014. Disponível em: <https://exame.com/marketing/selfie-do-oscar-surpreendeu-ate-a-samsung-garante-empresa/>. Acesso em 2 de abril de 2021.

'Selfie' é escolhida a palavra do ano. BBC News Brasil, São Paulo. 19 de novembro de 2013. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/11/131119_selfie_oxford_fn. Acesso em 22 de dezembro de 2019.

“*Todo Mundo Quem?*”: Os brasileiros que não usam redes sociais. Everis Brasil São Paulo. 16 de maio de 2019. Disponível em: <https://everisbrasil.medium.com/todo-mundo-quem-os-brasileiros-que-n%C3%A3o-usam-redes-sociais-a7b24bf62ee6>. Acesso em 4 de fevereiro de 2020.

BASS-KRUEGER, Maude. [NSFW]: *A brief history of nudes*. Google Arts & Culture. Califórnia, Estados Unidos. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/nsfw-a-brief-history-of-nudes/XwISmIY5uQWdJQ>. Acesso em 2 de outubro de 2020.

BIDDLE, Sam; RIBEIRO, Paulo Victor; DIAS Tatiana. *Censura Invisível: Tik Tok escondeu “feios” e favelas para atrair novos usuários e censurou posts políticos*. The Intercept Brasil (Simultaneamente publicado no The Intercept). Rio de Janeiro (e Nova York, Estados Unidos). 16 de março de 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/03/16/tiktok-censurou-rostos-feios-e-favelas-para-atrair-novos-usuarios/>. Acesso em 5 de junho de 2020.

CARDOSO, Beatriz. *Tik Tok, Whatsapp e Facebook são os apps mais baixados de 2020 até agora*. TechTudo. Rio de Janeiro. 6 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/04/tiktok-whatsapp-e-facebook-sao-os-apps-mais-baixados-de-2020-ate-agora.ghtml>. Acesso em 3 de abril de 2021.

CARVALHO, Gustavo. *Enviar “nudes” sem solicitação pode configurar infração penal?* Salvador. Outubro de 2020. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/86288/enviar-nudes-sem-solicitacao-pode-configurar-infracao-penal#:~:text=O%20usu%C3%A1rio%20que%20vaza%20um,vingan%C3%A7a%20ou%20pornografia%20de%20revanche>. Acesso em 20 de abril de 2021.

CRUZ, Bruna Souza. *Mudou a lei! Compartilhar nudes sem consentimento agora dá cadeia*. Uol Tilt. São Paulo. 25 de setembro de 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2018/09/25/mudou-a-lei-compartilhar-nudes-sem-consentimento-agora-da-cadeia.htm>. Acesso em 19 de abril de 2021.

DAVIS, Anna. *Jovens fazem cirurgia plástica para ficar parecidos com suas selfies com filtro*. BBC New Brasil, São Paulo. 5 de maio de 2018. (traduzido pela própria equipe / originalmente publicado no BBC Three) Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43910129>. Acesso em 13 de janeiro de 2020.

ELER, Alicia. *Amalia Ulman`s Instagram performance exposed the flaws in selfie culture*. CNN, Nova York, Estados Unidos. Style. 29 de março de 2018. Disponível em: <https://edition.cnn.com/style/article/amalia-ulman-instagram-excellences-perfections/index.html>. Acesso em 15 de abril de 2020.

EMILIANA, Cecília; RICCI, Larissa. *Nudes contra o tédio na quarentena: mineira cria concurso de fotos sensuais no Instagram*. Estado de Minas. Belo Horizonte. 29 de março de 2020. Gerais. Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/03/29/interna_gerais,1133517/nudes-quarentena-concurso-instagram.shtml. Acesso em 29 de abril de 2021.

FEITOSA JR. Alessandro. *O que Zygmunt Bauman tinha a nos dizer sobre redes sociais e o mundo conectado*. Gizmodo Brasil. São Paulo. 9 de janeiro de 2017 (Atualizado em 17 de maio de 2019). Disponível em: <https://gizmodo.uol.com.br/zygmunt-bauman-morte-reflexoes/>. Acesso em 3 de abril de 2021.

FERREIRA, Lilian. *#Selfie*. Uol Tab. São Paulo. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/selfie/>. Acesso em 4 de fevereiro de 2020.

IQBAL, Nosheen. *Instagram 'censorship' of black model's photo receive reignites claims of race bias*. The Guardian. Londres, Reino Unido. 9 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2020/aug/09/instagrams-censorship-of-black-models-photo-shoot-reignites-claims-of-race-bias-nyome-nicholas-williams>. Acesso em 21 de dezembro de 2021.

LIMA, Juliana Domingos de. *Quais os efeitos da cultura do cancelamento*. Nexo Jornal. São Paulo. 1 de novembro de 2019 (Atualizado em 12 de fevereiro de 2020) Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/11/01/Quais-os-efeitos-da-cultura-do-cancelamento>. Acesso em 4 de abril de 2020.

LUIZA, Ingrid. *Por que homens mandam nudes sem ninguém pedir? Este estudo explica. Super Interessante*. São Paulo. 13 de agosto de 2019 (atualizado em 20 de agosto de 2019). Comportamento. Disponível em: <https://super.abril.com.br/comportamento/por-que-homens-mandam-nudes-sem-ninguem-pedir-este-estudo-explica/>. Acesso em 21 de abril de 2021.

MOORE, Kevin. *Whipping up a storm: how Robert Mapplethorpe shocked America*. The Guardian. Londres, Reino Unido. 17 de novembro de 2015. Disponível em: <https://www.theguardian.com/artanddesign/2015/nov/17/robert-mapplethorpe-the-perfect-moment-25-years-later>. Acesso em 18 de dezembro de 2021.

NAÍSA, Leticia. *Do 'manda nudes' ao OnlyFans, como cada geração encara a nudez*. Uol Tab. São Paulo. 15 de outubro de 2020. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/10/15/manda-nudes-como-cada-geracao-encara-a-nudez-na-hora-do-flerte.html>. Acesso em 15 de abril de 2021.

RAHMAN-JONES, Imran. *Uma breve história da selfie desde 1839* (Traduzido pela própria equipe/ publicado originalmente na BBC News), BBC News Brasil, São Paulo. 26 de novembro de 2017. Marketing. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-42094122>. Acesso em 12 de novembro de 2019.

SOOKE, Alastair. *Is this the first Instagram masterpiece*. Telegraph, Londres, Reino Unido. 18 de janeiro de 2016. Culture, Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/photography/what-to-see/is-this-the-first-instagram-masterpiece/>. Acesso em 5 de abril de 2020.

SOUZA, Marcelle. *Até quando as redes sociais vão censuras os mamilos femininos*. Uol Tilt. São Paulo. 1 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2018/12/01/ate-quando-as-redes-sociais-vao-censurar-mamilos-femininos.htm>. Acesso em 20 de abril de 2021.

SPECHLER, Diana. *The nude art is now high art*. New York Times. Nova York, Estados Unidos. 24 de abril de 2020. Opinion. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/04/24/opinion/sunday/covid-nude-selfies.html>. Acesso em 27 de abril de 2021.

ZIMMER, Ben. *No, a drunken australian man did not coin the word selfie*. Slate. Nova York, Estados Unidos. 22 de novembro de 2013. Disponível em: <https://slate.com/human-interest/2013/11/selfie-etymology-an-australian-man-takes-a-photo-of-his-lip-after-falling-down-drunk-but-he-didn-t-coin-the-word.html>. Acesso em 28 de abril de 2020.

Vídeos

70 Milhões de Brasileiros Não Usam Redes Sociais, Caio Braz, YouTube, 28 de abril de 2019, 17:45. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uyWQS3YTDra>. Acesso em 5 de fevereiro de 2020.

Cancelando o cancelamento: O que é linchamento virtual?, Spartakus, YouTube, 20 de setembro de 2019, 10:35. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PXI39ISLUzQ>. Acesso em 2 de abril de 2020.

Canceling, ContraPoints, YouTube, 2 de janeiro de 2020, 1:40:27. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OjMPJvMxv8>. Acesso em 27 de março de 2020.

Diálogos Transdisciplinares – A Brutalidade do AGORA, Ângela Ferreira, NANO UFRJ, YouTube, 13 de Agosto de 2020, 1:50:18. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EAITeUBitkM&t=5742s>. Acesso em 3 de maio de 2021.

Hudinilson Jr. (2015) Rumos Itaú Cultural 2013-2014, Itaú Cultural, YouTube, 24 de julho de 2015, 14:06. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=plebQlloWiQ>. Acesso em 14 de maio de 2021.

NUDES: QUANDO, ONDE E POR QUÊ? com Gabriella Feolla, Soltos, YouTube, 11 de outubro de 2019, 15:18. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AYwoNSAQcok>. Acesso em 30 de abril de 2021.

O que é Biscoiteiro, Lorelay Fox, YouTube, 15 de setembro de 2019, 15:26. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vms6-kVDO3M>. Acesso em 2 de fevereiro de 2020.

PIPA 2020 PIPA podcast T01E04 Conversa com Aleta Valente, Prêmio PIPA, YouTube, 19 de março de 2020, 37:16. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=isCrgwW63hk>. Acesso em 13 de maio de 2020.

Retratos Aleta Valente, Hysteria, YouTube, 12 de novembro de 2018, 13:10. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iq7XtVFtpX8>. Acesso em 14 de maio de 2020.

Trilha de Letras recebe Paula Sibilía Programa Completo, TV Brasil, YouTube, 15 de setembro de 2019, 15:26. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bOCGw4EYYQM>. Acesso em 7 de março de 2020.

Mememes

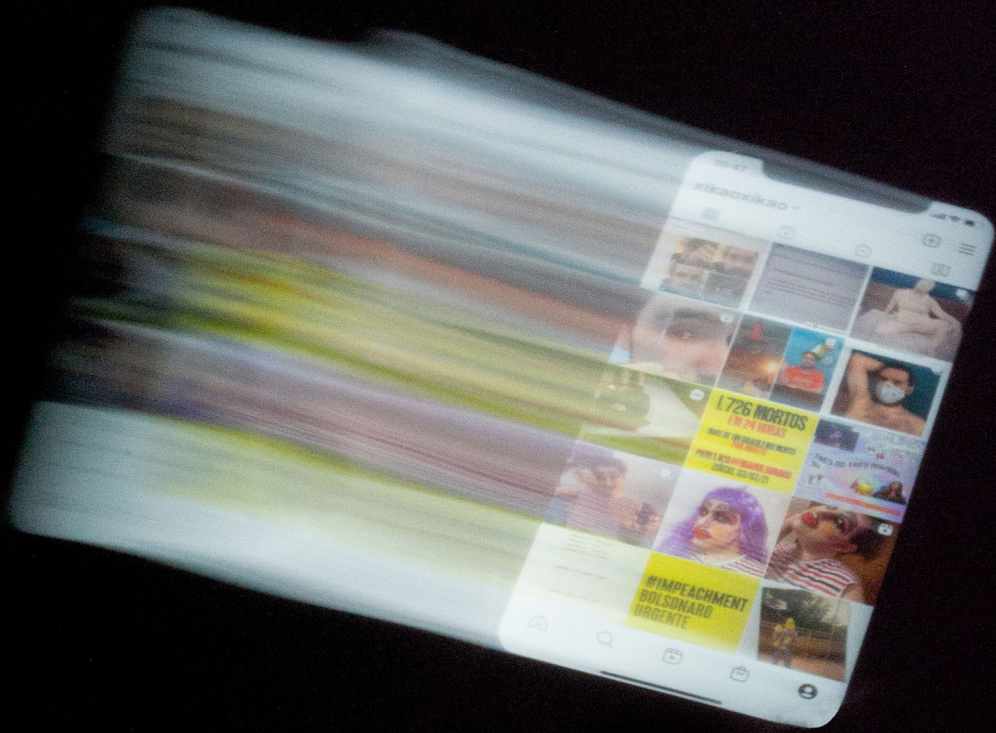
Meme Raio-Gourmetizador. Disponível em: <https://museudememes.com.br/collection/raio-gourmetizador>. Acesso em 16 de maio de 2020.

Meme Manda Nude. Disponível em: <https://museudememes.com.br/collection/manda-nudes>. Acesso em 10 de agosto de 2020.

Meme Manda Nudes. Disponível em: <https://mandanude.tumblr.com/>. Acesso em 11 de agosto de 2020.

Meme Send Nudes. Disponível em: <https://knowyourmeme.com/memes/send-nudes>. Acesso em 11 de agosto de 2020.





2019 - 2021